

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL
DOUTORADO EM LETRAS**

TESE DE DOUTORADO

**ENTRE LEITURAS, PROSA E VIOLA:
LER, ESCREVER E CONVERSAR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE
LITERATURA E PRODUÇÃO TEXTUAL DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE
LAGES/SC**

EVELISE P. ROSA FARACO DE OLIVEIRA

PASSO FUNDO/RS

2024



EVELISE P. ROSA FARACO DE OLIVEIRA

**ENTRE LEITURAS, PROSA E VIOLA:
LER, ESCREVER E CONVERSAR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE
LITERATURA E PRODUÇÃO TEXTUAL DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE
LAGES/SC**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de doutor em Letras, sob orientação da Prof.^a Dra. Fabiane Verardi.

PASSO FUNDO/RS

2024

CIP – Catalogação na Publicação

O48e Oliveira, Evelise P. Rosa Faraco de
Entre leituras, prosa e viola [recurso eletrônico] : ler,
escrever e conversar na formação de professores de literatura
e produção textual da rede pública municipal de Lages/SC /
Evelise Pinto Rosa Faraco de Oliveira. – 2024.
15 MB. ; PDF.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiane Verardi.
Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Passo
Fundo, 2024.

1. Literatura (Ensino fundamental). 2. Professores -
Formação. 3. Leitura. I. Verardi, Fabiane, orientadora.
II. Título.

CDU: 371.13

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a tese

**“Entre leituras, prosa e viola: ler, escrever e conversar na formação de professores de Literatura e
Produção Textual da rede pública municipal de Lages/SC”**

Elaborada por

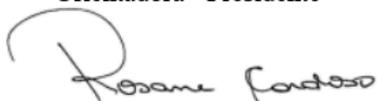
Evelise Pinto Rosa Faraco de Oliveira

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências,
Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de
Doutor em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva.

Aprovada em: 20 de fevereiro de 2024
Pela Comissão Examinadora



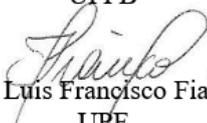
Prof.^a Dr.^a Fabiane Verardi
Orientadora - Presidente



Prof.^a Dr.^a Rosane Maria Cardoso
UNISC



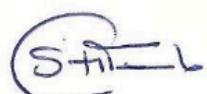
Prof.^a Dr.^a Marinês Andréa Kunz
UFPB



Prof. Dr. Luis Francisco Fianco Dias
UPF



Prof.^a Dr.^a Marlete Sandra Diedrich
UPF



Prof.^a Dr.^a Claudia Stumpf Toldo Oudeste
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

AGRADECIMENTOS

Ao chegar aqui para escrever os agradecimentos, impossível não buscar na memória a fase inicial do processo do doutorado, pensamos, refletimos, choramos, nos estressamos, desabamos, as crianças cresceram, o tempo passou, mas não passou sozinho, nem passou despercebido. Tivemos perdas, curas, resiliência, paciência, entre tantos outros sentimentos que em palavras são difíceis de colocar. Nos momentos solitários da escrita, nosso cansaço se misturava aos encantos e desencantos do que é estudar! A solidude acontece somente nos momentos de escrita, pois, para uma mãe, esposa, professora, filha, irmã, amiga, neta, aluna...e tantas outras Evelises que me acompanham, a base vem forte! Filhos amados, chegamos, a mamãe finalizou mais essa etapa. Obrigada por acompanharem e compreenderem a ausência em alguns momentos; Alexandre, finalizamos juntos, o seu apoio é o meu maior incentivo, por você eu vou até a lua e enfrento os desafios da vida; Mãe e Pai, parceiros, gratidão por todo o apoio e por acreditarem que eu sou capaz; Mana e Mano, garantiram a paz de espírito para aguentar o tranco; Leonela, entre idas e vindas, minha apoiadora e meu braço direito e esquerdo, você é guerreira e apresenta muitas brasileiras desse mundo; Vanessa, minha dupla, iniciamos a jornada de encarar as estradas do Rio Grande do Sul, seguimos juntas nas estradas da vida! Gratidão pelas leituras e por não desistir de corrigir as minhas versões; Gustavo, meu amigo, colega de faculdade, de trabalho, de profissão, grata pela ajuda para finalizar! Amigos do grupo off, depois de eu terminar este agradecimento, vai um meu Diário em PodCast (poderíamos registrar), donos das melhores piadas internas, na alegria e nos perrengues! Resiliência define! Minhas amigas, comadres, companheiras de jornadas, tomaremos muitos cafés juntas! Vó, não demorarei tanto para visitá-la. Professor Dr. Miguel Rettenmaier (UPF), grata pela jornada até aqui. A Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Letras, Professora Dra. Claudia Toldo, gratidão. À Professora Dra. Fabiane, obrigada por me acolher e entender que tudo vale a pena! Diretoras, professoras, equipe escolar das Emebs Professora Belizária Rodrigues e Eduardo Pedro Amaral, obrigada pelo apoio e paciência com a professora Evelise. A prefeitura municipal de Lages/SC pelo apoio financeiro e de licença de trabalho.

Um verso não concluído é final de meta
Mesmo com poucas letras ainda sou poeta
Consigno paz e estou feliz das rimas que faço
É nela que encontro o calor do abraço
Com a alma fortalecida pela inspiração divina
E assim afasto o mal que me domina
Isolo os ruídos e esqueço as incertezas
Contemplo a vida e suas belezas
(Rudenei Rogério de Oliveira Rosa, 09 fev 2013).

RESUMO

Esta pesquisa se propôs a acompanhar os professores de Literatura e Produção Textual, da rede municipal de Lages, Santa Catarina, Brasil, durante os encontros de formação continuada para o desenvolvimento e aprimoramento pedagógico. O objetivo desta tese foi investigar a relação experiência/sentido, pela leitura literária, com os professores, a partir da leitura, escrita e diálogo, além de apresentar as práticas das formações continuadas durante sete encontros no ano de 2019 para os professores de Literatura e Produção Textual, na intenção de ampliação das concepções leitura e da abertura para novas possibilidades pedagógicas para atuar. Contribuíram para a reflexão, conceitos de *Mikhail Bakhtin (2011)*, *Michèle Petit (2019)* e *Jorge Larrosa (2019)*, além de outros autores que nos ajudaram na compreensão da concepção de leitura e contribuíram para a análise do objeto de estudo, como *Rildo Cosson (2014)*. Contamos com a participação de treze professores da rede pública e municipal, que trabalhavam nos anos iniciais do ensino fundamental com o componente curricular Literatura e Produção Textual. A partir dos dados coletados nos encontros de educação permanente, apresentamos a descrição das atividades desenvolvidas, dentro do apoio da Análise do Conteúdo de *Bardin (2011)*, divididos em categorias de análise chamadas de a) concepção de leitura; b) tempo e espaço; c) relação professoras e alunos; d) planejamento e reestruturação do texto; e) atuação como professora, além da metodologia de Pesquisa-ação de *Thiollent (2011)*, a partir do tema da pesquisa, formar professores de Literatura e Produção Textual, através da prática escolar e no envolvimento das formações, apresentados como elementos de análises. A mudança ocorreu pela visão dos professores, através de suas experiências escolares, planejamentos e formas de conduzir os seus trabalhos, estes perceberam os pontos positivos de ampliar os seus conceitos de leitura e o que precisa ser melhorado na busca pela formação de novos leitores na rede de ensino do município de Lages.

Palavras-chave: Literatura. Produção Textual. Formação Docente. Experiências de leitura.

ABSTRACT

This research aimed to accompany Literature and Text Production teachers from the municipal education of Lages, Santa Catarina, Brazil, during continuing education meetings for pedagogical development and improvement. The objective of this thesis were to investigate the experience/meaning relationship, through literary reading, with teachers, based on reading, writing and dialogue, in addition to presenting the practices of continued training during seven meetings realized in 2019 for Literature and Textual Production, with the intention of expanding reading concepts and opening up new pedagogical possibilities to act. Contributed to the reflection, concepts of *Mikhail Bakhtin (2011)*, *Michèle Petit (2019)*, *Jorge Larrosa (2019)*, as well as other authors who helped us understand the concept of reading and contributed to the analysis of the object of study, such as *Rildo Cosson (2014)*. We had the participation of thirteen teachers from municipal public schools, who worked in the early years of elementary school with Literature and Text Production curricular components. Based on data, collected from the continuing education meetings, we present a description of the activities developed, within the support of the Content Analysis from *Bardin (2011)*, divided into categories called: a) reading conception; b) time and space; c) teacher and student relationship; d) planning and restructuring the text; e) acting as a teacher, in addition to the Research-action methodology from *Thiollent (2011)*, based on the research theme, training Literature and Text Production teachers, through school practice and involvement in training, presented as an element of analysis. The change occurred through the teachers' vision, based on their school experiences, planning and ways to conduct their work, they realized the positive points of expanding their reading concepts and what needs to be improved in the search for training new readers.

Keywords: Literature. Text production. Teacher Training. Reading experiences.

LISTA DE FIGURAS

Quadro 1 – Alunos matriculados na educação municipal de Lages	20
Figura 1 – Média de livros lidos	27
Figura 2 – Retratos da leitura no Brasil	28
Figura 3 – Linguagem e comunicação	37
Figura 4 – Compreensão da linguagem em seu cenário cultural	39
Figura 5 – Objetivos de desenvolvimento sustentável UNESCO	51
Figura 6 – Finalidades da BNCC	60
Figura 7 – Direitos de Aprendizagem da BNCC	63
Figura 8 – Panorama geral dos Encontros de Formação de Professores	71
Figura 9 – Leitura compartilhada – Bula do Amor	75
Figura 10 – Capa do livro “As três perguntas do Rei”	80
Quadro 2 – Práticas de Pré-leitura e Pós-leitura	78
Figura 11 – Produção dos professores de Literatura e Produção Textual	86
Figura 12 – Produção textual	96

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEIM	Centro de Educação Infantil Municipal
DCSMEL	Diretrizes Curriculares do Sistema Municipal de Educação de Lages
EMEB	Escola Municipal de Educação Básica
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
IDEB	Índice de Desenvolvimento de Educação Básica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LPT	Literatura e Produção Textual
MEC	Ministério da Educação
NEEP	Núcleo de Excelência em Educação Permanente
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESC	Serviço Social do Comércio
SMEL	Secretaria Municipal da Educação de Lages
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: PARA ALÉM DOS CAMPOS ACIMA DA SERRA	13
2 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA: DA AUTORA E DA LITERATURA E SUAS INFINITAS POSSIBILIDADES	18
2.1 A PESQUISADORA EM SEU LUGAR: ESPAÇO DE TRABALHO	18
2.2 A LEITURA E SUA CRISE: LER O MUNDO, EXPERIÊNCIAS DE TRANSMISSÃO CULTURAL NOS DIAS DE HOJE	21
2.3 PESQUISA E A LEITURA: DADOS DO BRASIL	27
3 DIAS DE OUTONO: A EXPERIÊNCIA DE LER E SER	31
3.1 LINGUAGEM E CULTURA	31
3.2 ESTUDOS DE LITERATURA E A FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES	39
3.3 A EXPERIÊNCIA DE SER NARRADOR	42
3.4 A EXPERIÊNCIA DE SER PROFESSOR	45
4 SOPRAM OS VENTOS DO SUL: EM TEMPOS DE CRISE (PERMANENTE), PROFESSORES EM FORMAÇÃO	49
4.1 A IDENTIFICAÇÃO DOS PROFESSORES	49
4.2 TEMPO E ESPAÇO ESCOLAR	59
5 INÍCIO DA FLORAÇÃO NA COXILHA: ACOMPANHAMENTO DAS FORMAÇÕES (METODOLOGIA CONTEXTUALIZADA)	61
5.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA GEADA TARDIA	64
5.2 ONDE A SEMENTE DO SABER FLORESCE (POPULAÇÃO DO ESTUDO)	68
5.3 A COMPENSAÇÃO DOS TEMPOS DE SOLIDÃO (FASE EXPLORATÓRIA)	71
5.4 O CONHECIMENTO E A AÇÃO (FASE PRINCIPAL)	73
5.5 DENTRE FLORES E ESPINHOS, A MAIS BELA FLOR APARECE	88
6 DE QUEM PLANTA E COLHE: PERSPECTIVAS DE FLORES A BROTA	90
6.1 O SIGNIFICADO DA AROMADA, FLOR CAMPEIRA: ENCONTRO DOS CAMINHOS PERCORRIDOS	95
6.2 O RETORNO DO MOVIMENTO DA LITERATURA EM SEU LUGAR	100

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM CANTO PARA OS ENCANTOS DAS LAJENS: NOVAS ESTRATÉGIAS PARA CONTINUARMOS	103
REFERÊNCIAS	108
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	111
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	112
ANEXO C – PLANEJAMENTO SMEL	114
ANEXO D - LIVRO AS TRÊS PERGUNTAS DO REI	116
APÊNDICE A – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DOS ENCONTROS	118
APÊNDICE B – REGISTROS DOS QUESTIONÁRIOS REFLEXIVOS	119

1 INTRODUÇÃO: PARA ALÉM DOS CAMPOS ACIMA DA SERRA

De lá de cima da serra
Eu semeio esperanças,
Por um tempo de bonança
De gente alegre e feliz!
(Éder Goulart)

Língua, linguagem, literatura, som, imagem, comumente misturamos as letras aos sons. Desde pequenos, somos embalados embalados por cantigas que nos acalmam e nos fazem adormecer. Quando olhamos para o setor educacional, dentro da prática escolar, não observamos diferente, os professores naturalmente acolhem os seus alunos com cantigas.

Somos assim, meio rústicos, campeiros, coração alegre e sempre com a cuia de chimarrão nas mãos, dos altos de Santa Catarina, na cidade de Lages, local habitado pelos tropeiros passantes das tropas de bois. Por conta dos anos de colonização no Brasil, criamos raízes tradicionalistas, divididas por terras com o Paraná e com o Rio Grande do Sul. O clima frio não espantou os viajantes que passaram a ser os novos moradores, se alojando no local que hoje é o centro da cidade.

Lages se localiza a 231 quilômetros de Florianópolis/SC e 280 quilômetros de Passo Fundo/RS. Com boa água por perto, com o passar dos anos, além das tropas de gado, o comércio foi se estabelecendo, a cidade cresceu e prosperou com a era da madeira no sul do país.

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2021, a cidade de Lages tem uma população estimada em 157.158 habitantes, o nível de alfabetização está acima de 90% entre crianças e adolescentes. Os trabalhadores das famílias são em média 32%, o que gera insegurança devido aos baixos salários e pouca oferta de trabalho.

Entretanto, na busca por melhores condições, a formação educacional de qualidade pode estar entre as soluções para a distribuição de renda mais efetiva e que promova qualidade de vida aos moradores de Lages.

Com paisagens de tirar o fôlego, a cidade passou a explorar o turismo rural, os hotéis oferecem, além da estadia, uma alimentação rica de histórias do passado e passeios pelas trilhas e cachoeiras das fazendas locais. No inverno, as atrações ficam por conta dos festivais de música e ainda com as comidas típicas feitas à base

de pinhão. A Sapecada da Canção Nativa, criada em 1993, foi o primeiro festival nativista de Santa Catarina.

Além de servir como referência para o surgimento de outros festivais de música no estado, comprovou-se que esse movimento cultural, com o passar dos anos, foi se tornando fundamental para as gerações futuras na questão cultural. O evento já recebeu o título de “Maior Festival Nativista do Sul do Brasil”, em 1998, pelo Troféu Laçador, promovido pelo jornal Farrapos, de Porto Alegre/RS.

Inserida no campo educacional, esta pesquisa buscou espaços para trilhar caminhos entre leituras, prosa e viola, atuando de forma prática, explorando as vantagens da formação de professores de Literatura e Produção Textual da rede pública municipal de Lages.

Para além dos campos de cima da serra, abordamos, na primeira etapa, a formação de professores de Literatura e Produção Textual para atuar no Ensino Fundamental dos Anos Iniciais das escolas de educação básica do município de Lages. O *corpora* desta tese foi composto por um grupo de treze professores da disciplina de Literatura e Produção Textual e por três formadores em ação, da Secretaria de Educação de Lages, Santa Catarina, Brasil. As estações do ano, relacionadas poeticamente, são exploradas pelas nomeações dos capítulos, cada um deles pretende, imagetivamente, compor um cenário com letras e paisagens ao longo da leitura.

O objetivo geral acontece através da investigação dos encontros de formação continuada, oferecidos pela Secretaria de Educação de Lages, no ano de 2019, aos professores de Literatura e Produção Textual, na intenção de compreender a relação experiência/sentido, pela leitura literária, junto aos professores, a partir da leitura, escrita e diálogo, para o desenvolvimento dos professores leitores que atendem a comunidade escolar do município.

A tese, também, apresenta três objetivos específicos: 1) transformar o ato de ler, escrever e conversar atuando com mediações transformadoras entre os professores e a rede escolar para a formação de novos leitores, para que pensem e que se questionem quanto a sua identidade e sua formação; 2) disseminar entre os professores participantes da pesquisa a responsabilidade da transmissão cultural; 3) transformar o espaço escolar em lugar de oportunidades e de conhecimento para a formação de professores leitores.

A partir da introdução, no capítulo dois, apresentamos o lugar de onde falamos: “Localização geográfica: da autora e da literatura e suas infinitas possibilidades” importando com a relevância da literatura na formação de novos leitores. Estabelecemos as relações entre os impactos de desenvolvimento das aprendizagens dos alunos da rede municipal de educação e as propostas educacionais aplicadas em 2019. Direcionados pelos pressupostos teóricos de Daniel L. Everett, buscamos compreender a evolução da linguagem, bem como a comunicação e relação entre os indivíduos que assumem novos espaços para assim, através dos pensamentos teóricos de comunicação de Mikhail Bakhtin, com base em suas perspectivas sociais e psicológicas sobre a interação humana, nos debruçarmos sobre os problemas e enfrentados pela rede escolar de educação no que se refere às mudanças ocorridas desde o início da civilização humana.

No terceiro capítulo: “Dias de outono: a experiência de ler e ser”, nos arriscamos a experimentar um tempo calmo de outono, enquanto as folhas amarelam e caem das árvores, os encontros em sala de aula tornam-se materiais para a experiência da leitura. Para além de formar professores, pensamos estrategicamente também em formar a nós mesmos e trabalhar com a literatura, como forma de liberdade dentro de um sistema já estabelecido, em meio a mudanças, pensamos em como podemos desenvolver a emancipação dos sujeitos. Através da leitura, juntamente com as experiências trazidas, os novos leitores puderam se desafiar e saírem em busca de novas interpretações.

“Sopram os ventos do sul”, o quarto capítulo, encaminha a pesquisa para o momento que chamamos de crise (permanente) durante as formações dos professores de Literatura e Produção Textual, entendemos que o sistema de educação apresenta momentos de tensão.

“Início da floração na Coxilha: acompanhamento das formações (metodologia contextualizada)”, o anúncio de uma nova estação apresentou-se no quinto capítulo, na intenção de sabermos qual o nosso ponto de partida, relatamos quando os encontros de formação dos professores iniciaram o projeto de Literatura e Produção Textual; a identificação dos professores participantes da pesquisa; o tempo e o espaço escolar.

A aproximação dos fatos inclui a identificação dos professores, a descrição do tempo e o espaço escolar e os desafios que enfrentamos (como professores).

A metodologia está contextualizada na análise da coleta de dados, a pesquisa-ação são apresentados a partir dos pressupostos de Michel Thiollent, pois, nos inserimos na pesquisa, não somente como espectador, mas como parte do processo de desenvolvimento da metodologia aliada à prática, de frente a diferentes formas de atuação, os aspectos estruturais da pesquisa se inseriram na realidade social. Além disso, a pesquisa-ação nos permitiu superar as lacunas existentes entre a pesquisa educativa e a docência, ou seja, entre a teoria e a prática, os resultados ampliaram a capacidade de compreensão pela relação dos professores com as suas práticas.

As experiências de leitura, escrita, conversa e ainda o paradigma indiciário, nos aproximou dos professores para que juntos pudéssemos buscar por elementos que não estavam somente nos dados coletados, mas também, nos diálogos e nas experiências compartilhadas durante as formações dos professores de Literatura e Produção Textual.

O capítulo conta a trajetória dos três primeiros anos, no momento em que éramos um grupo de professores da mesma disciplina, trabalhando presencialmente, portanto, decidimos analisar o ano de 2019, através do projeto de trabalho que foi dividido em sete encontros, sendo o último um “Convescote Literário”. A população de estudo contou com treze professores de Literatura e Produção Textual.

Para a etapa e sexto capítulo “De quem planta e colhe: perspectivas de flores a brotar”, tomamos a aromada, flor campeira para trilhar e nos conectarmos aos caminhos percorridos nesta pesquisa, iniciando os fechamentos de cenários e o entrosamento entre a teoria e a prática dentro das experiências compartilhadas até aqui.

Incluimos neste momento as categorias de análise utilizadas, divididas em cinco etapas, considerando as respostas do questionário reflexivo aplicado durante o encontro de educação permanente do mês de outubro de 2019: a) Literatura; b) Tempo e espaço; c) Relação Professoras e Alunos; d) Planejamento e reestruturação do texto; e) atuação como professora.

Nas considerações finais, tomamos a linguagem, o tempo e o espaço, os quais perceberemos que jamais sossegam, sempre mudarão as suas rotas, por vezes o sopro dos ventos nos desafiarão; porém, quando entendemos que as experiências são como cantos aos nossos ouvidos, temos a esperança de que

quando as letras, o som e a viola se encontraram, talvez possamos assumir o comando de experimentar, ensinar e cativar os professores na emancipação de seus conceitos de leitura e para que possam experimentar novas metodologias e ações para atuarem com diferentes propostas para a formação de leitores.

As estratégias serão constantes para que as mudanças na atuação escolar não nos peguem de surpresa, o tempo poderá ser o nosso aliado, mesmo sabendo que ele também poderá nos enganar. Assim, "Um canto para os encantos das Lajens: novas estratégias para continuarmos", finaliza a etapa de pesquisa deste momento.

2 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA: DA AUTORA E DA LITERATURA E SUAS INFINITAS POSSIBILIDADES

A ARTE DAS MÃOS

Ah, se eu pudesse traduzir em versos o sentimento de agora.

Para poder contribuir com frases sobre o tema apresentado.

A Arte, com tantos sinônimos sugeridos, me conduz a um só significado, e retrata a HABILIDADE das mãos, para esse meu recado.

Recado de homenagem e sutil referência.

Que entre irmãos de sangue ou opção, só encontro semelhanças.

Aqui fica o registro do sentimento que aflora, para dois Tauras campesinos que considero e respeito.

Por Eles, sempre revivo fortes emoções e, se os considero irmãos, é porque trago no coração suas HABILIDADES fraternas.

É no APERTO de mão e no DEDILHAR do violão, que eu defino que a ARTE FAZ UM IRMÃO, no cumprimento do Naza, ou na guitarra do João.

Seja no som da guitarra ou na fraterna comunhão, fica na alma gravada, arte, música e saudação, em forma de afago e afeiçoão.

Meus amigos e irmãos, no intenso aperto de mão e no harmonioso som do violão, como reconhecimento, minha eterna gratidão.

(Rudenei Rosa – 18º Corredor do Canto e Poesia 22/11/2019 – Sítio Vó Tonha Santa Isabel Apoio e acompanhamento Musical Conrado Jr.)

2.1 A PESQUISADORA EM SEU LUGAR: ESPAÇO DE TRABALHO

Rodeada pelos talentos da arte, letras, som e violão; filha, neta, irmã, sobrinha, esposa, nora, prima, mãe...todas em uma só, me apresento para as Letras com a responsabilidade de me entregar à escrita e representar aos que me inspiram a ler, escrever, ensinar e proporcionar experiências de trocas em forma de diálogos e, que até chegar aqui, me formaram professora e coordenadora, sem esquecer de que estarei sempre tentando evoluir no trajeto que começaremos agora.

A letra de música acima vem das mãos do meu pai, Rudenei Rogério de Oliveira Rosa, o meu formador de leitura, foi ele que me inspirou e me manteve desde bem pequena perto dos livros. A mãe, alfabetizadora, Eligia Pinto Rosa, sobrenome que herdei, percebeu o meu interesse pelas letras antes dos cinco anos de idade, aproveitou a empolgação e me alfabetizou em casa. Quando ingressei no primeiro ano, aos quase sete de idade, já lia há tempos. Adorava as palavras “complexas”, principalmente se tivessem ss, xc, ch, lh, ç, acentuação.

Assim, a literatura, em diversos modelos e momentos da vida, me acompanhou e ainda me acompanha. Vinda de uma família de músicos, a avó toca gaita de boca e piano, todos com raízes tradicionalistas, envolvidos na cultura gaúcha. Aqueles que frequentam a casa dos meus pais sempre têm uma poesia

para declamar na ponta da língua. Os que não declamam, cantam, tocam e dançam, e os mais tímidos? Esses escrevem: contos, crônicas, histórias e poesias. A participação é natural, faz parte do dia a dia da família. Até aqui, essa sou eu, feita de histórias contadas, rascunhos feitos a lápis e, com uma pitada de criatividade, me tornei professora.

Ao nos perguntarmos sobre a importância da literatura e por qual razão devemos estudá-la, precisamos entender, antes de tudo, que a literatura existe em texto e os textos são linguagens e que estamos trabalhando com a arte, porém debruçados no campo da linguagem.

[...] as obras literárias são, antes de tudo, textos. Mas a linguagem não se limita à literatura. Embora frequentemente seja mais agradável estudar a literatura, ela dá provas de um funcionamento particular, que não cobre a totalidade do campo da linguagem (JOUVE,2012, p.9).

Inspirada em versos e cantigas, minhas aulas foram voltadas para as letras e línguas, pois com elas compramos o passaporte para viajarmos para qualquer mundo que possa existir. Não temos limites e nem fronteiras quando podemos falar, ler e escrever, para quem e quando pudermos. Não há sequer um fenômeno claro quando nos deparamos com essas tais experiências, como se refere Larrosa (2019):

Cantos apaixonados, intensos, prementes, emocionados e emocionantes, que têm a experiência como tema ou como motivo principal, se entendemos os termos “motivo” e “tema” em seu sentido musical. A experiência não é uma realidade, uma coisa, um fato, não é fácil de definir nem de identificar, não pode ser objetivada, não pode ser produzida. E tampouco é um conceito, uma ideia clara e distinta. A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto (LARROSA, 2019, p. 10).

Ao ingressar na docência, me dediquei à Língua Inglesa e em escolas particulares, somente com a conclusão da graduação em Letras, em 2012, após o concurso do município, ingressei no setor público, lugar onde estou há quase onze anos. A minha primeira graduação foi em Administração, acredito que pelo mesmo fascínio dos livros do meu pai, me apeguei na formação profissional dele e então resolvi ser uma administradora.

Pelo meu perfil e criatividade, sempre fui bem aceita nas empresas de Lages e região. Trabalhei alguns anos em jornada dupla, nas empresas da família

(comércio da mãe e prestação de serviços terceirizados do pai), além da indústria de madeira em Lages. Porém, algo me inquietava, eu gostava da rotina, mas me sentia presa aos serviços burocráticos, parecia que eu não estava produzindo o que eu poderia produzir.

Coisas estranhas acontecem com pessoas inquietas e foi assim que eu fui parar na Inglaterra, estudei e me formei em Língua Inglesa e me habilitei em *English Teacher as a Foreign Language*, assim, encontrei meu lugar como professora. Entretanto, eu ainda não sabia que o universo das letras e suas infinitas possibilidades me aguardavam.

No setor educacional da cidade, a Secretaria Municipal da Educação de Lages é a instituição responsável pelas escolas de educação básica, e dispõe de 127 unidades de ensino (EMEBs, Itinerante e CEIMs), sendo: 76 Centros de Educação Infantil urbanos; 32 Escolas Urbanas de 1º ao 5º ano e de 6º ao 9º ano; 15 Escolas no Campo; 03 Centros de Educação Infantil no campo e 01 Escola Itinerante com núcleo de Ensino Médio. O município também conta com o Polo da Universidade Aberta do Brasil (UAB) em parceria com as Universidades Federais. A educação dos adultos também faz parte desse setor, atuando com quatro turmas de EJA (Educação de Jovens e Adultos) junto ao SENAI, que apoia com professores e material didático. Os dados relacionados a seguir no Quadro 1, são da Secretaria Municipal de Educação dos alunos matriculados no ano de 2020:

Quadro 1 – Alunos matriculados na educação municipal de Lages/SC

Educação Infantil (CEIMs)	Ensino Fundamental (EMEBs)	Ensino Médio (EMEF Itinerante)
7.848 crianças	7.671 estudantes	69 estudantes
Total da rede municipal em 2020	15.546 estudantes	

Fonte: Movimento Mensal (SMEL) de março/2020.

A responsabilidade da formação integral desses mais de 15 mil estudantes volta-se aos professores da rede pública e municipal de educação de Lages. Por isso, a Secretaria de Educação da cidade, em suas atribuições, incluiu 40 horas anuais de formação continuada aos educadores, além de incentivo na carreira dos professores efetivos da rede. Atualmente, são cerca de 1600 professores que atuam na educação do município e que participam das horas anuais de formação continuada, que, no momento, denomina-se educação permanente.

2.2 A LEITURA E SUA CRISE: LER O MUNDO, EXPERIÊNCIAS DE TRANSMISSÃO CULTURAL NOS DIAS DE HOJE

Ao abrir o livro, geramos inconscientemente expectativas que navegam entre a ilusão e a realidade, esperamos curar a nossa dor e entender o mundo através das personagens que, por muitas vezes, ficam em nossas memórias e que nos acompanham por longos anos. A cada página virada, ou dedo deslizando na tela, encontramos localizações de diferentes ângulos e desvendamos mundos paralelos e, evidentemente, vivemos o prazer da leitura.

Segundo Zilberman e Lajolo (2002), a leitura é uma questão que, levantada em termos metodológicos e teóricos já nos anos 80 (ao fim do período da ditadura cívico-militar), ainda não encontrou respostas satisfatórias. Aprender a ler vai muito além da obrigatoriedade escolar, o espaço que criamos ao percorrer o caminho da leitura tem o potencial de nos dar um lar, sermos acolhidos e ainda, um item indispensável, é o desenvolvimento da criatividade, habilidade tão desejada nas novas formas de trabalho e convivência social.

A nossa passagem pelos primeiros anos da literatura no Brasil importa para a compreensão dos eventos sobre a leitura e seus caminhos tortos e situações

precárias na educação que nos leva a crer que ainda sentimos esses resquícios na atualidade. A catequização dos pioneiros, feita pelos jesuítas, promoveu um projeto evangélico que impôs poder aos ditos "civilizados", ou seja, os que catequizavam.

Então, nos deparamos com a escola que convertia os moradores do local, aqueles que chegaram muito antes dos colonizadores, à fé católica e que assim, após a catequização haveria a possibilidade de dominar o território. Foram mais de duzentos anos dessa prática pedagógica, e que acabou por fazer com que os índios abandonassem suas formas religiosas e culturas tradicionais. Nesse modelo, a literatura desencaminhou as crenças regionais e por imposição criou outra forma de civilização.

No século XXI, reconhecemos que a descaracterização da cultura original, e como nos afetou profundamente em relação à riqueza das tradições, e que ainda hoje lutamos através de estudos para resgatar o que ficou perdido no passado.

O primeiro grande projeto educacional desenvolvido no Brasil resultou do projeto evangélico dessa política catequética, executado sobretudo pelos jesuítas, que aportaram na Bahia com o governador-geral Tomé de Sousa, em 1549, e aqui permaneceram até 1759, quando foram expulsos pelo marquês de Pombal. Nesses 210 anos, consolidou-se a prática pedagógica talvez mais marcante e bem documentada da história colonial brasileira, responsável pelo estabelecimento das condições dentro das quais leitura e escrita, como modelos de ação coletivos e institucionais, firmaram-se entre nós (LAJOLO; ZILBERMAN, 2002, p. 17).

A prática pedagógica eleita pelos jesuítas foi descrita nos relatórios do funcionamento da escola que naquela época, além da catequese, buscavam desenvolver e propagar a língua portuguesa, a leitura e a escrita. Os conflitos sempre existiram, primeiramente pela diferença cultural, raça e ainda a diferença entre a língua falada.

Seja literatura ou liberdade, aprender a ler e ser um interpretador de ideias, com certeza, pode nos libertar de conceitos pré-estabelecidos pela sociedade. A cada época, a literatura apresenta aos seus leitores novas verdades e definições que duram até a abertura do próximo livro, pois vamos inserindo novas ideias a cada novo capítulo. E de onde vêm a imaginação e o prazer de ler? Pela contemplação do leitor e suas novas descobertas, pela empatia com as personagens, pelas emoções que sentimos quando estabelecemos o contato com a leitura:

A literatura é porta para variados mundos que nascem das inúmeras leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto (LAJOLO, 2018, p. 55).

A leitura, ao longo dos séculos, mudou de lugar, de público, gerou novos olhares e sempre está ao lado da construção e desenvolvimento da sociedade, século marcado pela digitalização do universo e globalmente conectado. Comprovadamente, leitor, leitura e literatura são parceiros de longas aventuras.

E o que é a literatura para nós? Palavra que sempre está na mídia, nos noticiários, porém, ninguém esclarece realmente do que se trata e para quem é esse real fantástico e imaginário mundo desconhecido, planetas além do que conhecemos, sem contar com a parte que aprendemos a ser nós mesmos, que pela literatura nos identificamos e criamos empatia para vivermos no mundo real.

A literatura vem da oralidade, os registros cotidianos, econômicos e políticos da época eram feitos na argila, com símbolos formados por cones. Nesse mesmo momento, surgem os hieróglifos no Egito. Essa escrita era dominada apenas por pessoas poderosas da sociedade, como escribas e sacerdotes. Desde então, sabemos a importância da escrita para a humanidade: “as culturas não somente guiam a compreensão do mundo pelos humanos, mas também definem aquilo para o que vale a pena olhar”. (EVERETT, 2019, p. 42).

Entretanto, vale lembrarmos que com todas as mudanças, que não são poucas, em todos os sentidos, além da revolução tecnológica e acesso à informação em todas as plataformas digitais, podemos ainda decidir objetivamente o que pode ou não ser digno de ser considerado literatura?

Hoje a literatura é produzida por uma indústria tão sofisticada quanto a indústria de alimentos, que oferece molho de tomate para todos os gostos, com coentro ou sem cebolinha, com pedaços grandes de tomate ou como creme homogeneizado (LAJOLO, 2018, p. 13).

Em meio a literatura produzida industrialmente como Lajolo nos alerta, a resposta é não. Há espaço para criatividade e inovação, sem exceção, e toda uma multiplicidade de manifestações provindas de diversas instâncias da sociedade, o que torna complexa qualquer definição. O literário, na realidade, como fenômeno, talvez nem se queira definir, talvez surja a cada voz, a cada canto e em cada canto como uma perturbadora maneira de ver a vida e de indefinir qualquer transparência.

Para desvendar um pouco mais sobre essa inquietação do que se trata a literatura, pois falar sobre literatura nos abre a mente, podemos explorar novas formas e ideias de leitura. As respostas não são prontas e super elaboradas, já que a literatura também se faz na simplicidade, dentro de diálogos ou monólogos, com formas físicas ou digitais, entre amigos ou com lançamento online, ao vivo para o mundo ler.

Para a existência da literatura, precisamos de um sistema que inclua, além das obras, dois sujeitos: o autor e o leitor. O autor procura escrever o que imagina que seus leitores gostariam de ler; porém, nem sempre precisa ser assim, também há farpas no caminho do sujeito leitor, que pode ou não gostar do que leu e contribuir positivamente ou negativamente com o sujeito autor.

O autor procura trabalhar na perspectiva de ter leitores envolvidos em sua escrita e, claro, o leitor é exigente, mas também pode ser distraído, desligado, esquecer o livro pelo caminho, mas ele está ali e vai ser responsável na produção da literatura. Além desses dois sujeitos, temos a institucionalização da produção literária.

Setores especializados responsáveis pela literarização maior ou menor de um texto, pela valorização menor ou maior de outro são os intelectuais, os professores, a crítica, o merchandising de editoras de prestígio, os cursos de letras, os júris de concursos literários, os organizadores de programas escolares e de leituras para vestibular, as listas de obras mais vendidas [...] (LAJOLO, 2018, p. 27).

Entre todos esses setores responsáveis pela adição ou subtração da literatura, a escola é fundamental no processo de avaliar, inspirar, criar novos leitores, além de produzir a crítica literária e qualificar a leitura em todas as responsabilidades que a escola carrega. Já entendemos, até aqui, que temos sujeitos e instituições colaboradoras da literatura e que não é possível a definição exata de seu estado, porém os estudos literários mudaram também, muito mais para incluir, para entender os novos papéis da literatura digital, suas intertextualidades e a existência de um passado fundamental, do que para assegurar todas as novidades literárias, como se fosse um grande álbum de família. (LAJOLO, 2018, p. 36).

Quando retomamos a parte histórica da literatura, percebemos que, no seu início, a ideia de leitura e escola não eram de libertação e desenvolvimento do conhecimento, mas sim para dar atenção especial aos novos burgueses. As

crianças da nova geração de burgueses, do século XVIII, passaram a ter atenção especial, voltados ao núcleo familiar, cuja criação buscava manter suas terras e capitais para permanecerem no poder, fazendo com que a ampliação das diferenças sociais só fossem aumentando ao longo dos anos. Os escritores burgueses, empenhados na conquista do público leitor, já tinham descoberto que à literatura competia acentuar os laços com a atualidade e o cotidiano (LAJOLO, ZILBERMAN, 2002, p. 38).

[...] torna-se indicador de que tempo era esse: aquele em que, no Brasil, um grupo de consumidores começava a existir e manifestava de alguma maneira seus hábitos e expectativas culturais. Não se pode dizer que era uma camada culta ou elevada, pois preferia o vulgar e o extravagante, o farsesco do palco e o colorido da rua. Tinha, contudo, sua estrutura e definia certas tendências, homólogas às que, na arquitetura e escultura, transparecem nas igrejas mineiras, exuberantes e teatrais, lugar onde, se quisermos ver, se reproduz aquele componente cênico exibicionista que desagradava Nuno, mas de ele se arma em seu livro para melhor combatê-lo (LAJOLO, ZILBERMAN, 2002, p. 55).

Percebemos o momento do Brasil com a elevação do consumo de livros e a mudança de hábitos dos leitores. O autor do Compêndio narrativo do Peregrino da América de 1728, Nuno Marques Pereira, ficou conhecido por seu livro impresso e ainda pelo sucesso de vendas para a época. O escritor buscava a linguagem comercial para lucrar e negociar a sua literatura. Além disso, o livro, a partir de então, começou a ser utilizado como instrumento de democracia, denúncias da sociedade corrupta já naqueles anos e usando claramente a palavra como salvação para todas as classes leitoras. Portanto, a partir do século XIX, temos novas formas de público leitor no Brasil, esses leitores passam a consumir folhetins e serem frequentadores de teatro. Temos, então, a participação ativa de estudantes, jornalistas, incluindo o público feminino que passa a ser inserida no contexto cultura de leitura.

No novo país, para as adversidades da literatura em circulação, foi se fazendo a história e criando o seu espaço de atuação. Suas marcas registram uma formação de leitores, por vezes seduzidos pelo texto, e outros momentos de marginalidade:

Cabe, pois, assinalar aqui a pluralidade de formas que assume a história literária brasileira nesses seus primórdios. Sem nenhuma tradição interna a que amarrar-se, sem definição clara dos percursos de circulação de suas obras desprovidos muitas vezes dos meios econômicos necessários à sua realização, debatendo-se entre o mecenato, as encomendas editoriais e as

subscrições, os primeiros pesquisadores de nosso passado cultural elaboram parnasos, bosquejos, compêndios e similares, numa miscelânea eloquente do ecletismo da época (LAJOLO; ZILBERMAN, 2002, p. 87).

Além da pluralidade de formas de ler, passamos pela transmissão cultural, que faz parte do nosso objetivo na pesquisa. Como nos transformar em defensores da leitura e das artes para que possam sempre estar em nosso meio e podermos atuar de diferentes maneiras e abordagens? As questões que Michèle Petit aborda, passam pelas perguntas que ela recebia em conferências de leitura: para que serve ler, por que ler hoje em dia (2019). A experiência de ler pode nos levar à resolução das perguntas, pois ao provar o gosto da leitura e continuar com ela, percebemos que adquirimos além da habilidade de ler e escrever; passamos a nos relacionar com os aspectos sociais do texto, por vezes, podemos através da literatura nos compreendermos e nos desenvolvermos em muitos aspectos da vida.

Nós tomamos posse dos textos lidos tranquilamente, sem nem pensar, tamanha nossa necessidade de que se faça presente do lado de fora aquilo que está dentro de nós, de tanto que buscamos ecos daquilo que vivemos de forma confusa, obscura, indizível, e que por vezes se revela e explicita de maneira luminosa, transformando-se graças a uma história, um fragmento ou uma simples frase. E tal é nossa sede de palavras, de narrativas, de configurações estéticas, que muitas vezes imaginamos descobrir um saber a respeito de nós mesmos fazendo o texto derivar de acordo com os nossos caprichos (PETIT, 2019, p. 53).

Leitores que nos tornamos aos poucos, passamos a necessitar dos textos para nos compreender através das narrativas. Percebemos que somos seres de linguagens, dependemos das narrativas para sonhar, buscar, fazer e nos prepararmos para muitas situações da vida. Além das experiências de ler, também interagimos em ambientes com outras pessoas, escutamos, assim nos envolvemos e aprendemos diferentes vivências, lendas, crenças, ciências, além do que quisermos experimentar:

O ensinamento da literatura seria, assim, uma qualidade de escuta, de atenção às nuances, às singularidades, a “esse milagre único que cada ser humano representa”. “Uma vez que conhecermos o Outro por dentro - mesmo que se trate de nosso inimigo -, não poderemos mais ser indiferentes” [...]. Fazendo eco à escrita, a leitura de obras literárias é um meio quase incomparável de conhecer o Outro por dentro, de se colocar em sua pele, em seus pensamentos, sem temer seu caos, sem medo de ser invadido, sem se assustar demais com a projeção de sua interioridade em nós (PETIT, 2019, p. 55).

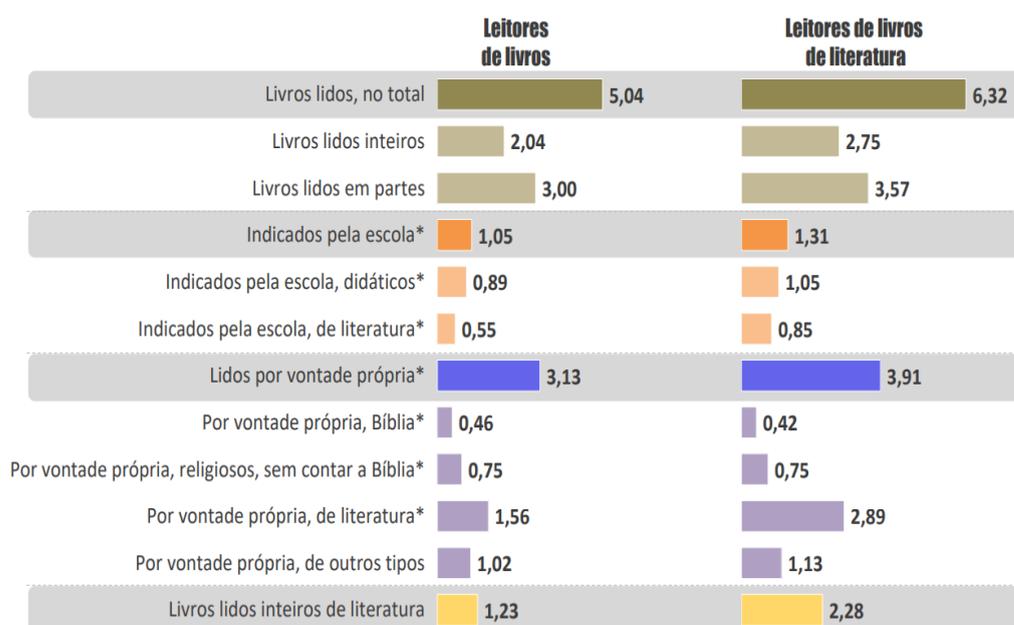
Para sermos leitores e ler o mundo, precisamos, desde o início, de alguém que nos ensine o caminho que iremos seguir. Aqui, a transmissão cultural e a literatura podem conectar-se, manter-se como uma linha entre o passado e o futuro, dando continuidade às narrativas. Através da transmissão cultural, criamos vínculos com os estudantes, e a partir do envolvimento afetivo podemos dar sentido aos textos trabalhados em sala de aula. A leitura como veículo de comunicação e transmissão da cultura, pode tornar o mundo mais aceitável: construir um mundo habitável, humano, pode encontrar ali o seu lugar (PETIT, 2019, p. 23).

2.3 PESQUISA E A LEITURA: DADOS DO BRASIL

Além do acompanhamento dos professores, optamos por desenvolver pontos de atuação da prática escolar, com o objetivo de reaprender, reestruturar e realinhar os caminhos do ensino. No que se refere à educação e à leitura, as figuras 1 e 2, apresentam aspectos que nos interessam, a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, publicada em setembro de 2019, apresentou dados de leitura dos brasileiros, que em três meses foi lido uma média de 2,04 livros, sendo em partes 3,00 no total.

Figura 1 – Média de livros lidos

MÉDIA DE LIVROS lidos nos últimos 3 meses



Fonte: Failla (2021).

Figura 2 – Retratos da leitura no Brasil

Retratos da Leitura

AMOSTRA

8.076 entrevistas 208 municípios

Amostra **desproporcional** (ponderação pela PNADC 2017)

Leitura regional e para **todas as capitais**

ABRANGÊNCIA GEOGRÁFICA

Nacional

PÚBLICO-ALVO

População brasileira residente com 5 anos e mais, alfabetizada ou não.

2019

PERÍODO DE COLETA

Outubro de 2019 a Janeiro de 2020

MÉTODO DE COLETA

Entrevistas domiciliares face a face, com registro das respostas em tablets.

Fonte: Failla (2021).

A apresentação dos dados são efetivos para a explicação da situação da leitura para a realidade de Lages/SC, de como a crise de leitura, acompanhada de suas divergências e interrupções das políticas públicas, são fatos que acompanham a educação, na medida em que nos comprometemos a desvendar os enigmas da leitura, nos deparamos com planos mal aplicados e tomamos como interesse promover a formação dos professores de Literatura e Produção Textual.

A rede municipal de educação de Lages/SC atua diretamente com propostas e sugerindo metas para o desempenho cognitivo e outras competências, isso envolve desde a educação infantil até o último ano do ensino fundamental. Entendemos que a responsabilidade se volta para a escola e também aos professores, pois além da preocupação em letrar os alunos, é necessário pensar e atuar na formação integral de cada aluno matriculado na rede.

É pauta recorrente nos encontros de estudo, a importância do desenvolvimento das habilidades de cada sujeito e ainda o aperfeiçoamento de suas competências, além disso, a saúde básica, alimentação e higiene de todos os alunos matriculados.

Uma das avaliações que demonstram os dados dos alunos matriculados na rede municipal, é o Índice de Desenvolvimento de Educação Básica (IDEB) dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental de 2017, o qual revela que o desenvolvimento não atinge os mínimos esperados dos alunos de escolas públicas. Em Lages/SC, temos a nota abaixo de 5 e várias escolas estão abaixo de 4, o que significa que estamos com deficiências em interpretação de texto, raciocínio lógico, e também cada vez mais longe de alcançarmos as metas, se comparados aos países desenvolvidos.

Compreendemos que o saber literário se corrompe ao ser inserido como análise linguística e juntamente com o ensino do componente curricular de Língua Portuguesa.

Essa postura arrogante com relação ao saber literário leva a literatura a ser tratada como apêndice da disciplina Língua Portuguesa, quer pela sobreposição à simples leitura no ensino fundamental, quer pela redução da literatura à história literária no ensino médio. É a mesma arrogância que reserva à disciplina Literatura no ensino médio uma única aula por semana, considera a biblioteca um depósito de livros e assim por diante (COSSON, 2014, p. 10).

Os professores, dentro dos espaços de leitura, são desafiados pela redução da literatura e assim, a biblioteca e seus livros se veem separados de seus leitores no ambiente escolar, assim, na busca por opções de melhorar o desempenho dos alunos, a rede municipal de educação de Lages/SC instituiu como um dos pilares para mudar esse cenário, o trabalho com a Literatura e Produção Textual, primeiramente como projeto escolar, visando suprir a necessidade das horas atividades do professor regente. No ano de 2018, o Projeto de Literatura Infantil foi elevado à categoria de disciplina, sendo inserido na matriz curricular dos Centros de Educação Infantil, sob o Parecer 203/2018, constante no Processo 007/2018, aprovado pelo Plenário do Conselho Municipal de Educação.

Dessa forma, ficou instituída a disciplina (ora reconhecida como componente curricular) Literatura e Produção Textual nas turmas de pré-escolar e nas turmas de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, com a nomenclatura padronizada em ambas as etapas. Inicialmente, quando se instituiu a Literatura e Produção Textual, os professores foram incluindo ao longo dos anos de projeto de literatura infantil na escola, contextos significativos de uso para a rotina social escolar, e entendiam que da escrita e leitura, o reconhecimento das letras, dos símbolos, por exemplo, reconhecimento de placas, mensagens, a professora escrevendo para as crianças seriam o suficiente para manter uma disciplina, a qual contemplaria o desenvolvimento cognitivo, emocional e afetivo dos alunos.

Entretanto, os coordenadores pedagógicos e os próprios professores viram que era preciso estruturar o trabalho, e construir uma nova disciplina que atendesse, a partir dos gêneros textuais, o encantamento pela leitura, incluindo ler juntos, discutir e dialogar.

Dividimos o ano de 2019 em sete encontros de educação permanente, desenvolvendo uma sequência de aulas para que, posteriormente, os treze professores aceitassem a participação. No sentido de explorar mais a disciplina, recém implantada na rede municipal de ensino de Lages, com a intenção de amenizar os problemas de leitura e interpretação textual dos anos iniciais do ensino fundamental.

3 DIAS DE OUTONO: A EXPERIÊNCIA DE LER E SER

Dias de outono
Sol de Maio, Luar de Janeiro
Me trazem lembranças muito lindas
De um tropeiro
(Mano Lima)

A leitura e suas experiências podem trazer lembranças lindas, e, explorá-las como formação de novos leitores, nos conduz a desbravar estudos de literatura em suas complexidades. O primeiro contato com a leitura, normalmente ocorre nos primeiros anos de idade. Com o tempo, percebemos que o encantamento das crianças vai diminuindo, talvez por conta do ambiente não explorado na escola, em não darmos a atenção em todas as etapas de ensino. Por isso, aqui vamos pensar na leitura como formação do leitor e pensar no leitor como o indivíduo que aprende lendo e se faz um cidadão ativo e articulado através da leitura.

Sabemos que ler nos transmite conhecimento, mas se analisarmos somente esse viés da leitura, talvez não possamos atingir os próximos passos da formação leitora. Ao lermos, podemos progredir quando entendemos também a misteriosa parte da atividade de nos compreendermos e entendermos quem somos a partir disso. Para Michèle Petit, leitura não é somente o texto, porém algo mais complexo, capaz de transformação social.

[...] estou convencida de que a leitura continua sendo uma experiência insubstituível, em que o íntimo e o compartilhado estão ligados de modo indissolúvel, e de que o desejo de saber, a exigência poética, a necessidade de relatos e a necessidade de simbolizar nossa experiência constituem a especificidade humana (PETIT, 2013, p. 32).

Pensar em leitura como formação, tem a ver com a subjetividade do leitor, que sabe como pensar na leitura como a questão de quem somos. Portanto, não se trata somente de passatempo, mas de um mecanismo de extrair o que é o mundo real e o mundo não real; também não podemos pensá-la somente como um meio de adquirir conhecimento. Se lemos para adquirir conhecimento, depois sabemos de algo que não sabíamos antes, passamos a ter algo que não tínhamos, porém isso não nos muda como pessoas, não fomos modificados.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2019, p. 25)

Assim, refletimos sobre a experiência da leitura e como ela nos afeta. Pensamos na imaginação para a construção da subjetividade que pode invadir o espaço da irrealidade, da ficção e do delírio. Para a modernidade, esse conhecimento não interessa; porém, para os antigos, era ao contrário, a imaginação era um meio essencial para o conhecimento. Não há compreensão possível sem a imaginação.

3.1 LINGUAGEM E CULTURA

A brisa que vem soprando devagar e sem vontade de parar, de mansinho, se conecta aos novos tempos. A linguagem e suas infinitas possibilidades de emancipação da humanidade, reformulada a cada tempo, vem agora em forma de redes sociais e se torna capaz de englobar todas as particularidades do ser integral, este ser que habita na cultura, no ambiente, na educação, nas políticas públicas, nas instituições e nos setores da sociedade.

Antes de chegarmos à era digital do século XXI, passamos por muitas etapas de evolução e percebemos que tudo envolve a linguagem, pois o homem se diferencia dos animais pelo seu poder da linguagem. A palavra latina “homo” significa “homem”, antes de nos tornarmos “homo sapiens” (homem sábio), os estudos comprovam que éramos “homo erectus” (que está em pé), pelos estudos, o homem sábio criou novas regras e costumes; porém, como descreve o antropólogo Daniel Everett, os erectus inventaram um outro pilar da cognição humana: a cultura (EVERETT, 2019, p.10).

O termo, utilizado a partir da migração em massa, no início da Idade Média, foi parte do que se construiu de modernidade e modernização da sociedade. Quando os europeus passaram a migrar para as Américas, surge o nome "cultura" que serviu para refinar os costumes e educar o povo, ou seja, guiados por uma

hierarquização de uma nova sociedade que estava se formando naquele momento de colonização.

O conceito presumia a existência de uma divisão entre educadores, relativamente poucos, chamados a cultivar as almas, e os muitos que deveriam ser objeto de cultivo; protetores e protegidos, supervisores e supervisionados, educadores e educados, produtores e seus produtos, sujeitos e objetos - e do encontro que deveria ocorrer entre eles. (BAUMAN, 2001, p. 13)

No momento de reflexão sobre a construção dos modelos, numa visão de “esclarecimento do povo”, nos remete aos dias atuais, em que a sociedade estipula valores, restringindo a cultura popular, categorizando a diversidade cultural como não apta a pertencer aos “desenvolvidos”. A linguagem, com certeza, faz parte da nossa herança cultural, o desafio da modernidade e no momento, passamos para a sociedade pós-moderna é a de conviver entre comunidades e se reconhecer, entretanto, além de preconceitos e ser aceito sem mudar suas origens, respeitando a cultura dos ancestrais, sem distinção de credos e valores.

Para a nossa pesquisa, vamos nos concentrar na importância da linguagem para a literatura e como trabalharemos a partir de novas ideias para lidarmos com a atualização da linguagem, vindo ao encontro de textos, com a comunicação, além de projetarmos a literatura e produção textual, para atuarmos nas formas orais, escritas, lúdicas e ainda nas formas hipertextuais dentro de seus complementos digitais.

Qualquer meio sistemático de se comunicar, seja através de ideias, mensagens, gestos, sons, gráficos, são partes do que é a linguagem. A humanidade utiliza a linguagem desde sempre, a história de como os humanos vieram a adquirir a linguagem se relaciona a outras ciências que foram sendo desenvolvidas ao longo da viagem da evolução da linguagem. As ciências envolvidas são a antropologia, a linguística, a biologia e outras mais (EVERETT, 2019, p. 9).

Assim, quanto maior a população, mais linguagem local e próprias de um povo vão surgindo e se colocando em seus espaços. Para os pesquisadores de linguagem, as conversas entre amigos, entre alunos, ou qualquer outro tipo de interação linguística nos interessa, pois conseguimos fazer a relação entre a comunicação, a leitura e como nos relacionamos para compreender a relação das pessoas e como acontecem a comunicação no cotidiano:

Conversas naturais desse tipo são importantes para linguistas, psicólogos, sociólogos, antropólogos e filósofos, porque elas corporificam o todo da linguagem, complexo e integrado, de uma maneira que nenhuma outra manifestação de linguagem faz (EVERETT, 2017, p. 18).

A linguagem, a partir do seu meio social, com o indivíduo e com base na metodologia das ciências humanas da Estética da Criação Verbal de Bakhtin, faz-nos entender que um ser depende do outro para compreender, se emancipar e existir.

Declaradamente, a linguagem é o pilar do movimento de conexão em rede e aos outros, entretanto, a metodologia das ciências humanas antecipa a teoria que está por vir. O conhecimento do indivíduo e as suas complexidades nos apresentam o campo de descobertas, das revelações e das tomadas de conhecimento e das comunicações que se revelam na capacidade de se autodescobrir e ainda se expressar.

O indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio. A interação do horizonte do cognoscente com o horizonte do cognoscível. Os elementos de expressão (o corpo não como materialidade morta, o rosto, os olhos, etc.); neles se cruzam e se combinam duas consciências (a do eu e a do outro); aqui existo para o outro com o auxílio do outro. A história da autoconsciência concreta e o papel nela desempenhado pelo outro (amante). O reflexo de mim mesmo no outro. A morte para mim e a morte para o outro A memória (BAKHTIN, 2011, p. 394).

A memória, em sua capacidade de se transportar pela história e de se fazer presente na história, procura abordar novos caminhos para o próprio indivíduo. O principal objeto das ciências humanas é o homem, o indivíduo, ou seja, o ser que fala e se expressa. O ser que não possui limites de força e sentido de pensamento para buscar novos campos que o atravesse ou que possa pensar estar limitado. Esse indivíduo é livre de qualquer conceito e está sempre aberto a inúmeras transformações, portanto não pode oferecer nenhuma garantia aos que juntos com ele estão.

O ser (indivíduo) pode transitar livremente e em sua formação também fazer com liberdade. Para o conhecimento, buscamos a compreensão dos elementos que estão presentes, assim, ganhamos a vantagem de entender a compreensão como visão do sentido.

O problema da compreensão. A compreensão como visão do sentido, não uma visão fenomênica e sim uma visão do sentido vivo da vivência na expressão, uma visão do fenômeno internamente compreendido, por assim dizer, autocompreendido (BAKHTIN, 2011, p. 396).

A expressão, no nosso cotidiano, se apresenta em diferentes formas, pelos gestos, pelo olhar ou pelos movimentos do ser ali presente, porém só haverá entendimento das expressões com a existência do outro, pois “o outro” só conseguirá compreender o sentido das expressões do primeiro ser. A filosofia da expressão se configura como momento de interação dialógica entre os dois seres, ou seja “o eu e o tu”, como define o autor russo Mikhail Bakhtin em seu ensaio sobre o desenvolvimento da metodologia das ciências humanas.

A partir de então, a compreensão entre dois indivíduos segue o rumo do desmembramento das formas com o objetivo de interagir e entender o significado das expressões, uma vez que a compreensão de seu significado é reproduzida pela língua em um movimento dialógico. O princípio dialógico é a característica central da linguagem. Esse movimento de dialogar incluindo o sujeito e o uso do discurso foi apresentado pelo filósofo russo em seus ensaios teóricos. Alguns estudos foram publicados entre os anos de 1920 e 1930, porém muitos artigos foram apresentados após os anos de 1960.

Ao abordar as questões filosóficas da humanidade, chegamos à linguagem, elemento fundamental da teoria, todavia difícil de especificar e conceitualizar, pois a linguagem quando está ligada à filosofia se torna um objeto complexo e em diferentes formas, seus diferentes elementos alinhados tornam-se fatos linguísticos, a representação dos aspectos que envolvem a língua se dá pela palavra, sendo o modo mais puro e sensível de relação social, assim chegamos na existência humana que se funda necessariamente na comunicação, conforme a Figura 3.

Figura 3 – Linguagem e comunicação



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

É importante ressaltar a relação entre a dialética e a identidade do ser, pois, afinal, o indivíduo precisa também compreender-se e construir a sua identidade para estar ativo na compreensão das imagens.

Significado e sentido em um mundo que vem do passado com as suas lembranças para adentrar em uma nova era, a da informação. Cada palavra (signo) precisa de interpretação para ser compreendida; por isso, com os textos, a interpretação está relacionada ao contexto e às possibilidades que podem oferecer para avançar no conhecimento. A etapa da interpretação faz parte do movimento dialógico para antecipar os acontecimentos do futuro. Pensar história, filosofia, analisar o passado, andar lado a lado com as modalidades do conhecimento e a tomada de consciência sobre sermos juntos. Sermos texto e diálogo para pensar o mundo e fazer ter sentido como projeção para seguir a evolução da linguagem.

Correlação dialética entre identidade e não identidade. A imagem deve ser compreendida como o que ela é e como o que significa. Através dos encadeamentos semânticos mediatizados, o conteúdo do símbolo autêntico está correlacionado com a ideia de totalidade mundial, com a plenitude do universo cósmico e humano. O mundo tem um sentido. [...] Pensamento sobre o mundo e pensamento no mundo. O pensamento que procura abarcar o mundo (como parte deste). O acontecimento no mundo e a

participação nele. O mundo (como parte deste). O mundo como acontecimento (e não como ser em prontidão) (BAKHTIN, 2011, p. 401).

O ser pronto e digamos “terminado” não existe, o próprio texto nunca está acabado, pois a cada nova leitura, interpretamos e descobrimos situações diferentes. E é assim que passamos a entender a multiplicidade da linguagem e como ela se faz viva a cada novo contexto. As influências extras (do Ser) unidas ao leitor, autor e interpretação do texto, transformam-se a cada palavra em uma nova realidade e contexto.

No fundo, pensamos que Bakhtin entende essa relação de autores e leitores como se fosse uma dublagem do que o autor gostaria de apresentar aos leitores. Podem ser sentidos abstratos, entretanto, podem não dividir os mesmos espaços físicos e se complementarem e se entenderem em algum momento de encontro (personificação). A obra é integrada ao sentido da compreensão e cria-se uma nova forma da obra.

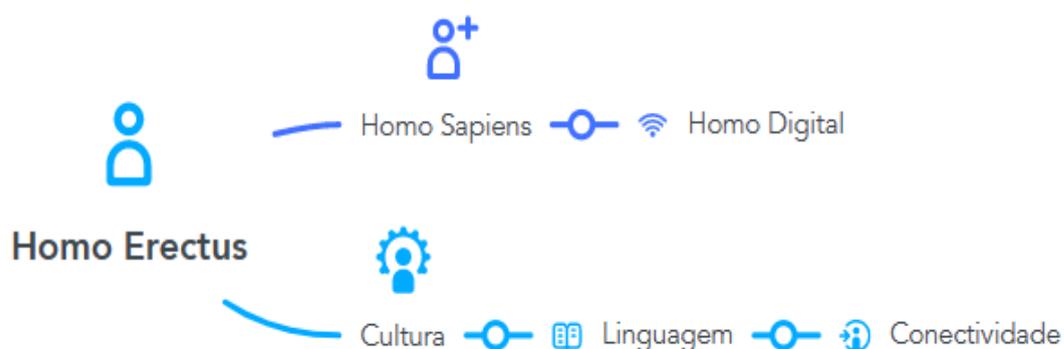
A compreensão recíproca entre os séculos e milênios, povos, nações e culturas assegura a complexa unidade de toda a humanidade, se todas as culturas humanas (a complexa unidade da cultura humana), a complexa unidade da literatura da sociedade humana (BAKHTIN, 2011, p. 406).

Compreendemos esse espaço através do tempo. As análises vão se fortalecendo com o tempo, mas também podem mudar com as emoções envolvidas no contexto língua-discurso. Para assim dizermos que a personificação da linguagem textual junto à interpretação das coisas, ao longo da história e até aqui não há limites de reciprocidade e atualização dos textos coisificados e personificados em seu contexto do momento em que foi lido e interpretado. Assim:

O processo de coisificação e o processo de personalização. Todavia, a personalização não é, de maneira nenhuma, uma subjetivação. O limite aqui não é o eu, porém, o eu em relação de reciprocidade com outros indivíduos, isto é, eu e o outro, eu e tu (BAKHTIN, 2011, p. 407).

No movimento de encontro entre o autor e leitor, compreensão da linguagem em seu cenário cultural, encaramos nessa roda viva e interativa, como se fossem eventos cíclicos, porém eles vão avançando, o acontecimento do processo de conexões através da rede social digital. Conforme a Figura 4, chegamos assim:

Figura 4 – Compreensão da linguagem em seu cenário cultural



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

O homem que andou com as duas pernas, na sua evolução, passou a pensar e a se comunicar, foi historicamente se desenvolvendo e vivendo em comunidades até chegarmos ao ser digital, esse mesmo indivíduo que citamos anteriormente, que isolado em seu território (podemos chamar assim a sua casa, escritório, local onde pertence fisicamente), porém conectado ao resto do mundo, trocando e construindo entre linguagem, meios tecnológicos, movendo-se entre o espaço ciberespacial e o seu lugar, rompendo e mudando os aspectos culturais.

3.2 ESTUDOS DE LITERATURA E A FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES

A imaginação é a mediação entre a sensibilidade e a inteligência, entre as formas e o intelectual, entre o objetivo e o subjetivo, entre o corporal e o incorporeal, entre o exterior e o interior. Até aqui, percebemos a relação entre a experiência e seus significados, e ainda a clareza do papel cognitivo da compreensão. Crer no nosso intuito imaginário está ligado à capacidade produtiva da língua.

Podemos entender que a imaginação está relacionada com a linguagem e que esta produz a realidade, incrementando-a e transformando-a. Sustentar essa teoria e manter a leitura como modo simples de imaginação pode ser uma maneira de controlar a formação e a sua capacidade de transformação. Tornar séria a leitura como formação, a potência formativa e transformadora da imaginação.

De fato, o espaço de participação da leitura parece ser mais interindividual que social. Repetirei o que disse anteriormente. Tudo o que podem fazer os iniciadores de livros é levar as crianças - e os adultos - a uma maior familiaridade e uma maior naturalidade na abordagem dos textos escritos. É transmitir suas paixões, suas curiosidades, questionando seu lugar, seu ofício e sua própria relação com os livros. É dar às crianças e aos adolescentes a ideia de que entre todas essas obras, certamente haverá alguma que saberá lhes dizer algo em particular. É multiplicar as ocasiões de encontros, de descobertas. É também criar espaços de liberdade onde os leitores possam traçar caminhos desconhecidos e onde terão disponibilidade para discutir com eles sobre essas leituras, se assim o desejarem, sem que ocorram intromissões caso esses leitores queiram guardar suas descobertas para si. (PETIT, 2013, p. 37)

Nas prateleiras das bibliotecas, vemos os livros e as artes à nossa disposição, porém percebemos que, ao mesmo tempo, quase não aprendemos muito. Se analisarmos a nossa rotina, consumimos diariamente muita informação, da qual não podemos absorver tudo, uma vez que nem tudo se transforma em conhecimento, haja vista que não passamos adiante o que lemos e estudamos; isso se resolveria se nós pudéssemos passar adiante nossas experiências para outros leitores, e, assim, atribuíríamos sentido e significado às nossas próprias leituras, o individual poderia ser de conhecimento coletivo.

Pensar na leitura como formação, também implica atravessar as fronteiras do conhecimento e atribuir sentido para nós mesmos. O texto nos compromete como ouvintes, tudo o que lemos, teríamos que parar para prestar atenção e escutar o que o texto quer nos dizer:

[...] é que a leitura pode ser, em qualquer idade, um atalho privilegiado para elaborar ou manter um espaço próprio, um espaço íntimo, privado. Como dizem os leitores: a leitura permite elaborar um espaço próprio, é “um quarto para si mesmo” [...] (PETIT, 2013, p. 41)

Na formação de leitura, mais importante do que ler, é fazer a relação entre o sujeito leitor e o texto. Essa relação tem uma condição especial de escutar e se apropriar dele. Infelizmente, temos o leitor que se reduz à imagem de si mesmo e não escuta o texto, se coloca nele a ponto de não se relacionar com ele, e somente se colocar como antes, sem deixar que o texto o use para transformá-lo.

Difícil julgar o leitor, pois experimentar pode significar sofrer, enfrentar algo que não se quer e assim ser transformado e não querer tal situação para si mesmo. Isso não faz dele um leitor em formação naquele momento, não podemos esquecer do tempo, esse aí pode se transformar no decorrer da vida sem nem nos darmos conta da evolução em andamento.

A intenção da formação do leitor deveria ser a de resistir à pedagogia dominante. A crise de transformação humana é um troféu para os modelos de educação técnica e científica, lugar onde as bibliotecas foram abolidas como espaço de formação e os conteúdos tornaram-se o centro de todos os processos de ensino.

A ideia clássica de formação tem dois vieses de atuação, formar significa, de um lado, desenvolver um conjunto de ideias já existentes; o outro lado pode acomodar o homem em ideias já postas, sem que haja rupturas e se mantenham modelos tradicionais que se sintam seguros. Para o filósofo Jorge Larrosa, deveríamos ter espaço de formação clássica de leitura, nos espaços das bibliotecas, porém leituras que movam e atravessem as fronteiras do pensamento, capaz de nos mostrar novos caminhos, assim, pensarmos em um modelo que nos faça ser plenamente humanos.

Nesta perspectiva, a criação de encontros para a formação dos professores proporcionou a ampliação da ideia de prever os males de uma educação autoritária e sabermos onde cresce o perigo de não termos voz para podermos escolher com liberdade e ter o direito de escutar o que os textos nos trazem. A leitura, como experiência, pode se tratar de um pensamento em formação.

O homem, em suas relações de experiência de leitura, passa a ser singular com suas infinitas possibilidades de conhecimento. O saber da experiência não está apresentado como conhecimento científico, fora de nós, só tem sentido o modo

como ele configura a nossa personalidade, o nosso caráter em sua sensibilidade definitiva da forma singular e humana que está embasada na ética, no modo como conduzimos as nossas ações na sociedade. Também tem a ver com a vida plena, entendida aqui como uma vida que inclui satisfação nas atividades que ultrapassam as fronteiras de uma vida normal.

A experiência já não é mais o que nos atribui sentido, mas um modo de como nos envolvemos para conhecer a verdade e como são as coisas para podermos dominá-las; a partir de então, podemos traçar um caminho, e ter um aprendizado que acumula progresso e verdades objetivas.

Quando abandonamos a experiência e a separamos do conhecimento da vida humana, teremos, provavelmente, uma situação de um enorme conhecimento objetivo, junto a uma pedagogia que somente está pautada na transmissão do conhecimento. A vida humana se encontra nesse caminho no conhecimento moderno, lugar onde não há mais espaço para a subjetividade humana e ficamos presos aos modelos sem a chance de ver a experiência do desenvolvimento do sujeito psicológico e abstrato.

Aqui, percebemos a diferença entre a ciência e a filosofia sistemática que se dirigem ao sujeito universal e ao mesmo tempo abstrato, que são as formas que se dirigem ao indivíduo, a cada pessoa e entendendo as suas singularidades, e isso faz parte da vida humana. É essencial para o conhecimento sistemático ser compreendido de maneira singular por todos os seus receptores, sendo os textos compreendidos de forma plural, desde a situação vital de cada indivíduo.

Os textos que passam entre a literatura e a filosofia moral são constituídos de muito mais do que somente uma ética formalizada, uma estética essencial, ou ainda um estilo de vida. Poderiam ser esses textos literários e filosóficos os exemplos do que perdemos com as formas progressistas e técnicas de ensinar. Lugar desses tipos de leitura em que se transmite a experiência que tem a ver com o que somos, além de se relacionar com a nossa formação, e o fator mais importante: a nossa transformação.

3.3 A EXPERIÊNCIA DE SER NARRADOR

Para que a ação de ler se tornasse um objeto de formação, seria necessária uma relação renovada entre o texto e a subjetividade. Esse encontro poderia ser pensado e usado como experiência de um modo particular para cada leitor. Nós vivemos em um mundo que se passam muitas coisas e esse mundo não é imediatamente acessível para nós.

De todas as formas, em sua essencial importância, as narrativas literárias contrastam com o saber formalizado que domina as instituições educativas. Contrastam na forma de desenvolvimento do conhecimento ampliado e não somente do conhecimento escolar racionalizado.

Ao começar a falar das narrativas literárias, podemos compará-las com a vida humana, que é feita de aberturas e de fechamentos. Os ciclos podem ser comparados ao de capítulos de uma novela. Isso significa que a atividade humana se constitui como uma unidade de sentido para si mesmo em sua temporalidade da história ou de um relato, significa também que o tempo se converte em tempo humano, na medida em que está organizado (cheio de sentido) como se fosse um relato. A nossa vida, se tivesse forma, seria a forma de uma história que se depreende ao longo do passar do tempo.

Então, como responder à pergunta de quem somos, implica fazer uma interpretação de nós mesmos como se fôssemos uma trama, um conto ou um romance novelístico. Por outro lado, compreendemos quem é a outra pessoa ao entender as narrativas que ela mesma faz ou que outros fazem, e assim por diante. É como se a identidade de uma pessoa, a forma de uma vida humana concreta, em seu sentido, só acontecesse quando acontecesse a sua história.

Se isso é assim, a relação entre a narrativa, a compreensão e a autocompreensão se tornam evidentes. Pensar que o sentido de que somos está construído narrativamente, em sua construção e em sua transformação, teriam um papel muito importante nas histórias que escutamos e que lemos, assim como é o funcionamento dessas histórias que nos são passadas. Entendemos, ainda, que há um papel importante nas práticas sociais, sejam essas mais ou menos institucionalizadas, como por exemplo, as práticas pedagógicas.

As práticas baseadas na experiência podem ou não acontecer. Para entendermos, precisamos (re)pensar que a atividade de leitura que fazemos rotineiramente é diferente do que acontece na experiência de leitura, é algo que nos

causa, não pode ser antecipada, acontece naquela hora e naquele momento. Somente quando se abrem condições, com um texto adequado, no momento adequado, sem esquecer da sensibilidade adequada, aí sim, temos a leitura como experiência.

Na vida pedagógica não há garantias, o acontecimento que se produz em certas condições de possibilidades pode fazer sentido para alguns alunos e para outros não. A experiência da leitura é também um acontecimento de pluralidade, todavia uma pluralidade que não pode ser reduzida a um conceito. Um conceito se torna universal a partir do qual podem conceber-se semelhanças e diferenças. Se a experiência fosse um conceito, nos permitiria estabelecer um quadro ordenado de diferentes leituras a partir de nossas bibliotecas, com as prateleiras de livros, que se estabelecem uma regularidade desalinhada, que assim poderíamos chamar de lei da semelhança e da diversidade.

Dia após dia, a criatividade, o pensamento, o bem estar talvez pressuponham também a descoberta de aberturas que levem a um distanciamento temporal ou geográfico. Ora, se nos entregamos ao ato de ler sem muitas restrições, o que encontramos é precisamente uma oscilação entre o próximo e o longínquo, que é própria da leitura. Ler tem a ver com a liberdade de ir e vir, com a possibilidade de entrar nesse outro espaço, nessa outra cena, e sair de lá à vontade (PETIT, 2019, p. 115).

A partir daqui, está claro que a experiência de leitura tem sempre uma dimensão incerta, que não podemos reduzir a medidas. Dito isso, não há como anteciparmos o resultado da experiência de leitura que é intransitiva, não é um caminho que os professores possam seguir com um objetivo previsto, podemos estabelecer uma meta; porém, ao propormos uma experiência de leitura, abrimos um caminho para o desconhecido. Formar professores com regras de leituras estabelecidas, com causalidades técnicas, reduzir a leitura e suas experiências a um conceito, pode refletir ao fim preestabelecido da pluralidade de participar de uma experiência de leitura. Poderíamos entender o código da estrutura que cada enunciado extrai de suas condições de compreensão e inteligibilidade, algo como decifrar e compreender o sistema de uma língua e entender como ela funciona para usá-la. Apresentar um código, então, seria empreender uma análise do que se faz para compreender um texto.

Entretanto, ao interpretar as entrelinhas, o subjetivo, não aprendemos através da leitura codificada. Obviamente que decifrar o código textual é importante, porém a

experiência de leitura é outra coisa, não somente decifrar códigos de texto. A literatura entendida em seu sentido amplo, assim como a cultura literária, tem uma qualidade curiosa, é que a palavra literária tem em si mesma seu princípio de deciframento e de compreensão.

O espaço da leitura, da escrita e da conversação é um interior. Um espaço dentro de um edifício universitário, de uma Faculdade de Educação neste caso, e um espaço para dentro. Não só um espaço interior, e sim um espaço de interiorização, de subjetivação. Pensar é algo que se faz para dentro, ou que acontece dentro, nessa estranha conversação consigo mesmo que se chamou de psique, alma, consciência ou subjetividade (LARROSA, 2019, p. 162).

E esse jogo aberto e sem finalização, indefinido, possibilita a experiência, irmos além da leitura regular, através do sistema formal em que construímos no começo. Somente a experiência é que vai nos formar professores de literatura e produção textual, a leitura em forma de experiência, entre outras coisas, pois cada experiência de leitura também é entendida a qual lugar o texto pertence.

3.4 A EXPERIÊNCIA DE SER PROFESSOR

Na literatura, esse jogo de linguagem se enrosca entre si mesmo, liberando a transformação das ideias e dos envolvidos com seus valores que estão sempre postos como distância de si. Isso significa que todos eles perdem a segurança que havia antes dessa transformação da interpretação, pois a sua própria solidez é a sua própria experiência de leitura, que compreende o sentido do texto em seu modo.

A relação de sentido, na leitura, não seria somente fazer com que o texto se assegure para ser seu sentido no mundo, mas sim fazer com que o mundo suspenda por um instante o seu valor e abra novas possibilidades de ressignificação. Se o professor se limita a mostrar somente os códigos de leitura, o texto acaba sendo convertido em ser analisado somente pelas palavras que o compõem, porém, se o professor resolve antecipar o sentido essencial do texto, esse, está também cancelando de uma forma autoritária e dogmática a possibilidade de promover a escuta (interpretar, aceitar o texto).

Vale ressaltar que não significa que o professor não tenha sua própria experiência de leitura, e que não deva mostrá-la, pois apresentar uma experiência

não é mostrar um saber finalizado, sem abertura de opinião, desde que o professor seja cuidadoso ao apresentar como profissional, ou como particular e relativo.

Apresentar uma experiência é mostrar uma inquietude, o que o professor transmite, então, em sua escuta, sua abertura e sua inquietude. O seu esforço deve estar dirigido ao que as formas de atenção não devem ser canceladas por qualquer forma de dogmatismo ou de satisfação. Nesse caso, ensinar a ler não é colocar um saber contra o outro, o saber do professor contra o saber do aluno, no qual esse aluno possa se sentir insuficiente; mas ao contrário, colocar a experiência junto com a outra experiência. Ofício, vocação, modo de vida ou experiência? Ter a caneta em mãos, organizar os pensamentos.

E aqui há uma primeira aproximação: ser professor, acreditamos, é um modo de vida. Modo que se faz visível através de formas particulares e gestos precisos. Desses que moldam o corpo ao ofício. Pensar o ofício como um modo de vida leva-nos a observá-lo como aquilo que “faz com que alguém se comporte de um modo consequente com aquilo que é”. A forma, assim, passa a ser constitutiva daquilo que se é (LARROSA, RECHIA, CUBAS, 2021).

O que o mestre apresenta em sala é a sua relação com o texto: uma forma de atenção, uma atitude de escuta, uma inquietude e uma abertura. Isso não é limitar-se a uma posição passiva, também não somente administrar o ato da leitura durante a classe. Deixar que os alunos leiam e fazer com que a leitura em modo de experiência seja possível. A função do professor é manter viva a biblioteca como um espaço de formação. Não significa que somos obrigados a produzir textos formais, mas que podemos deixar em aberto situações para que cada aluno possa encontrar suas próprias inquietudes.

Ensinar assim, requer humildade e silêncio, mas também exige audácia em falar alto, porque para deixar de aprender, precisa eliminar muitos obstáculos, entre eles a arrogância dos que acham que já sabem. De todo modo, felizmente, a experiência de leitura sempre é possível, haja o que houver, com o professor.

O discurso não pode controlar o discurso, e o texto se reproduz constantemente em seus percursos, seguindo seus aparatos encaminhados a ampliar as suas possibilidades de compreensão. Para aproveitarmos todas as ideias do texto de Jorge Larrosa, adentramos o assunto das metáforas apresentadas sobre a leitura dentro dos discursos pedagógicos, o qual o pensamento segue o texto e é o portador da substância ao mesclar-se na forma.

A metáfora e a leitura estão juntas, pois ler nos faz seguir um itinerário através de um universo de significados que possui um saber, interpretar corretamente, sem querer se perder. O mais importante de trilhar caminhos está na metáfora do conhecer-se melhor, ocorrida pelo texto, que nos converte de um destino ao ponto de chegada. Ler é transplantar para um sentido dado de uma língua determinada em outra língua diferente, com uma peculiaridade, é claro, do que é transplantado não é algo mecanicamente feito, mas sim algo com que se modifica com a língua e suas interpretações.

Em todas essas metáforas, teremos uma imagem da leitura como experiência do sentido definido em que já está definida essa categoria anteriormente.

A leitura como um farmacêutico, como um viajante, ou como um tradutor, em todos os sentidos transformam o leitor. Não há nenhum mapa para garantir uma viagem segura, principalmente que evite se perder no caminho.

Outro ponto que não podemos deixar de falar é sobre a pedagogia que tem sempre tentado controlar a experiência, pois nas atividades de leitura, os professores tendem a antecipar os resultados.

Então, baseados nessas evidências, podemos transformar as atribuições dos professores a partir da ideia de que não se pode esperar, ou exigir deles a função de encaminhar seus alunos para uma interpretação. As teorias curriculares tradicionais, efetivamente, creem no conhecimento como algo dado, e na linguagem como algo idealmente transparente, cuja função primordial é a representação verdadeira de um estado das coisas. A partir desses pressupostos, sua elaboração de mediação entre o conhecimento e o currículo, e ainda entre o currículo e o aluno, não podem ser ingênuas.

É como se o conhecimento fosse uma representação dos eixos, que oferecem a verdade de como são as coisas. É também como se essa representação, ao ser compreendida no currículo, se organiza de uma forma distinta, do ponto de vista da transmissão e aquisição em diferentes segmentos das pedagogias e seus contextos socioculturais, mas ainda assim, permanecendo essencialmente a mesma. Ao interpretarmos uma imagem ou um texto, esteja suficientemente informada pelo giro científico, nos introduz a uma paisagem muito mais complexa, mais inquietante e também cheia de possibilidades.

Em relação ao movimento, os aparatos de produção e de transmissão de conhecimento pedagógico estão tentando, quase sempre, forçar uma tendência

corretiva. Aposta-se que tem sido pela homogeneidade e pela estabilização. E a noção de universalidade de consenso e de verdade têm sido instrumento para essa homogeneidade e estabilização de sentido.

Os aparatos pedagógicos têm estado quase sempre comprometidos com o controle de sentido, e dizer com a construção e a vigilância dos limites entre o que se decide e o que não se decide. Entre a razão e o delírio, entre a realidade e aparência, entre a verdade e os erros. O papel do professor surge novamente dentro dessa pluralidade de sentidos e a sua relatividade é definida pela liberdade. Então, a relação existente, que se parece importante, não seria tentar converter a experiência formativa de leitura em um objeto do qual nos damos conta. Para Larrosa:

Quando um professor fala (enquanto professor) constrói para os alunos uma posição peculiar na linguagem: como os que devem compreender. Os alunos chegarão a saber se compreendem o que lhes dizemos. Portanto, o que nós devemos fazer é nos esforçarmos para que compreendam (a nós ou, o que dá no mesmo, ao saber que representamos) e o que eles devem fazer é se esforçarem para nos compreender (LARROSA, 2019, p. 159).

Quando pensamos em experiências, o autor não diz que o pensamento pretenda recobri-las e determiná-las desde o exterior, assim, como algo mais enigmático, ou seja, pensar essas experiências significa que, em contato com elas, atendendo ao que tem, não se tem pensado ao que se liberte e se abra a sua forma e a sua própria transformação.

Nossos olhos têm aprendido com uma nova insatisfação e não se acostumam à falta de brilho e de mistério do que se oferece à luz do dia, algo de nós procura algo mais além da profundidade, algo que relumbra, imutável e desconhecido, em busca do nosso objetivo: o tesouro.

Durante a aventura de ser professor, mediador de experiências, sopram os ventos do Sul, tempos em que nos deparamos com a crise existencial de ser professor, seguimos para o quarto capítulo com o objetivo de apresentar as crises existentes e as novas possibilidades de ensino.

4 SOPRAM OS VENTOS DO SUL: EM TEMPOS DE CRISE (PERMANENTE), PROFESSORES EM FORMAÇÃO

Segredou-me o vento sul que cabresteia o inverno
Cantando nas casuarinas rompendo folhas e cerne
Lãs que tenho, lenha pouca, silêncios de quase um ano
Sabenças que armazenei insuficientes, bem sei
Para enfrentar o tirano [...]
(Leopoldo Rassier, 1997)

Estamos localizados sobre as transformações que se iniciaram como visíveis rachaduras nas paredes a partir da insegurança social, geradas por governos que desestabilizaram os pilares da sociedade: saúde, segurança e educação. Percebemos aos poucos a situação como mais um dos males de uma sociedade que adoece há muito, colocando elementos essenciais, dentre os investimentos para um futuro melhor, como termos imprescindíveis dentre políticas públicas. Iniciativas, contudo, parece ainda resistir pela escola, pela pesquisa, pelas forças das comunidades, pelos esforços dos professores.

A formação de professores no Brasil, claramente, busca por novos elementos que possam atuar contra os modelos tradicionais, em forma de encontros de estudos, ainda enfrentamos as questões sobre a pedagogia e suas práticas de sala de aula. A escola eleita para acolher os estudantes, utiliza seus professores para disseminar a palavra, ano após ano, repetindo as práticas. Os efeitos que a escola tem na vida dos profissionais é realmente abrangente, porém, discutimos aqui como foram construídos os discursos a serem aplicados em sala de aula.

4.1 A IDENTIFICAÇÃO DOS PROFESSORES

Sopram os ventos no sul... se for no verão, que ótimo, podemos sentir a agradável sensação da brisa nos cabelos, no rosto..., entretanto, sopram os ventos no Sul, no inverno, na madrugada, quantas crianças dormindo ao pé do fogo de chão para se aquecer. A morte uivando nas ruas desertas, o vento sopra sem piedade, somente com a solidão acompanhando.

A mesma sensação pode ser sentida e absorvida por diferentes pessoas. Sim, o ponto de vista e a interpretação importam para a noção geográfica da identidade e mais ainda o tempo pode ser o companheiro de sua construção. Trabalhamos com

as prosperidades que a leitura traz para eles e para os seus alunos, provamos que ler aumenta a conectividade do cérebro, que ficamos mais simpáticos e que tendemos a compreender mais o outro.

A lapidação do futuro dar-se-á em conjunto e com parcerias estabelecidas entre alunos e professores, mas também envolvendo a família e a direção escolar. Ensinar é a nossa identidade, estamos dispostos a enfrentar as questões educacionais e a promover a responsabilidade com a educação.

Acreditamos que a maior questão de que os professores do século XXI irão passar, teve início em 2017, com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que serve como guia para a escola, direção e professores. O documento prevê a educação integral, baseada em quatro pilares da UNESCO: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e ainda aprender a ser. Além das outras metas que ajudam no desenvolvimento das comunidades em situação de risco. Como exemplo, a Figura 5 de metas da instituição:

Figura 5 – Objetivos de desenvolvimento sustentável da UNESCO



Fonte: UNESCO (2023)

As metas se encontram com a nossa realidade de propostas, que dentro das habilidades desenvolvidas do planejamento curricular do componente Literatura e

Produção Textual, contextualiza o embasamento das nossas discussões. Na atualidade, um profissional graduado, depende dos conhecimentos tradicionais, porém necessitam de avaliações para superar obstáculos do currículo, de modo a incluir a colaboração, a persistência, o pensamento crítico e a criatividade que fazem parte de uma formação plena, ou seja, o cidadão integral que temos abordado.

Sendo assim, a articulação de todos esses aspectos na prática pedagógica, transforma-se não só em educar. A escola não é somente a sala de aula com conteúdo, mas também o ambiente acolhedor das singularidades dos alunos, que deve reconhecer suas pluralidades para que possam enfrentar todos os tipos de desafios: o preconceito, a luta pela igualdade de classes e ainda a participação em ações sociais que possam beneficiar sua comunidade escolar e seus pares. Os aspectos socioemocionais ao receber atenção, além da escola, favorece a ampliação do sujeito como educador, os efeitos são positivos em termos não só de aprendizado escolar, mas também de preparação para a vida futura.

A formação continuada dos professores da cidade de Lages/SC, seguindo a tendência nacional, teve início em 1993. Com a instauração de uma administração municipal de caráter popular, que vigorou até o ano 2000, estabeleceram-se os seguintes princípios relacionados à rede pública municipal de ensino: democratização do acesso à educação, democratização da gestão e qualidade do ensino em escola pública.

Para efetivar essa política educacional, a equipe técnico-pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Lages elaborou, em 1993, e implantou, no ano seguinte, o “Projeto Educação”, proposta regida por um amplo sistema de gerenciamento pedagógico envolvendo os setores administrativo e pedagógico das unidades escolares do município.

Surgia, nesse contexto, o processo de formação de professores do sistema público de educação de Lages, ao articular e sistematizar uma “Capacitação em Serviço”, visando proporcionar aos docentes o acompanhamento dos professores, como mencionamos acima.

Desde então, o município oferece apoio pedagógico a seus profissionais de educação e mantém contato entre docentes, diretores e escolas, unificando os currículos e buscando uma comunicação entre escolas e famílias. O cronograma é mensal, para totalizar as 40 horas de educação permanente:

A qualificação profissional, objetivando o aprimoramento permanente do ensino e a progressão na Carreira, será assegurada através de cursos de formação, aperfeiçoamento ou especialização, em instituições credenciadas, de programas de aperfeiçoamento em serviço e de outras atividades de atualização profissional, observados os programas prioritários. A Secretaria da Educação do Município de Lages oferece um mínimo de 40 (quarenta) horas anuais de cursos de formação, programas de aperfeiçoamento e capacitação para todos os profissionais do magistério público municipal. Dentro dos devidos pedidos, o município concede licenciamento periódico remunerado, objetivando a consecução da garantia de que trata o caput deste artigo inclusive a nível de Mestrado, nos termos de regulamento. O curso deve ser na área de educação e em instituições credenciadas. (Regulamento aprovado pelo Decreto nº 14409/2014)O Município aplicará, no mínimo, 60% (sessenta por cento) dos recursos provenientes do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, de que trata a Lei Federal nº 11.494/07, na remuneração do magistério em efetivo exercício na educação básica e quando, no final do exercício, verificar o não atendimento do limite mínimo, o executivo estabelecerá a forma de complementação salarial (DCSMEL, 2021).

No nosso caso, eu, professora Evelise, efetiva no município desde 2012, trabalhei na equipe de Linguagens, na companhia de dois colegas professores da referida rede de ensino, entre os anos de 2017 a 2020, como coordenadora dos professores da disciplina de Literatura e Produção Textual e, também, com os professores de Língua Inglesa. Antes de 2017, atuei em sala de aula com os alunos da rede municipal de ensino do Ensino Fundamental.

Houve um tempo em que a alfabetização era considerada adequada se o professor ensinasse apenas a ler e a escrever, ou seja, unir letras do alfabeto, porém a amplitude de um termo posterior, há décadas vem transformando as antigas acepções, decodificadoras e motoras a práticas sociais da vida inteira, intimamente relacionadas à leitura, em seu sentido plural. Buscar caminhos para a melhoria do desempenho dos alunos, depende da atualização das políticas públicas e com elas o apoio dos professores que estarão em sala de aula para a atuação e implementação das políticas propostas.

As políticas públicas de educação são programas ou ações que são criadas pelos governos para colocar em prática medidas que garantam o acesso à educação para todos os cidadãos. As leis são aplicadas para garantir o ensino para todos e ainda a melhoria da educação do país.

São também voltadas ao ensino de leitura, e que no momento em que escrevemos se encontram com problemas graves e com indagações sobre o ensino

fundamental, principalmente quando abordamos o assunto progressão do aluno sem que tenha o mínimo para avançar nas séries do fundamental, a começar pela leitura.

A dificuldade de desempenho dos estudantes não é novidade para a educação brasileira, entretanto, muitos jovens finalizam o ensino semianalfabeto. A maioria têm acesso à escola, porém percebemos que muitos não são compreendidos. Além disso, não encontram apoio necessário para aprender a ler e escrever, um problema que ganha, hoje, visibilidade nos resultados das avaliações nacionais.

Na cidade de Lages/SC, a organização curricular e as mudanças didáticas vêm ao encontro da nossa pesquisa, pois assim foi possível trazer para a nossa rotina a proposta de formação de leitores com a Literatura e Produção Textual como disciplina regular e semanal nas salas de aula do ensino básico dos estudantes do município. Essa experiência está além dos livros pedagógicos apresentados nas escolas.

Ao decidirmos investigar as formações dos professores para atuar na disciplina de Literatura e Produção Textual, percebemos a bagagem de dados para analisar a formação leitora através dos encontros de formação continuada dos professores no ano de 2019.

Para modificarmos o modelo escolar tradicional em que colocamos todos os alunos no mesmo lugar, voltados para um detentor da palavra (o professor), não será possível um trabalho de um dia para o outro, há anos lutamos contra o modelo engessado e produtor de alunos sem criticidade e domínio de conhecimentos. É preciso que o professor seja, também, como um “mestre ignorante” de Jacotot. (RANCIÈRE, 2019, p.33)

Em 1818, o leitor de literatura francesa, estudante de Direito na França, porém um revolucionário francês, Joseph Jacotot, foi exilado nos Países Baixos, na cidade de Louvain na Bélgica, onde pensava passar dias tranquilos, já que a cidade parecia um lugar bem amigável.

Ao iniciar suas aulas na Universidade de Louvain, foi surpreendido e viveu uma aventura intelectual que mexeu com as suas estruturas que antes, ao seu ver, estavam engessadas pelo modelo de professor multiplicador de conteúdos.

Sua história não se deu por acaso, pensando menos em fazer uma experiência filosófica, e mais em trabalhar as possibilidades de uma aula em dois

idiomas, ao ensinar francês aos holandeses, resolveu passar aos seus novos alunos o livro *Telêmaco*, publicado bilíngue em Bruxelas.

Seria um ponto de partida para dar o início às suas aulas. Após a leitura do livro, Joseph Jacotot pediu aos estudantes que explicassem o que haviam aprendido, para a sua surpresa, os estudantes estavam aptos a apresentar o livro e discuti-lo por meio de suas próprias leituras, sem explicação e intermédio do professor. A partir daí vem o questionamento:

[...] a experiência superou suas expectativas. Ele solicitara aos estudantes assim preparados que escrevessem em francês o que pensavam de tudo quanto haviam lido. “Ele estava esperando por terríveis barbarismos ou, mesmo, por uma impotência absoluta. Como, de fato, poderiam todos esses jovens, privados de explicações, compreender e resolver dificuldades de uma língua nova para eles? De toda forma, era preciso verificar até onde esse novo caminho, aberto por acaso, os havia conduzido e quais os resultados desse empirismo desesperado. Mas, qual não foi sua surpresa quando descobriu que seus alunos, abandonados a si mesmos, se haviam saído tão bem dessa difícil situação quanto fariam muitos franceses! Não seria, pois, preciso mais do que querer, para poder? Todos os homens seriam, pois, virtualmente capazes de compreender o que outros haviam feito e compreendido? (RANCIÈRE, 2019, p. 19).

Os estudantes não falavam francês, a precariedade de comunicação entre o professor francês e alunos belgas se transformou em uma missão de interesse entre as duas partes, para que pudessem entender e discutir o livro proposto para as aulas, a tal ideia foi um grande desafio para os dois lados.

Surpreendido, o professor percebeu que, mesmo com o obstáculo da linguagem, os alunos foram capazes de apresentar e ainda criar novas ideias e questões sem intermédio do professor.

Além disso, o mais importante, as aulas foram conduzidas sem a fala focada no professor, isso tratando-se de uma sala de aula tradicional, como vemos diariamente, o professor à frente da classe, chega em sala de aula e inicia a explicação, direciona os alunos com o que pretende para aquela aula, e, sem protagonismo dos estudantes, estes somente anotam o que pensam ser importante para a avaliação final, ou seja, a famosa decoreba para fazer prova.

O recado mais importante da experiência do professor Jacotot se dá no segredo do mestre em reconhecer a distância entre a matéria ensinada e o sujeito a instruir, a distância, também, entre aprender e compreender. (RANCIÈRE, 2019, p. 22)

Essas e outras medidas vêm sendo discutidas com os professores, durante os encontros de formação continuada, baseados nos planos anuais de aulas, enfatiza-se o trabalhar em grupos com os alunos, aplicar metodologias de sala de aula invertida, sair do espaço de sala de aula, de modo que o professor se mantenha ativo e conectado aos seus objetivos pedagógicos, que se sinta independente para dar continuidade às suas aulas.

Mudar de lugar com os estudantes, pode ser um trabalho satisfatório e um excelente início para os alunos a serem protagonistas do seu caminho escolar, aprender que ser crítico pode ser uma qualidade e ainda traçar planos para o futuro profissional e pessoal pode ajudar o aluno a manter-se conectado com a escola por muitos anos. Muitas são as razões para mudar a prática de sala de aula, uma delas é o que o mundo fora das paredes escolares oferece aos estudantes. Tudo é mais interessante do que um professor em frente à classe falando e escrevendo no quadro.

No momento, parte do planejamento de práticas de sala de aula precisam estar relacionadas à multimodalidade para principalmente sabermos o sentido que o professor e sua classe buscaram, e ainda como se posicionaram diante das dimensões entre internet e rotina escolar real, presencial e ainda remota. São dez as razões para compreendermos a nova linguagem e fazermos parte da construção de novas rotas, buscando novos caminhos que melhorem as práticas escolares dos professores:

A educação é, entre outras coisas, uma determinada arte de fazer perguntas. Um dispositivo classicamente escolar é o de um texto seguido de umas perguntas (que estabelecem como se deve ler, isto é, o que é preciso fazer com o texto), e um diálogo tipicamente escolar é um debate em torno de alguma pergunta colocada pelo professor. A questão é como se fazem essas perguntas, se são feitas a partir da desigualdade do saber ou a partir da igualdade da inteligência, ou seja, a partir da potência comum de ver, se sentir, de falar e de pensar (LARROSA, 2019, p. 160).

A nossa relação entre professores com a linguagem e a comunicação, se dá tanto para explicar os nossos encontros de formação de professores de Literatura e Produção Textual, quanto para conectarmos a literatura e sua importante contribuição para o desenvolvimento da linguagem, bem como suas opções de multiplicidade de caminhos a oferecer para a compreensão e ativamento do ensino e aprendizagem na prática escolar dos professores de Literatura e Produção Textual.

Por parte do Ministério da Educação, a fim de acompanhar as mudanças estruturais e tecnológicas da educação no Brasil, e tentar acompanhar os países desenvolvidos em ensino e aprendizagem, desde 2017, foi apresentada a RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 2, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2017 que institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular nas escolas brasileiras.

Com discussão entre professores e gestores, o município de Lages, desde então, vem atuando e desenvolvendo capacitações para a implementação da BNCC. Para compreendermos melhor a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), direcionada para desenvolver competências, as quais incluem:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BRASIL, 2017).

As dez competências que constituem a BNCC foram construídas por profissionais da educação e através do voto popular. Todos os elementos envolvidos baseiam-se na igualdade de oportunidades, desenvolvimento do cidadão integral que esteja na sua comunidade e possa agir coletivamente para o bem de todos.

A competência cinco, contudo, nos interessa aqui para apresentar o comprometimento de ações públicas como a criação da Base, para que todos tenham acesso aos meios digitais.

Então, com a aprovação oficial da BNCC desde 2017, com a alteração da LDB por força da Lei nº 13.415/2017, a legislação brasileira passa a utilizar, concomitantemente, duas nomenclaturas para se referir às finalidades da educação, juntamente com a Secretaria Municipal de Educação de Lages/SC, aos poucos fomos incorporando os temas dos encontros presenciais de educação permanente dos professores, para assim, até o final de 2021 a Base estar plenamente funcionando nas escolas públicas.

O Ministério de Educação apresenta a BNCC em várias versões no site do MEC, com explicações e orientações para o público de gestores, formadores e professores de como utilizar o guia, sem retirar a autonomia do professor em sua sala de aula.

Na questão de estudos e desenvolvimento da BNCC, estamos em vantagem, pois conseguimos através da Secretaria de Educação do município de Lages/SC, durante os encontros de educação permanente, passar para cada professor da rede a ideia e as mudanças que acarretam a Base, principalmente no que se refere ao planejamento das aulas que, no final de 2019, foi atualizado para, aos poucos, ser implementado na rotina escolar dos professores. Isso incluiu as novas nomenclaturas como: habilidades, competências, etapas, como no novo plano de aula, utilizados desde o final do ano escolar de 2019.

Com base nos dois documentos em atuação, surgiu a necessidade de mudar o modelo atual de planejamento das aulas, preparadas pelos professores da rede educacional. Atualmente, o plano passa pelas mãos da diretoria da escola, e faz parte do acompanhamento pedagógico dos professores. Cada item foi pensado em

conjunto com os professores da rede municipal de ensino, e também aprovado pelo Conselho Municipal de Educação. Além disso, a descrição dos itens faz parte da orientação aos professores para que eles possam conduzir os seus planejamentos.

A leitura compartilhada já fazia parte dos planos de aulas para todas as disciplinas, os professores escolhiam (isso acontece todos os dias das aulas) uma leitura para dividir com os seus alunos. Não importa o gênero e o número de páginas, o importante é o momento de refletir e se conectar à leitura.

É relevante salientar que, até o ano de 2019, não usávamos essa nomenclatura, o plano de aula era um pouco mais simplificado e não havia a necessidade de detalhar as unidades temáticas ou, no caso de Língua Portuguesa: prática de linguagem, habilidades e os objetos de conhecimento, porém, em contrapartida, em alguns casos, o professor copia e cola as habilidades e/ou outras ideias. O que necessita ser original por parte do professor é o alinhamento de suas ações e quais serão os seus objetivos com a proposta de aula. As referências dos professores também precisam ser originais para que o professor tenha sempre autonomia em suas ações de pesquisa.

Portanto, os dois documentos (BNCC e DCSMEL) servem como guia para os professores e cada unidade escolar oferece modelos impressos, apesar de o site do Ministério da Educação e o da Secretaria de Educação de Lages fornecerem também versões digitalizadas.

Figura 6 – Finalidades da BNCC



Fonte: Brasil (2017).

A base da educação se apresenta como propostas pedagógicas para estabelecer os critérios de avaliação, desenvolvimento das competências e habilidades em todas as redes de ensino do Brasil, o caderno serve como aliado ao compor as propostas de ensino dentro do planejamento escolar.

4.2 TEMPO E ESPAÇO ESCOLAR

O resgate da importância da escola e que sua atualização vai contribuir com a sociedade ao seu redor, depende essencialmente do ambiente escolar, do público e ainda dos estudantes. O modelo presencial de aulas data de uma determinada tradição que, na cena de uma escola, apresenta o professor com seu bastão em mãos, pois ele é o mentor e o detentor do conhecimento.

Entretanto, no momento, ele, além de mentor, será o mediador de desenvolvimento das novas competências e terá que ser capaz de enxergar as habilidades de seus alunos para conduzi-los a um futuro melhor, para o pequeno

cidadão se ver como integrante da sua comunidade e ser capaz de ajudar a desenvolver novas formas de trabalho e de atuação no seu núcleo familiar, que façam a diferença para seus pares.

Para tanto, a função do pedagogo é a prática do ensinar. A escola, em sua forma pedagógica, surgiu para esclarecer, mediante famílias que confiam suas crianças, para desenvolverem o seu conhecimento, que parece ainda essencial, mesmo que se justifique defendê-la:

[...] “fazer escola”, ou seja, organizar e dar corpo a um encontro entre seres humanos e um mundo a partir das condições de liberdade e de igualdade pedagógicas tais que o mundo se abra ou seja descoberto, que comece a falar, a interessar e a formar os estudantes, que emergem como estudantes (ou alunos) pelo fato de se encontrarem ao redor da mesa em que se apresenta o mundo. Naquilo que chamamos de uma defesa da escola, sublinhamos também o papel essencial da tecnologia do ethos do professor nesse trabalho de “fazer escola”[...] (LARROSA, 2021, p. 25).

A escola, até o momento, já passou por muitas mudanças. Vários movimentos ao longo dos anos vêm sendo apresentados. Como exemplo, podemos lembrar dos anos 1980, que foi um momento de maturidade para a reflexão acadêmica e determinante para a melhoria do ensino nas escolas brasileiras. Entendemos que a escola tem o papel protagonista quanto a isso. Através dela, podemos compartilhar demandas em grupo e traçar metas e objetivos no desenvolvimento de suas habilidades sociais, educacionais e comportamentais, sem esquecermos de que as principais alavancas das mudanças vêm de questionamentos de uma sociedade em crise educacional, que já estávamos enfrentando pelos baixos índices de desenvolvimento, compreendidas, dentre tantos aspectos, as dificuldades de leitura.

5 INÍCIO DA FLORAÇÃO NA COXILHA: ACOMPANHAMENTO DAS FORMAÇÕES (METODOLOGIA CONTEXTUALIZADA)

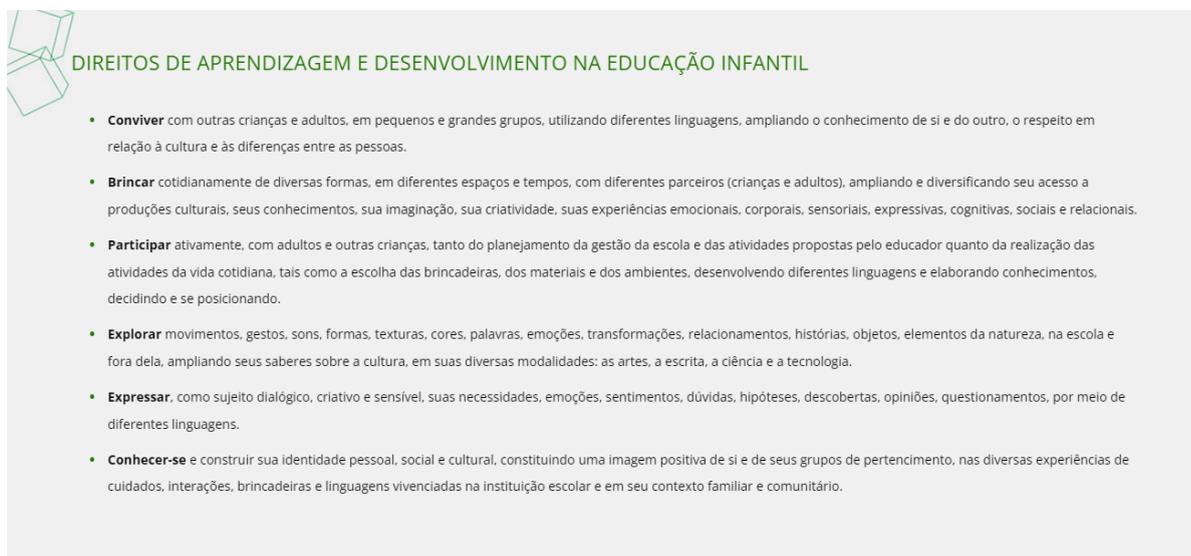
Onde a semente do saber floresce humilde
E o sarandi corre ternura de arrojito
Chegam sorrindo com pureza de esperança
pouca criança pra dar vida ao colegito...
(LISANDRO AMARAL)

Definimos como metodologia para esta tese, a pesquisa-ação, pois entendemos que a partir dos aspectos estruturais que colocamos em ação, fomos inseridos na realidade social dos professores do componente curricular Literatura e Produção Textual. Portanto, nos baseamos em situações concretas, pela rotina e observação das formações continuadas de educação permanente dos professores. O ano foi 2019, durante sete encontros, produzimos aulas e colocamos em prática a leitura e o diálogo entre os professores. A configuração desta tese se deu por análise da pesquisa que contou com um questionário aplicado em uma das formações, com o planejamento do curso de formação continuada em Literatura e Produção Textual e a partir da experiência vivenciada pelos professores participantes dos encontros.

A pesquisa-ação nos permitiu superar as lacunas que existiam entre a pesquisa educativa e a prática docente, ou seja, na teoria e na prática, buscamos os resultados que ampliaram as capacidades de compreensão dos professores em suas práticas de sala de aula e na experiência de ampliar suas concepções de leitura. Promovemos a participação dos professores do sistema escolar no município de Lages/SC, onde exploramos soluções para os problemas de leitura e o baixo índice de desenvolvimento dos alunos da rede. O processo de formação com os treze professores de Literatura e Produção textual, nos instigou como pesquisadores a nos apropriarmos do ambiente de formação.

Lembramos que nem sempre a Literatura e Produção Textual foram considerada um componente curricular, a mesma, só incorporou o currículo, a partir do momento em que se decidiu transformar o projeto de literatura em uma disciplina, com a aprovação do Conselho Municipal de Educação de Lages/SC, percebemos a relevância que essa questão de leitura apresentou para a rede educacional. A disciplina passou a ser utilizada também para garantir os direitos de aprendizagem da educação infantil e ensino fundamental, conforme demonstra a Figura 7:

Figura 7 – Direitos de Aprendizagem BNCC



Fonte: Brasil (2017).

Os direitos de aprendizagem desde a educação infantil, complementam o norteamento educacional ao qual precisamos evidenciar, pelo quadro acima, nos situamos em como planejar as atividades que serão desenvolvidas no ambiente escolar, desde a capacidade da criança de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Na intenção de construção da identidade da criança, os professores passam por formações e acompanhamentos que são mediados pelo Núcleo de Excelência em Educação Permanente (NEEP), pudemos atuar nos sete encontros de formação continuada, buscando explorar e ampliar as concepções de leitura e apoio pedagógico dos professores. Assim, estabelecemos um calendário e os encontros foram acontecendo na Secretaria de Educação do Município de Lages, que disponibilizou o auditório aos encontros, no entanto, três encontros foram em locais diferentes, na intencionalidade de explorar novos ambientes para trabalharmos a leitura.

Na reconstrução dos passos dados nesta pesquisa não pretendemos somente observar ou descrever, mas participarmos como formadores e como colegas de trabalho, engajados em um mesmo propósito: ampliação da concepção de leitura dos professores e como atuamos para trabalharmos em sala de aula e na formação de novos leitores. O aspecto principal é projetivo e remete à criação ou ao planejamento, uma vez que este tipo de pesquisa é de caráter social:

[...] é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.(Thiolent, 2011, p. 14).

O problema, neste trabalho, consiste, então, em saber como alcançarmos determinados objetivos, para a produção de efeitos, conceber objetos, organizações, práticas educacionais e suportes materiais com características e critérios aceitos pelos grupos interessados (THIOLLENT, 2011, p. 85). Diante da proposta metodológica, nos envolvemos como participantes da ação, planejamos, exploramos e questionamos ao aplicarmos os sete encontros de formações de educação permanente junto ao grupo de pesquisa. Composto por treze professores que, em 2019, atuavam em sala de aula com o componente curricular Literatura e Produção Textual.

No primeiro momento, as atividades pretendiam abordar como eram realizados os planejamentos das aulas dos professores, porém, ao percebermos que havia a necessidade de abertura de um diálogo e de aprofundamento das práticas escolares, resolvemos transformar as formações continuadas dos professores de Literatura e Produção Textual em pesquisa e avaliarmos como seriam os encontros de educação permanente e a rotina dos treze participantes.

Partimos do pressuposto de uso da linguagem e como ela nos influencia na sociedade, portanto, buscamos nos embasar em Bakhtin para explorar as ações dialógicas, dentro dos atos de compreensão e da interpretação do sentido, buscando o elemento essencial do ser dialógico:

A cada etapa do desenvolvimento da sociedade, encontram-se grupos de objetos particulares e limitados que se tornam objeto da atenção do corpo social e que, por causa disso, tomam um valor particular (BAKHTIN, 2009, p. 46).

A construção de modelos e práticas pedagógicas foram realizadas, preparadas e aplicadas com a intenção de proporcionar uma experiência diferenciada aos treze professores que participaram da pesquisa e que fizesse sentido para os professores de Literatura e Produção Textual. As formações continuadas se iniciaram com o acolhimento das demandas dos professores, com o objetivo de definirmos as relações entre os professores, componente curricular,

visão de mundo, valores, explorando o tempo e o espaço escolar, de acordo com as observações feitas com o grupo.

Assim, a pesquisa-ação, nos permitiu a aproximação da realidade por meio da participação ativa dos sujeitos envolvidos no processo da pesquisa, tanto sujeitos quanto pesquisadores, trabalhamos juntos nas questões de identificação dos problemas, planejamento das ações e implementação das mudanças concretas na realidade estudada, ou seja, esse tipo de pesquisa buscou não apenas compreensão da realidade, mas uma intervenção de forma positiva.

Os dados foram coletados e classificados por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), divididos em cinco categorias, elencados por se fazerem presentes em momentos e em palavras, as falas dos professores serão exploradas e analisadas conforme vamos discutindo a teoria e a prática. Também utilizamos a aproximação das ideias a partir de Ginzburg (2011), por conter elementos que consideramos necessários explorar, para a produção de conhecimento.

5.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA GEADA TARDIA (DO LUGAR ONDE FALO)

Desde 2017, após aprovação da implementação do componente curricular de Literatura e Produção Textual, demos início aos encontros de educação permanente com o objetivo de preparar os professores contratados para atuarem em sala de aula. Nesta pesquisa, focamos em 2019, ano de aprovação do componente como disciplina oficial dos anos iniciais que contemplam os estudantes da educação infantil pré-escolar até o quinto ano do ensino fundamental. O ponto de partida para as formações foram os estudos a partir dos gêneros textuais, seguidos de leitura, oralidade e escrita, que são os eixos de aprendizagem a serem desenvolvidos pelos alunos com orientação do professor.

Os encontros de educação permanente ocorreram na Secretaria de Educação Municipal, junto à coordenação de apoio, a qual faz parte do Núcleo de Educação e Excelência da Secretaria de Educação de Lages/SC (NEEP), que, no município se compõe pelos próprios professores da rede escolar que fazem parte da secretaria de educação de Lages, sendo responsáveis pela formação continuada e educação permanente dos professores da rede de ensino.

A literatura e a linguagem são os pontos de partida para a construção desta tese. Através das possibilidades de encontro entre a intercomunicação e o

desenvolvimento da escrita, o ler e o escrever se manifestam através da palavra e se conectam com o objetivo de formar novos leitores, habilitados em compreensão, crítica e poder de opinião.

[...] exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana. Por essa exploração, o dizer o mundo (re)construído pela força da palavra, que é a literatura, revela-se como uma prática fundamental para a constituição de um sujeito da escrita (COSSON, 2014, p.16).

O material produzido para as formações foi planejado a partir da leitura da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, delimitando os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento do componente curricular de Literatura e Produção Textual. Entretanto, vale ressaltar que a BNCC não trata especificamente da unidade curricular, portanto, foi necessário incluir outros materiais para a composição das formações de educação permanente. O componente curricular de Literatura e Produção Textual, não tratou somente de reproduzir textos, mas também do aprofundamento de experiências com a língua oral e escrita, sem esquecer dos professores de LPT que estão inseridos no contextos escolar e se envolvem com a família e nos anos anteriores à escola.

No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, aprofundam-se as experiências com a língua oral e escrita já iniciadas na família e na Educação Infantil. Assim, no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, no eixo Oralidade, aprofundam-se o conhecimento e o uso da língua oral, as características de interações discursivas e as estratégias de fala e escuta em intercâmbios orais; no eixo Análise Linguística/Semiótica, sistematiza-se a alfabetização, particularmente nos dois primeiros anos, e desenvolvem-se, ao longo dos três anos seguintes, a observação das regularidades e a análise do funcionamento da língua e de outras linguagens e seus efeitos nos discursos; no eixo Leitura/Escuta, amplia-se o letramento, por meio da progressiva incorporação de estratégias de leitura em textos de nível de complexidade crescente, assim como no eixo Produção de Textos, pela progressiva incorporação de estratégias de produção de textos de diferentes gêneros textuais. As diversas práticas letradas em que o aluno já se inseriu na sua vida social mais ampla, assim como na Educação Infantil, tais como cantar cantigas e recitar parlendas e quadrinhas, ouvir e recontar contos, seguir regras de jogos e receitas, jogar games, relatar experiências e experimentos, serão progressivamente intensificadas e complexificadas, na direção de gêneros secundários com textos mais complexos. Preserva-se, nesses eventos de letramento, mesmo em situação escolar, sua inserção na vida, como práticas situadas em eventos motivados, embora se preserve também a análise de aspectos desses enunciados orais e escritos que viabilizam a consciência e o aperfeiçoamento de práticas situadas (BNCC, 2017, p. 89).

Na primeira formação dos professores de Literatura e Produção Textual, exploramos a relação com a disciplina e com os estudantes quando os professores entram em sala de aula. Listamos algumas sugestões e passamos a mostrar exemplos práticos para o grupo. A proposta, desde o início, foi trabalhar a partir dos gêneros textuais:

- a) Refletir sobre a idade dos alunos;
- b) Pensar em histórias que sejam interessantes às crianças;
- c) Selecionar uma história;
- d) Contar a história aos alunos;
- e) Conversar com os alunos sobre o texto;
- f) Ouvir os alunos;
- h) Trabalhar com elementos que possibilitem a concretização do texto, respeitando a competência dos alunos, como produção de fantoches, recortar e colar, música, jogos e assim por diante.
- i) Observação aos professores: não esqueçam de que todas as atividades devem estar contextualizadas, sempre retomando a história em questão e com atividades que tenham início, meio e fim.

A lista de atividades acima visava oferecer ao professor as etapas para o trabalho com o texto em sala de aula. O alinhamento das ações e o envolvimento do grupo de Literatura e Produção Textual foi importante para a formação de professores que passaram a ser leitores. Todo o material que foi apresentado carregava sentido e significação para a vida pessoal e escolar dos envolvidos.

No ano de 2017, no mês de julho, após o recesso escolar, fui chamada para atuar com a formação dos professores de Literatura e Produção Textual. Sendo professora de Língua Inglesa, apesar do meu interesse em Literatura e Produção Textual, na atuação como formadora dos professores da área seria a primeira experiência. Os dados que vamos apresentar foram coletados do meu diário de bordo, com a experiência que tive como coordenadora das formações dos professores de Literatura e Produção Textual de Lages.

Para esta pesquisa, recortamos o ano de 2019, ano escolhido para o acompanhamento e observação das treze professoras envolvidas na pesquisa. Quando pensamos em reunir professores para estudos, a primeira ideia foi pensar

no acolhimento, como oferecer um ambiente em que eles se sentissem confortáveis e seguros para compartilhar suas vivências em sala de aula. Através do cronograma da formação de 4h, nós incluímos a roda de conversa e troca de experiências, já no início, antes de abordar as teorias ou iniciar as práticas pedagógicas.

O acolhimento das necessidades dos professores e os seus desafios faziam com que se estabelecesse um alinhamento de ideias e de partilha das situações escolares, além de podermos explorar ali, na roda de conversa, novos caminhos para enfrentar a falta de leitura, falta de material ou outros problemas relatados.

Imagine que, em todos os meses do ano, nós nos encontramos para as tardes de estudos de literatura, então a união do grupo de treze professores começou a ficar coeso e todos tinham o mesmo objetivo: formar novos leitores.

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional. E a palavra paixão pode referir-se a várias coisas. (LARROSA, 2019, p. 28).

Impossível não se apegar aos momentos e experiências vividas dentro das formações dos professores de Literatura e Produção Textual, principalmente pela evolução que tivemos juntos, como grupo e como profissionais. Todos tivemos momentos difíceis, principalmente no ano da pandemia. Porém, a paixão pela literatura e pela formação dos novos leitores nas escolas nos fez perceber que a inspiração e a paixão pela docência ainda importam e são fatores de mudanças na sociedade atual.

Ao analisar as ações parciais, buscamos retomar a ideia inicial e de como chegamos até aqui. Como pesquisadora e professora, atuando nas duas frentes, tanto científica quanto na prática de sala de aula: planejando, atuando na experiência de ler, escrever, mediar e dialogar diariamente, nos confrontamos com os nossos próprios planos, pois na rotina, por vezes tranquila, outras vezes perturbadas, nos leva à desconexão dos objetivos que traçamos, e passamos a viver a experiência de formar leitores sem que façamos relatórios, sem nos perceber e passamos ano após ano sem sermos vistos, pois estamos dentro do espaço escolar e a modernidade ativa e em todos os lugares não entra sempre nos espaços de atuação escolar.

Os dilemas que nos envolveram na produção das aulas para apresentar aos treze professores, envolveram a reflexão de como estamos atuando nos momentos de crise da sociedade e como somos tratados no âmbito educacional. A empatia pelos professores, nos momentos de tomar café juntos e discutirmos as ações em grupo fez muita diferença em relação aos diálogos e desenvolvimento das potencialidades entre os próprios professores, que se viram capazes de enfrentar os desafios e atuar na linha de frente de formar leitores e disseminar uma cultura baseada em nossas raízes e ainda com as famílias da comunidade escolar.

A experiência de ser formadora e coordenadora da disciplina de Literatura e Produção Textual me permitiu visitar diferentes realidades dentro da mesma cidade. Refletimos diariamente nas possibilidades que a Literatura e Produção Textual pudessem influenciar nas escolhas dos professores em formação durante os quatro anos na produção de material para as formações de professores de Literatura e Produção Textual.

5.2 ONDE A SEMENTE DO SABER FLORESCE (POPULAÇÃO DO ESTUDO)

Contextualizada entre a paisagem e a tradição da serra catarinense, apresentamos a população que contamos para o estudo. Entre flor, geada e inverno, o grupo se construiu com a participação de treze professores que, durante o ano de 2019, frequentaram os encontros de educação permanente, e foram as responsáveis pela reflexão e coleta de dados desta pesquisa.

Os nomes escolhidos para os integrantes do grupo de Literatura e Produção Textual, buscaram se entrelaçar com a pesquisa através das poesias e versos apresentados, uma vez que cada professor do grupo de pesquisa se manifesta de diferentes formas de acordo com suas percepções e personalidades:

Entendi que para ensinar as crianças a gostarem de ler, precisam de muitas atividades lúdicas e envolvimento entre alunos e professores (Chimarrão).

Os outros doze professores eram Margarida, sempre atenta e que não faltou a nenhum dos sete encontros. Flores do Campo, trabalhava nas escolas do campo, morava e atuava na escola de sua comunidade rural, a professora Outono, tinha sempre ótimas ideias e muitas histórias para compartilhar.

A Lavanda, assim como a flor, sempre com mensagens leves e positivas, pois estar em sala de aula, nem sempre é tranquilo. Tradição, acostumada com a sala de aula em formato tradicional, não admirava as ideias de inovação com os alunos, teve dificuldades para se inserir com ao grupo. Erva-Mate, conseguia se equilibrar entre ser professora de Língua Portuguesa para os anos finais e Literatura e Produção Textual para os anos iniciais. Florescer, uma professora delicada, fala mansa e sempre disposta a contar histórias. Amanhecer, assim como um lindo dia de sol, uma manhã clara, sempre com vontade de trabalhar. Camomila, chá com propriedades calmantes, por sua postura nos encontros de educação permanente, decidimos que este nome teria uma característica como a dela.

Pinhão, Geada e Invernos, três professoras com personalidades marcantes, bravas como uma geada gelada, um inverno rigoroso, porém brilhante de sol e do alimento que é uma semente e que sempre rende muitas comidas típicas e encontros com as famílias para saborear a paçoca de pinhão e o entrevero. Juntos, somamos um grupo de profissionais, que além de estarmos unidos aos encontros de educação e formação continuada, trocamos experiências e nos desenvolvemos como seres humanos melhores e capazes de assumir a responsabilidade de formar novos leitores.

O envolvimento pessoal dos professores, fez parte do processo de formação continuada, assim, para além dos encontros com os professores, as atividades eram compartilhadas em outros espaços e a troca de experiências agregaram ao desenvolvimento das concepções de leitura e escrita do grupo.

Constantemente são formados grupos de trabalho, redes temáticas, núcleos nacionais e internacionais de pesquisa e de docência. A informação circula, as pessoas viajam, o dinheiro abunda, as publicações se multiplicam. Proliferam os encontros de todos os tipos e, com eles, as oportunidades para o intercâmbio, para a discussão, para o debate, para o diálogo (LARROSA, 2019, p. 57).

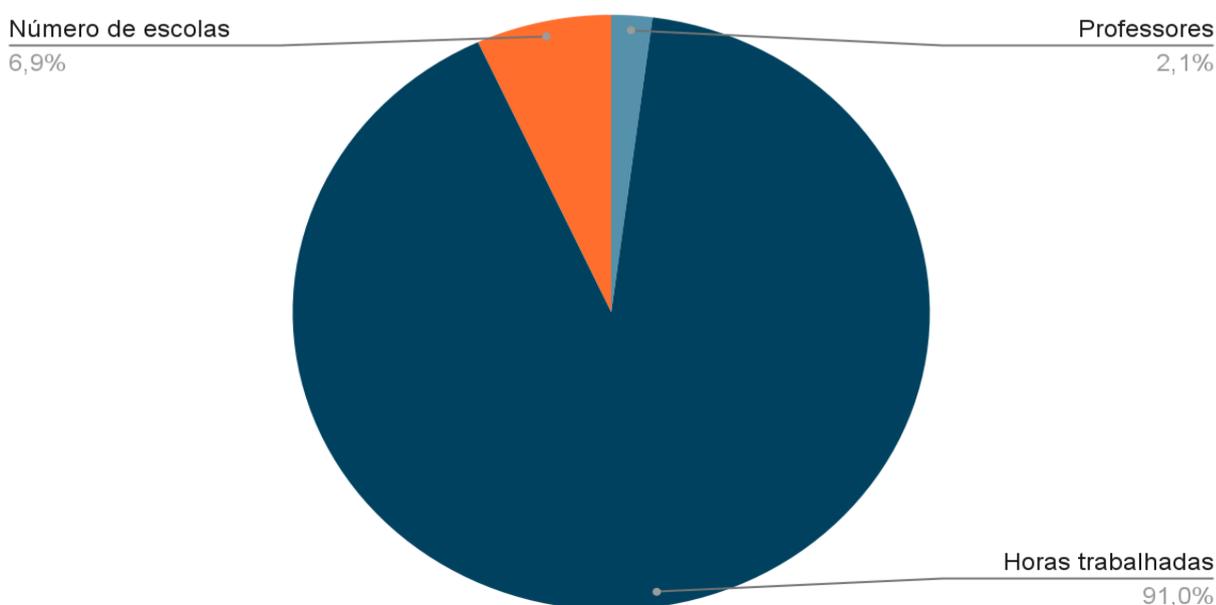
O diálogo, serviu como elemento fundamental para a pesquisa, presente nas etapas e nas categorias de análise e também como elemento de estudo. Apresentamos os professores de Literatura e Produção Textual e aqui gostaríamos de registrar que o número de professores contratados na época, eram vinte e sete, registrados para atuação em sala do componente curricular de Literatura e Produção Textual, somando a maior porcentagem dos professores em horas trabalhadas. O

contrato dos professores na rede municipal de educação é anual, porém, mesmo assim, dentre de um mesmo ano letivo, há uma rotatividade de professores.

No gráfico, destacamos que o número de professores, que vemos como as aulas são mal distribuídas, pois, são muitas aulas em escolas diferentes e um grupo de profissionais pequeno em relação ao número de horas trabalhadas; dado importante para justificar a ausência dos professores contratados e que participavam dos encontros de formação.

Figura 8 – Panorama geral dos Encontros de Formação dos Professores

Panorama geral de Literatura e Produção Textual



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

5.3 A COMPENSAÇÃO DOS TEMPOS DE SOLIDÃO (FASE EXPLORATÓRIA)

Para descobrirmos o campo em que pretendemos atuar, estabelecemos um diagnóstico da situação da crise escolar sobre a leitura dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, de forma geral no Brasil, de acordo com os dados do Retrato escolar, assim, percebemos que se observássemos os encontros de educação permanente dos professores de Literatura e Produção Textual, poderíamos explorar

elementos para implementar um novo modelo de plano de aula e ainda registrar os dados entregues pelos professores durante os encontros de 2019. O levantamento dos dados da pesquisa contou com as observações da pesquisadora, pelos registros pessoais, além da participação dos encontros de educação permanente em 2019, na Secretaria Municipal de Educação de Lages/SC.

[...] os pesquisadores costumam praticar um reconhecimento de área. Isto inclui observação visual, consulta de mapas e organogramas e discussão direta com representantes diretos ou indiretos das várias categorias sociais implicadas. (THIOLLENT, 2011, p. 57).

A partir do calendário das formações continuadas dos professores de Literatura e Produção Textual, em 2019, da Secretaria de Educação do Município de Lages/SC, eu, tendo ingressado no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), envolvida na linha de pesquisa em Formação do Leitor, escolhi me aprofundar e estabelecer uma relação entre formadora/pesquisadora a partir dos dados de aproveitamento das formações continuadas dos professores de Literatura e Produção Textual antes de 2019, com a baixa adesão das professoras, que remetiam o problema por falta de tempo e por sentirem falta de práticas que fizessem sentido, pensamos em como poderíamos mudar as perspectivas do grupo do componente curricular e fazer do papel de ser formadora, uma mediação entre a prática e a literatura. A diferença está nos pequenos detalhes e nas anotações de conversas com as professoras que participaram e aceitaram o desafio de praticar mais e aprender novas teorias.

[...] Reduzir a distância em relação à estranheza daquilo que é externo a nós. Tentar sair da perturbação mental provocada pela incompreensibilidade inerente àquilo que está fora de nós (PETIT, 2019, p. 12).

Percebemos a possibilidade de acompanhar e planejar as aulas para os professores de Literatura e Produção Textual, contando com sete encontros de formação continuada, a partir de então, fazer o papel da pesquisadora: observar e anotar os dados, reações, impressões e falas do grupo, além da aplicação de um questionário reflexivo, aplicado no sexto encontro de formação continuada.

Para interpretarmos os dados desta tese, buscamos material da análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011), que procurou identificar e caracterizar os

elementos significativos presentes no conteúdo a ser analisado, os quais auxiliam o pesquisador a criar categorias de análise que permitiram organizar e classificar o material coletado a partir das atividades aplicadas nos sete encontros de formação dos professores de Literatura e Produção Textual.

As comunicações entre os encontros e nos momentos de encontros, levantam dados a serem analisados a partir do conteúdo da análise, pois o material envolve diálogo, questionários, além do material subjetivo que envolve a linguagem e a comunicação entre os professores e os formadores. A análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos, que se aplicam aos discursos, extremamente diversificados (Bardin, 2011, p. 15).

A partir da classificação dos elementos em categorias, os quais permitiram esclarecer os agrupamentos dos dados, primeiramente, fizemos uma “leitura flutuante” do material que já tínhamos em mãos, por conta dos encontros de educação permanente. Em uma primeira leitura, surgiram dados que foram formulados em hipóteses, como: as relações que o professor mantém com os seus significados e experiências vividas na docência, por exemplo, ou ainda, para refletirmos a partir dos elementos resgatados podemos ainda analisar as interlocuções que se apresentam como: conselhos, queixas, sugestões, pedidos... (BARDIN, 2011, p. 69).

Como base de análise, utilizamos, também, os sinais, baseados em indícios imperceptíveis para alguns, porém importantes para nós. Carlo Ginzburg (2011), na tentativa de sair da racionalidade dos dados de pesquisas, traçando uma linha de pensamento em que o fio condutor está nas entrelinhas dos dados históricos apresentados. Suas raízes foram dando frutos para podermos utilizar como forma de análise o paradigma indiciário. A ideia consiste em lermos todos os dados que nos são mostrados, inclusive os sinais que não aparecem explicitamente, porém dados em que o pesquisador possa decidir ler e interpretar.

[...] procurar elaborar, talvez às apalpadelas, um paradigma diferente, fundado no conhecimento científico (mas de toda uma cientificidade por se definir) do individual. A primeira via foi percorrida pelas ciências naturais, e só muito tempo depois pelas ciências humanas. O motivo é evidente. A tendência a apagar os traços individuais de um objeto é diretamente proporcional à distância emocional do observador (GINZBURG, 2011, p. 163).

Não podemos deixar de justificar a nossa intervenção e firmar o engajamento entre Secretaria de Educação, escolas e os professores, pois foram fundamentais na orientação de buscas e aprendizado sobre o assunto: atualizar os professores de Literatura e Produção Textual para se sentirem preparados para atuar em sala de aula na formação dos novos leitores.

5.4 O CONHECIMENTO E A AÇÃO (FASE PRINCIPAL)

A fase principal desta pesquisa contou com sete encontros de educação permanente, relacionados na tabela abaixo. Os encontros foram pautados em acolhimento e diálogo ao receber os professores de Literatura e Produção Textual. O nosso plano de ação também foi pensado para que, através das discussões informais, pudéssemos coletar dados e incorporar a esta pesquisa.

Para corresponder ao conjunto dos objetivos, a pesquisa-ação deve se concretizar em alguma forma de ação planejada, objeto de análise, deliberação e avaliação.

O primeiro encontro ocorreu no dia 11 de março de 2019, nesse momento escolhemos abrir com uma leitura compartilhada e apresentamos o gênero textual bula de remédio, conforme a Figura 9.

O grupo foi recebido na porta da Secretaria de Educação do Município de Lages/SC, na recepção cada um recebia uma caixinha contendo “remédios”, usado metaforicamente para abordarmos o gênero textual: *Bula de Remédios*. Os elementos descritivos do documento continha:

Figura 9 – Leitura compartilhada – Bula do Amor

Bula do amor

Informações técnicas

USO ADULTO E PEDIÁTRICO

Não necessita prescrição médica. Este medicamento não é encontrado em farmácias ou qualquer estabelecimento comercial, não sendo possível recebe-lo. A origem do amor é desconhecida, mas experimentos mostram que sua composição é de matéria semelhante a alma. Cientistas ainda não compreenderam a chamada propriedade multiplicativa do amor – quanto mais se dá, mais se tem.

Composição

Compreensão, carinho, alegria, sinceridade, respeito e paciência. Há elementos em sua composição ainda não identificados.

Indicação

Indicado para pessoas de todas as idades. Essencial para o bem-estar do bebê e crescimento saudável da criança. Jovens e adultos devem fazer uso regular. Imprescindível aos idosos, em especial aqueles com idade avançada.

Posologia e modo de usar

Doe uma dose de amor várias vezes ao dia. Ao doá-lo, certifique-se de fazê-lo com o coração. Ao recebe-lo, seja grato e prontifique-se a doar o dobro. Amor se dá em sacrifício e também em pequenos gestos, palavras de carinho, atenção, tempo. Constata-se a eficácia do amor pelo grau de felicidade provocado no outro e em você mesmo.

Reações adversas

Uma profunda e serena paz de espírito, brilho no olhar e sorriso sincero no rosto. Muita saúde e felicidade. Existem relatos de pessoas que queixam-se de excesso de entusiasmo e bom humor.

Contraindicações

Não há contraindicação.

Agosto de 2010

Fonte da imagem

Este texto faz parte do exercício criativo “Contraindicação”.

Saiba mais, conheça os outros textos:

<http://encantodasletras.50webs.com/contraindicacao.htm>

Francis Toyama

(Acervo Evelise, 2019)

A proposta teve o objetivo de acolher o grupo e preparar para a atividade que o grupo presente pudesse, através dos gêneros textuais, utilizar diferentes formas para se expressar e que, futuramente, a dinâmica pudesse ser compartilhada com seus alunos.

Trata a transmissão cultural e mais particularmente, a leitura: construir um mundo habitável, humano, poder encontrar ali o seu lugar e locomover-se; celebrar a vida no cotidiano, oferecer as coisas poeticamente; inspirar as narrativas que cada pessoa fará de sua própria vida; alimentar o pensamento, formar o “coração inteligente” (PETIT, 2019, p. 23).

Os diálogos e as experiências ao longo desta pesquisa nos permitiu perguntar aos professores de Literatura e Produção Textual: Como estavam se sentindo sobre as formações? Foram diversas respostas, entre elas, selecionamos três para apresentar aqui:

[...] me sinto feliz, principalmente pensar que não estamos aqui somente para o trabalho, mas para acolher os alunos e aqueles que estão em nosso ambiente de trabalho (Margarida);

Eu gostaria de aplicar a atividade com os meus alunos e com as diretoras da escola (Chimarrão);

A construção das ideias para os planejamentos de aula, vão acontecendo nos nossos encontros. Sinto que estamos caminhando certo...(Pinhão).

Quando misturamos sentimentos com a literatura, percebemos as professoras mais reflexivas, mais leves no sentido de encarar os desafios de estar em sala de aula e nos parecem satisfeitas e felizes e com propostas para as aulas e o trabalho. Corrobora tal observação, a antropóloga francesa Michèle Petit (2019):

Eu lhe entrego fiapos de saber e ficções para que você seja capaz de simbolizar a ausência e enfrentar, tanto quanto possível, as grandes questões humanas, os mistérios da vida e da morte, da diferença entre os sexos, o medo do abandono, do desconhecido, o amor, a rivalidade. Para que escreva sua própria história entre as linhas lidas (PETIT, 2019, p. 22).

A ficção por hora em livros de histórias, se encontrou com o leitor, no momento da leitura da Bula de Remédios, um gênero textual que saiu do seu padrão, entrou nos corações das doze participantes daquele encontro. Os fiapos entregues em forma de caixinhas, como uma atividade escolar, se apresentavam em histórias de vida e em memórias das próprias histórias.

O segundo encontro ocorreu no mês de abril, dia 08, do qual dez professores participaram. Nesse dia, trabalhamos a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e como seriam atualizados os componentes curriculares da rede municipal de ensino de Lages/SC. Sobre a BNCC, muitos professores tinham dúvidas em como aplicar a base em seu componente curricular, literatura e produção textual, ainda como seriam os novos modelos de planos de aula para os próximos meses de 2019.

Uma das atividades selecionadas para a formação número dois foram as práticas de pré-leitura e pós-leitura. A construção dos Quadros 2 e 3, se deu a partir da aplicação da sequência didática, baseada no modelo elaborado por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). O objetivo desta atividade foi auxiliar os professores a dominar os gêneros textuais. Aproveitamos para considerar as experiências que nos foram relatadas para o ensino-aprendizagem dentro e fora da sala de aula. As etapas propostas foram:

- Iniciamos o encontro com as professoras de Literatura e Produção Textual, com a discussão sobre a consciência do que falamos ao abordar uma nova aula com os nossos alunos;
- Criamos uma perspectiva do que poderia ser a narrativa que gostaríamos de trabalhar naquele momento;
- Cada professora, sendo onze naquele dia, recebeu um papel para descrever a pré-leitura, a partir da capa do livro, imagem projetada na tela da sala.
- A contação da história: O livro *As três perguntas do Rei*, adaptado pela escritora Sandra Aymone, faz uma interessante viagem por um reino cujo rei busca ansiosamente a sabedoria. O cenário da história era em uma floresta e o rei Leão, muito triste, gostaria de saber três perguntas sobre a vida: a primeira, qual o lugar mais importante do mundo? A segunda pergunta, qual a tarefa mais importante do mundo? e a terceira, qual a criatura mais importante do mundo? No encontro, utilizamos recurso audiovisual de um vídeo, *As três perguntas do Rei*, produzido por Projeto Conto e Reconto, disponível em: [<https://encurtador.com.br/cGWX3>], acesso em: 03 abr. 2019.
- Abordamos de forma coletiva e dialógica a narrativa;
- Após o momento de troca de experiências, as onze professoras receberam outro papel para escrever as suas observações do pós-leitura;
- O objetivo do encontro foi falar sobre os valores da vida e como os personagens nos representavam naquele momento;

Como apresentado até aqui, a discussão defendida é a garantia de que possamos vivenciar situações diversificadas em contato com a leitura e com a

escrita. Em síntese, podemos abrir caminhos para novas formas de experimentarmos a leitura e suas vivências. Durante a pré-leitura, que foi a apresentação da capa, sem o nome do livro, somente os personagens.

Algumas delas já conheciam a história, então, citaram o nome do livro e descreveram sobre a amizade, o que seria a sabedoria, e ainda fizeram sugestões de atividades que poderiam ser realizadas a partir da leitura. A partir das propostas, enfatizamos a proposta de produção textual. Momento de trabalho para as professoras que por vezes possuem muitos alunos e pouco tempo para desenvolver a atividade de escrita e reestruturação de texto. As hipóteses de Erva-Mate e Camomila saíram dos padrões, seguiram a ideia da sabedoria e Camomila foi mais longe, saiu da história e trouxe para momentos da sociedade real:

*Os animais da floresta irão fazer três perguntas ao rei Leão, que com sabedoria responderá a todas.
Os questionamentos vão levar à virtudes de cada um (Erva-Mate).*

As perguntas do rei como governar um reino? Como resolver problemas estruturais? Como ser democrático? (Camomila).

Quando buscamos interpretar além das linhas que lemos, saímos na frente com relação à interpretação. Ao analisarmos o que nos é colocado, utilizamos da linguagem e da compreensão dos fatos como nossos reguladores de opinião e de expectativas e realidade. Petit apresenta o caminho de emancipação leitora pela literatura e como podemos vivenciá-la:

O que está em jogo é, principalmente, que essa educação, essas experiências, estimulam aquelas e aqueles que se beneficiaram delas durante toda a vida, mesmo que tenham esquecido a maior parte do que descobriram ou vivenciaram (PETIT, 2019, p. 13).

Na apresentação das ideias do pós-leitura, os professores realizaram uma nova fala sobre o texto, contextualizando o que haviam colocado nas hipóteses e complementaram suas ideias sobre os estudos conversando e fazendo perguntas para a professora Dra. Danusia que esteve presente no encontro.

Me alegra estar em uma sala de aula com tanto encantamento pelas letras e pela preciosa leitura. Fico muito feliz por estar aqui e compartilhar a nossa experiência (Danusia).

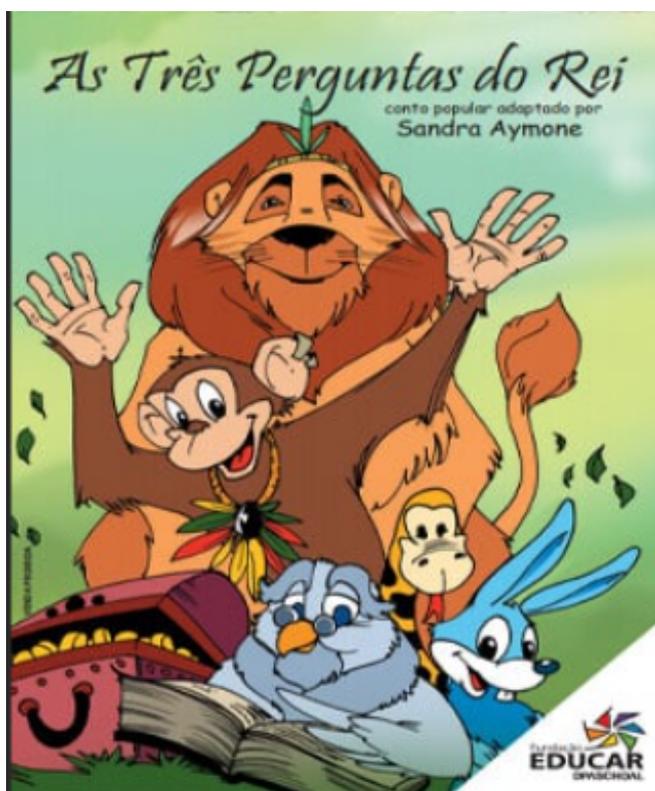
A tarde encerrou com muitas lições de textos e de experiências de leituras. Podemos relacionar o momento com a fala da Petit sobre o universo literário o que estamos buscando nesta pesquisa: o encontro das e com as letras.

Eu lhe apresento a literatura que, como as brincadeiras de “Cadê o nenê” ou o teatro de sombras, faz as coisas aparecerem e desaparecerem à vontade. Você poderá brincar com ela durante toda a vida se quiser, mergulhar no corpo e no pensamento de seres radicalmente diferentes de você. Só a literatura lhe dará acesso àquilo que eles viveram, imaginaram e temeram, mesmo que tenham vivido há séculos, mesmo que vivam em outras latitudes (PETIT, 2019, p. 22).

A leitura, em seus diferentes níveis e contextos, proporcionou acesso aos pensamentos e ao desenvolvimento da criatividade dos professores envolvidos. As situações comunicativas também se inseriram nos momentos dedicados à literatura.

A atividade sobre o livro “As três perguntas do Rei”, de Sandra Aymone, Figura 10, se propôs a reunir ideias e sugestões de práticas escolares vindas dos professores para compor, posteriormente, os seus planejamentos. Ao olharmos para a capa do livro, percebemos que a imagem poderia servir como elemento preparador para a leitura, oferecendo diversas maneiras de interpretá-lo, portanto, experimentamos a interação entre os professores e os formadores. A seguir, apresentamos a capa e o quadro completo das respostas da pré-leitura e pós-leitura do livro:

Figura 10 – Capa do livro “As três perguntas do rei”



(Imagem acervo pessoal Evelise 2023)

Quadro 2 – Práticas de Pré-leitura e Pós-leitura

Pré-leitura	Pós-leitura
Amigos Sabedoria (Coruja) Busca de um tesouro União	Devemos ser solidários uns com os outros. Se percebemos que um amigo não está bem, temos o dever de procurar uma maneira de ajudá-lo
As três perguntas do Rei Educar o Brasil; O que a bicharada esconde no baú? Serão novos amigos chegando?	Encontramos a felicidade nas coisas mais singelas. A importância de compartilhar o que sabemos, e o conhecimento adquirido com a leitura.
O leão é o rei dos animais e estão à procura de um tesouro que o macaco que é o vilão escondeu.	As três perguntas do rei Solidariedade Valorização do espaço: físico e humano Viver o presente da melhor forma possível
As três perguntas do rei: O livro trata de educação em grupo. Imagino que o rei seja o professor em sala de aula com alunos de todos os perfis.	É difícil governar em uma equipe!
As três perguntas do rei Hipóteses: Busca explorar alguma situação que envolva a autoridade do Leão enquanto rei da selva.	Reflexão: Devemos ser felizes onde estamos e amar a pessoa mais importante que é EU.

<p>Hipóteses: É um livro infantil O rei é o Leão Acredito que a coruja seja o sábio a quem as perguntas são feitas. O texto deve falar sobre um grande tesouro.</p>	<p>Nem sempre o que estamos fazendo de nossas vidas é o que gostamos, às vezes acabamos nos redescobrimo em algo jamais imaginado.</p>
<p>As perguntas do rei como governar um reino? Como resolver problemas estruturais? Como ser democrático?</p>	<p>As três perguntas certamente intrigam, entretanto as respostas dadas pela coruja são sábias e nos fazem refletir.</p>
<p>Livro: As três perguntas do rei - Como podemos organizar uma assembleia para decidir questões do castelo? - Quem será o próximo rei? Como vamos formar seus assessores?</p>	<p>Que cada pessoa é importante em tudo o que realiza. O que torna-se essencial é como as ações são realizadas, administradas.</p>
<p>Deve ser um tipo de charada. Quem responder certo às perguntas ganha um prêmio.</p>	<p>O livro registra a importância de dar valor ao que sentem. Demonstra também que devemos ser úteis quando necessário sem esperar nada em troca.</p>
<p>Conto popular sobre as dúvidas do rei quanto a sabedoria, astúcia, destreza e riqueza.</p>	<p>O lugar mais importante do mundo é o lugar em que estamos, pois é ali que podemos transformar o mundo, as pessoas e a si mesmo, construindo assim a felicidade.</p>
<p>Os animais da floresta irão fazer três perguntas ao rei Leão, que com sabedoria responderá a todas. Os questionamentos vão levar à virtudes de cada um.</p>	<p>Achei a história muito bonita e interessante, pois fala sobre um dos valores mais importantes: a solidariedade “A pessoa mais importante do mundo é aquela que precisa de <u>você</u>.” Um livro aparentemente infantil mas com um profundo ensinamento.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

O quadro acima, que apresenta a escrita dos professores de LPT, neste momento, serviu como base para as análises do próximo capítulo, pois foi uma atividade envolvente e que contém elementos sobre a condução da formação dos professores.

No terceiro encontro, nos unimos ao componente curricular de Arte para mostrar aos professores como podemos trabalhar a interdisciplinaridade de forma simples e significativa. A interação social entre os professores de Literatura e Produção Textual e Arte incluiu a colaboração dos coordenadores dos componentes curriculares e ainda o envolvimento e desenvolvimento de metodologias para aplicação em sala de aula.

Diante do desafio de unirmos Arte com Literatura, reunimos o grupo no Centro Cultural na cidade de Lages/SC, utilizamos a história do centro cultural para pensarmos em conjunto em ideias que pudessem ser usadas para confrontar ideias, conhecimentos, expressão dos sentimentos dos professores e ainda adequar as competências necessárias para o desenvolvimento de uma atividade coletiva.

Sair do espaço escolar faz com que tenhamos novas experiências e ideias para trabalhar (Amanhecer).

Entendemos que além das novas ideias de trabalho, a ampliação dos conceitos de leituras aconteceram por meio das experiências que os professores acompanharam naquele momento. Ao sair da sala de aula, entrar em um espaço cultural da cidade e observar novos ambientes se aliaram ao momento de criatividade, como se fosse uma oxigenação de ideias. A experiência para Larrosa, é o que nos acontece e pode ser que seja uma ação sem se programar, porém com efeitos e sentidos que nos ajudam a ser melhores, como pessoas e como professores:

Em primeiro lugar, é preciso reivindicar a experiência, dar-lhe certa dignidade, certa legitimidade. Porque, como vocês sabem, a experiência foi menosprezada tanto pela racionalidade clássica quanto pela racionalidade moderna, tanto na filosofia quanto na ciência. Na filosofia clássica, a experiência foi entendida como um modo de conhecimento inferior, talvez necessário como ponto de partida, porém inferior: a experiência é só o início do verdadeiro conhecimento ou inclusive, em alguns autores clássicos, a experiência é um obstáculo para o verdadeiro conhecimento, para a verdadeira ciência (LARROSA, 2019, p. 38).

No nosso caso, utilizamos a experiência como verdadeira emancipação de nossas leituras e de nossas práticas escolares. Fomos nos tornando independentes pelas experiências. Ao estabelecermos o diálogo como experiência aos professores de Literatura e Produção Textual, criamos conteúdos, fizemos interpretações pessoais, resgatamos a nossa essencialidade como ser crítico e capaz de narrar a sua própria história.

Para o encontro do mês de junho, convidamos para a participação a professora Dra. Danusia Silva, referência em Literatura em nosso município. Ela apresentou textos para refletir sobre o ensino de literatura nas escolas e ainda proporcionou um momento de reflexão, entregou uma folha de árvore para cada uma e, a partir das memórias das professoras, elas produziram uma redação sobre os valores da infância. Para compor a atividade, os professores realizaram um mapa de atividades dentro dos eixos temáticos, com ideias de trabalho.

Ao iniciarmos a formação, identificamos quais eram os elementos necessários para a construção de narrativas. Os presentes se dividiram em dois grupos,

verificamos entre os professores se sabiam da importância do título de um livro ou de uma história. Pensativos, disseram que nem sempre se preocupavam com o título. Três participantes responderam:

Primeiro eu vejo a capa, para saber se será interessante, depois o título (Tradição);

Não lembro o que me chamaram a atenção do livro (Inverno);

Me preocupo se o conteúdo e o vocabulário será interessante para os alunos e para qual a faixa etária (Pinhão).

Dentro de uma roda de diálogo, enfatizamos a ideia de que o título de um livro serve para fisgar, atrair o leitor para a leitura e que assim, ajudaria os professores a levantar hipóteses, intuir sentidos e, além disso, evocar textos e leituras que façam parte de seu repertório ou que dialogue com suas experiências. Para a experiência de ser professor e fazer sentido dentro da prática de aula, Larrosa (2019) enfatiza que todas as possibilidades de diálogo se tornam momentos de aprendizagem e que assim, a experiência é que nos transforma.

A experiência não pode ser antecipada, não tem a ver com o tempo linear do planejamento, da previsão, da predição, da prescrição, esse tempo em que nada nos acontece, e sim com o acontecimento do que não se pode “pre-ver”, nem “pre-escrever”. Por isso a experiência é sempre do que não se sabe, do que não se pode, do que não se quer, do que não depende de nosso saber nem de nosso poder, nem de nossa vontade (LARROSA, 2019, p. 69).

A experiência multiplica opções, não nos exige nada, somente acontece e aprendemos a nos desenvolver juntos aos outros, porém de forma singular. Ao propormos novas leituras, também estamos influenciando os professores de Literatura e Produção Textual em suas experiências. Neste encontro, lemos o título do conto “Medo”, de Cora Coralina e, naquele momento, os treze professores de Literatura e Produção Textual, relataram o que a palavra representava em seus pensamentos. O objetivo da abordagem antecipada era envolver as professoras, trazendo contextualização para a história que lemos na sequência. A seguir apresentamos a fala dos professores, em relação a pré-leitura do texto:

Medo do desafio, de inovar (Chimarrão);

Medo do bicho-papão (Geada);

Medo de não dar conta de terminar o ano (Lavanda).

As palavras registradas sobre o medo refletiram na realidade dos professores envolvidos. O medo do desafio de se reinventar como professor de leitura, não como contar histórias e falar sobre, mas aumentar as possibilidades de interpretação do texto a ser explorado, por diversas formas de criar momentos que influenciam na vida dos estudantes posteriormente.

MEDO - CORA CORALINA

Viajava uma jardineira, expresso ou perua, como se diz, de Goiânia para Goianópolis. Levava na coberta, entre malas e trouxas, um caixão vazio de defunto, destinado para uma pessoa falecida naquele distrito. Logo adiante na estrada, um homem parado, dá sinal e a perua para. Dentro, tudo cheio. O homem que precisava seguir viagem aceitou de viajar na coberta com os volumes e o caixão vazio. Subiu. O tempo tinha se fechado para chuva e logo começou a pingar grosso. O sujeito em cima achou que não seria nada demais ele entrar dentro do caixão e ali se defender da chuva. Pensou e melhor fez. Entrou, espichou bem as pernas, ajeitou a cabeça na almofada que ia dentro, puxou a tampa e, bem confortado, ouvia a chuva cair. Mais adiante, dois outros esperavam condução. Deram sinal e a perua parou de novo; os homens subiram a escadinha e se acocoraram no alto. Iam conversando e molhados com a chuva fina e insistente. Passado algum tempo o que ia resguardado escutando a conversa ali em cima levantou devagarinho a tampa do caixão e perguntou de dentro, só isto: "Companheiro, será que a chuva já passou?". Foi um salto só que os dois embobados fizeram correndo. Um quebrou a perna, o outro partiu braços e costelas e ficaram ambos estatelados do susto e sem fala, na estrada.

(Deixa que eu conto. 1ª Ed. São Paulo: Global, 2003. Coleção Literatura em minha casa, v.2. Conto. Vários autores).

Abrimos, então, questões para que as professoras pudessem imaginar a atuação delas em sala de aula.

Foi fundamental, vejo maior conhecimento na área, um momento onde as turmas tem oportunidade de se expressar em prática a escrita e a imaginação (Florescer).

Como vimos, a leitura pode ser sensorial e se revelar dentro de momentos de medo, alegria, tristeza, porém, o processo de participação efetiva dos professores, junto aos seus alunos, pode e deve ampliar a concepção de suas leituras e envolver os estudantes e os professores ao nível reflexivo e dialógico do texto.

Disso resulta que a compreensão, o comentário e a explicitação do fato ideológico devem dirigir-se para o interior, isto é, fazer o caminho inverso da expressão: procedendo da objetivação exterior, a explicação deve infiltrar-se até as suas raízes formadoras internas. Essa é a concepção da expressão no subjetivismo individualista (BAKHTIN, 2009, p. 116).

Ao pensarmos no diálogo, os professores escolheram diferentes textos para compartilhar e ainda compomos ideias de atuação em sala de aula. Trouxeram, por exemplo, o texto: “Menina Bonita do Laço de Fita”, de Ana Maria Machado, para propor um diálogo, fazer uma fala sobre a inveja, o medo e o preconceito e por fim produzir uma fábula com um novo final. A escolha de tal obra aponta para um dado importante a ser destacado nesta pesquisa, pois demonstra que o repertório de leitura das professoras é, também, constituído por obras como esta, que é um clássico da literatura infantil brasileira. Ao proporem a atividade com a leitura, a partir da experiência vivenciada no encontro, deu-se a ampliação da concepção de trabalho significativo com a leitura, demonstrando, assim, a necessidade e a eficiência de formações continuadas que permitam a experiência, que não sejam apenas modelos a serem seguidos.

Abaixo, na Figura 11, podemos ver a sequência de atividades selecionadas para apresentar à turma de formação continuada em Literatura e Produção Textual: na lista de gêneros, três opções foram escolhidas para desenvolver a atividade: História - narrativa/conto ou fábula; no segundo momento, história em quadrinhos, e no terceiro momento com os alunos, a poesia e a música foram escolhidas.

Por último, no eixo da escrita, as professoras sugeriram as próprias obras escolhidas para produção de fábula e a produção de um final diferente do texto no coletivo, história em quadrinhos, escrita e produção de tirinhas.

Figura 11 – Produção dos professores de Literatura e Produção Textual

GÊNEROS	LEITURA	ORALIDADE	ESCRITA
História - narrativa Conto Fábula	Menina Boniteiro baço de fto.	Dialogando o texto. Racconto Montre - Inveja	Fábula - produzir outro final. Textos coletivos
História em quadrinhos	Monica e Abolinha	Dialogando o texto	Produção de História em quadrinhos Turinha.
Poesia Música	Declamar poemas	Recitar poemas. Contar músicas. Rimas Somos das letras	Produção de abstrachuras e reescrever a história Produção textual.

Kellen Cristina Muenberger
Mayara Lima da Silva Ramos.

Jaime Lórdova - Passos da Silva
Ana Luísa Cardozo.

Fonte: Acervo da autora (2023)

Pela produção do quadro acima, as ideias de propostas de trabalho, percebemos que a produção escrita e textos coletivos, além da reescrita da história, foram incluídas, a análise empreendida nos evidencia que os professores foram capazes de perceberem a importância de trabalharmos a partir dos gêneros textuais e ainda assim, o grupo de trabalho reconheceu os eixos de trabalhos, dividiu as propostas e ampliaram a compreensão de leitura.

No quinto encontro foi realizado o “II SIMPÓSIO INTERDISCIPLINAR”, realizado pelo grupo do NEEP¹, o evento contou com todos os professores da rede municipal de educação dos anos iniciais e finais do ensino fundamental. O momento nos trouxe uma conversa com as professoras Laiz de Sousa Beerends e Daniele Melo de Liz, experientes em produção de livros e produção de aulas.

No primeiro horário, recebemos os professores de todas as áreas do conhecimento e nos reunimos em um auditório. O diálogo iniciou com uma reflexão

¹ NÚCLEO DE EXCELÊNCIA EM EDUCAÇÃO PERMANENTE

sobre os professores e como eles se envolvem com o desenvolvimento de crianças e adolescentes do município de Lages. Também, pela fala da professora e formadora Laiz de Sousa Beerends. A formação dos professores, nesse sentido, se tornou relevante e fundamental, na medida que abordou a leitura e a aplicação da proposta de trabalho para a formação integral do estudante, e se definiu como um conjunto de conhecimentos, saberes, experiências, valores e atitudes, que os alunos e professores também, como mediadores do ensino, possuem por direito a compreensão da Educação Básica, para que ao longo do processo, possamos ver o progresso na reflexão e sistematização da aprendizagem.

A professora palestrante também abordou o direito à aprendizagem e ao desenvolvimento de crianças, jovens e adultos na Educação Básica, que está fundamentada na Constituição Federal de 1988, que estabelece no artigo 210, o dever do estado “assegurar a formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as competências e habilidades expressam os direitos de aprendizagem nas diferentes áreas do conhecimento. Assim, a professora Daniele Melo de Liz, mestre em Educação, formada em Ciências Biológicas e Geografia, aproveitou as diferentes áreas do conhecimento reunidas e abordou a relação entre os componentes curriculares. Enfatizou que os ambientes de aprendizagens na escola podem ser mais colaborativos e dar espaço para os momentos de escuta, pois ele permite o exercício da leitura e da escrita relacionadas com as atividades da vida social.

O que vem ao encontro do que trabalhamos nos quatro primeiros encontros com o grupo de Literatura e Produção Textual, principalmente na experiência de diálogos entre os pares e os estudantes.

No mês de outubro, começamos a nos organizar para o final do ano letivo de 2019, fizemos o nosso encontro como sempre fazíamos, recepção das professoras; discutimos como as professoras poderiam fazer as suas avaliações, e em comparação com a regência dos anos iniciais, como as professoras poderiam considerar as suas notas para encerrar o ano letivo. Nesse dia, aproveitamos o momento para aplicar um questionário de reflexão sobre como foi o ano de 2019 e como foi trabalhar com o componente curricular de Literatura e Produção Textual.

Quando chegamos ao sexto encontro, percebemos que precisávamos questionar alguns momentos das formações continuadas que tivemos em 2019.

Ao fazermos a proposta do questionário reflexivo, percebemos antecipadamente a importância de ouvirmos os professores, eles queriam falar sobre as suas experiências e como pretendiam trabalhar a partir dos ensinamentos do ano de 2019. O questionário foi aplicado no mês de outubro. As questões foram apresentadas em uma folha timbrada da Secretaria de Educação de Lages/SC. No questionário, priorizamos a opinião das professoras e foi composto por seis perguntas:

01. Como você avalia a “Literatura e Produção Textual” como componente curricular do pré-escolar ao 5º ano?
02. O que poderia ser melhorado em relação ao andamento das aulas?
03. Como você trabalha a produção textual nas classes de alfabetização?
04. De que maneira você articula os gêneros textuais no planejamento de suas aulas?
05. Em quais situações você promove a reestruturação do texto?
06. Como você avalia a sua atuação nesse ano de 2019?

No mesmo encontro, após o café, fizemos uma roda de conversa para socializar as práticas pedagógicas feitas em sala de aula pelos professores que trouxeram fotos e materiais produzidos pelos alunos. No material, percebemos a importância dos encontros de formação continuada, pois eles apresentavam etapas de trabalhos, atenção com a linguagem e ainda criação de ideias no sentido de como envolver os estudantes com a leitura e com a escrita. Neste momento, compreendemos que as propostas começaram a trazer resultados, pois as aulas estavam sendo trabalhadas a partir de gêneros textuais, com contação de histórias, dramatização com fantoches, desenho ou pintura com o significado da história, além da produção textual.

Em um dos trabalhos do grupo, a professora Erva-Mate contou a “Lenda da lara” e relatou a abordagem de como era a vida de lara, como se vestiam, onde moravam e ainda como foi a vida da lara, na sequência ela solicitou aos alunos que fizessem um mural das imagens da lenda. A professora sinalizou que antes não seguia uma sequência de atividades e que, por vezes, os alunos somente pintam o desenho, sem conhecer a história. Na sequência da aula, inserimos o questionário.

A partir das respostas dos professores, fizemos a relação entre a teoria/prática, o ponto de análise e embasamento a partir do questionário de reflexão, serviu como uma ponte de ligação entre os dados recolhidos e a teoria que nos dedicamos a explorar. Assim, entendemos o trabalho tomou forma e força na

relação entre nós e no reconhecimento entre os pares, através dos relatos de experiências promovidos pelas nossas professoras Margaridas, Flores, Tradições e culturas que no fazem ser o que somos, uma vez que, como aponta Larrosa:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, [...], suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, [...], escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, [...] e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24 e 25)

Dentro das categorias de análises, decidimos nos dividir em grupos para melhorar a leitura e compreensão dos registros, as categorias foram divididas em concepções de leitura, tempo e espaço, relação professoras e alunos, planejamento e reestruturação do texto, para finalmente junto ao grupo de professores apresentar as nossas concepções de exploração e entendimento da tese.

Uso muito a ludicidade, conto história, músicas e depois faço a escrita espontânea na atividade proposta, uso palavras que se relacionam com as imagens (Florescer).

A valorização dos professores sobre os gêneros textuais, traduzida na variedade do uso e em diferentes contextos, nos demonstram dados importantes, pois na discussão em como trabalhar de forma efetiva com a Literatura em sala de aula, a professora Florescer apresentou além dos contos, do enredo, o encantamento da leitura por meio da música, através do diálogo e ainda com a compreensão das palavras além do uso das imagens. Os encontros de formação continuada dos professores de Literatura e Produção Textual se instituiu dentro do objetivo proposto, vemos e aprendemos diferentes concepções sobre a apropriação da leitura e escrita e como podemos ampliar o conhecimento dos nossos alunos, pois desde sempre, o maior objetivo dos encontros foi a propagação da leitura para além dos professores, mas formar professores leitores e capazes de ser emancipados o suficiente para formar alunos leitores críticos e independentes dentro de seus espaços escolares.

Quando chegamos aqui, indo para o último encontro do ano, foi organizado um Convescote Literário, o nome surgiu por inspiração de uma colega de trabalho,

que sugeriu fazermos um piquenique ao ar livre, como se fosse uma roda de conversa, um sarau com troca de ideias e fazer um encerramento com o grupo que deixasse marcas do que vivemos até ali. A ideia do convescote foi integrar o grupo de pesquisa que participou ao longo de 2019 dos encontros de formação continuada, além de ser um momento de leitura e reflexão sobre o ano finalizando. De acordo com Rildo Cosson (2009), a prática da leitura se torna um processo importante para a aprendizagem do leitor:

Para redimensionar essas aprendizagens de forma que conduzam de modo satisfatório o processo do letramento literário é que propomos novo caminho. Seus pressupostos, que tentamos tornar explícitos na primeira parte deste livro, determinam, em primeiro lugar, que o ensino da literatura deve ter como centro a experiência do literário. Nessa perspectiva, é tão importante a leitura do texto literário quanto às respostas que construímos para ela (COSSON, 2009, p. 47).

Portanto, o Convescote Literário foi pensado em ideias e propostas que apresentamos sobre Larrosa e Cosson, viver a experiência literária. O encontro se realizou no pátio da biblioteca municipal de Lages/SC, lá, saímos do auditório para além do piquenique, visitamos o local do encontro, pois a intenção também era a vivência da biblioteca pública e vem de encontro com a abordagem que foi incluída no processo formativo dos professores de Literatura e Produção Textual, para a consolidação da multiplicação dos espaços de leituras, não somente nas escolas, mas nos ambientes que proporcionam a emancipação dos sujeitos desta pesquisa.

Buscamos espaços democráticos e que colaboraram com o processo de melhoria da qualidade social, e disseminação de estratégias que promoveram o exercício de ler, escrever e também conversar, para assegurarmos a emancipação dos professores e alunos da rede escolar.

5.5 DENTRE FLORES E ESPINHOS, A MAIS BELA FLOR APARECE:

Para classificarmos as categorias de análise, nos apegamos aos componentes mais utilizados durante o ano de trabalho de 2019. O estudo baseado nas habilidades do estudante mudou a visão dos professores que, até aquele momento da educação, trabalhavam de forma tradicional, centrados na explicação do professor. Dentro dos diálogos que proporcionamos nos encontros de formação continuada, muitos elementos nos foram trazidos, a saber: tempo de aula,

problemas internos na escola, alinhamentos com as professoras regentes e, ainda, como melhorar o conceito de ser um formador de leitores. Assim, dividimos as categorias de análise e as classificamos da seguinte maneira: a) concepção de leitura; b) tempo e espaço; c) relação professoras e alunos; d) planejamento e reestruturação do texto; e) atuação como professora. As quais serão demonstradas e analisadas no capítulo a seguir.

6 DE QUEM PLANTA E COLHE: PERSPECTIVAS DE FLORES A BROTA

Aromada flor campeira
 Com tua permissão me achego
 Gasto um tanto dos pelegos
 Dos mormaços e soalheiras
 Durante a semana inteira
 Tudo foi normalidade
 Tirando a capacidade
 Que tens de seguir meus passos
 Estar em tudo que faço
 Sonhos, memórias, vontades [...]

(QUARTETO CORAÇÃO DE POTRO)

Somos como tecidos avulsos, retalhos, pedacinhos, tentando por erros e acertos nos costurar, fazer parte de algo, tecer ideias com o objetivo de nos tornarmos uma grande colcha, ou simplesmente pertencer a algum outro retalho. Na produção da escrita escolar, podemos comparar as letrinhas dos alunos aos tecidos, que precisam se unir e montar o texto. No processo de formação do professor leitor, também juntamos os pedaços e as histórias encantadoras, para despertar o amor dos professores pela leitura.

Dentro do espaço provedor da criatividade, unir os retalhos parece difícil e trabalhoso, porém, a partir dos encontros de formação continuada, entre os professores e os coordenadores da disciplina de Literatura e Produção Textual, foi possível desenvolver práticas pedagógicas que permitiu ao grupo a apropriação de modelos e ideias, permitindo novas possibilidades em sala de aula.

A) CONCEPÇÕES DE LEITURA

As leituras compartilhadas serviam de acolhimento, no questionário proposto, a palavra literatura se evidencia por muitas professoras, pois todas compreendem a importância do componente curricular nas escolas e além das formações serem importantes, como se percebe na exposição de Margarida sobre a leitura do livro .

Importante, pois é um auxílio para as aulas de português, e também um incentivo a leitura (Margarida).

A partir da leitura e da ampliação do conceito de literatura, percebemos o componente curricular e as aulas, a partir da formação dos professores.

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade (COSSON, 2014, p. 17).

Como prática principal, nos permitimos além de formar leitores, perceber a emancipação das habilidades sociais dos sujeitos envolvidos. Não tratando somente de alunos, mas de nós professores formadores e professores de Literatura e Produção Textual.

B) TEMPO E ESPAÇO:

Na categoria tempo e espaço, apresentamos o tempo de trabalho em sala de aula, lugar onde as professoras possuem uma hora e vinte minutos semanais para ler, escrever e analisar a escrita dentro do curto espaço de tempo. Nas conversas com o grupo, registramos a insatisfação com relação ao tempo disponível das aulas. A interação fica danificada pelo tempo de exposição dos alunos com a Literatura e Produção Textual. Quando os professores foram questionados sobre o que poderia ser melhorado no componente curricular, todo o grupo se manifestou a necessidade de ampliar o tempo:

Mais tempo para poder interagir mais com todos os estudantes, escutar suas ideias em relação às suas atividades (Lavanda).

Na minha opinião o número de aulas poderia ser ampliada para três aulas ao invés de duas, pois as crianças aprendem muito com nossas aulas (Erva-Mate).

Por meio da fala dos professores, pelos documentos norteadores, pela carga horária disponibilizada para o componente curricular Literatura e Produção Textual, o processo não acontece de forma emancipatória, constatamos a falta de tempo e de espaço dentro do ambiente escolar, incentivo da leitura e da interpretação dos textos

como aprendizado, além do desgaste dos professores com relação ao momento de Literatura e Produção Textual. Enquanto não houver o tempo e o espaço de qualidade para as aulas de leitura, ficaremos presos a ideia de desenvolvermos a linguagem e a compreensão textual nas diferentes faixas etárias da escola. O modelo ideal de aula de LPT seria a que Larrosa (2019) expressa aqui:

Necessitamos de uma linguagem para a conversação. Não para o debate, ou para a discussão, ou para o diálogo, mas para a conversação. Não para participar legitimamente nessas enormes redes de comunicação e intercâmbio cuja linguagem não possa ser nossa, mas para ver até que ponto ainda somos capazes de nos falarmos, de colocar em comum o que pensamos ou o que nos faz pensar, de elaborar com outros o sentido ou a ausência de sentido do que nos acontece, de tratar de dizer o que ainda não sabemos dizer e de tratar de escutar o que ainda não compreendemos (LARROSA, 2019, p. 71).

Compreendemos a interlocução das aulas de Literatura e Produção Textual, tomou forma e houve momentos de compartilhamentos de experiências entre os os professores desta pesquisa e seus alunos.

C) RELAÇÃO PROFESSORAS E ALUNOS:

A afetividade, o acolhimento das professoras com os seus alunos foram elementos que surgiram nas respostas das professoras, palavras de amor, a cada encontro de educação permanente, as histórias dos alunos, da rotina escolar sempre era a primeira pauta do momento. A partir do relato da professora percebemos como há uma interação forte entre os alunos e o professor:

Através de diversos textos: contação de histórias, fábulas, receitas, rótulos e leitura compartilhada (Flor do campo).

Entre relatos, atividades e criatividade da professora, a história vai acontecendo e os alunos se envolvem nos contos, nas receitas e vão construindo seu próprio modo de ler e escrever. Na experiência de Rancière e do professor Jacotot, podemos ensinar o que ignoramos, bastamos nos render ao ato de emancipar os alunos:

Quem ensina sem emancipar, embrutece. E quem emancipa não tem que se preocupar com aquilo que o emancipado deve aprender. Ele aprenderá o que quiser, nada, talvez. Ele saberá que pode aprender porque a mesma inteligência está em ação em todas as produções humanas, que um homem sempre pode compreender a palavra de um outro homem (RANCIÈRE, 2019, p. 37).

Inseridos no momento de socialização dos conceitos de leitura, nos conectamos à visão de ampliação da subjetividade das ações do ser professor, no processo de experienciar as diferentes capacidades do texto lido e compreendido, criando estratégias para abrir campo de discussões e de sujeitos que leiam além das linhas apresentadas.

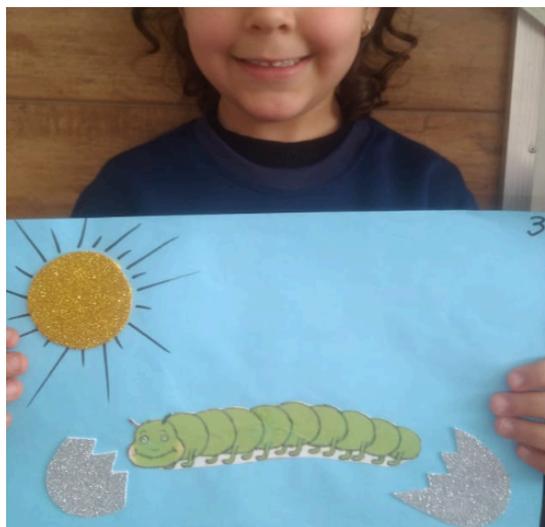
D) PLANEJAMENTO E REESTRUTURAÇÃO DO TEXTO:

A partir da apresentação dos gêneros textuais, o planejamento das aulas de acordo com as professoras, seguiu uma sequência de escolha do gênero, contação de histórias e depois a produção textual, Figura 12. Um elemento chave seria o que questionamos, foi a reestruturação do texto após a produção dos alunos escritor. Como elas faziam a reestruturação textual?

Quando observo que tem muitos erros de gramática, ortografia e do gênero textual solicitado. Muitas vezes os estudantes não conseguem escrever o que pedimos, é preciso nestes casos pedir a reestruturação. Tenho alguns alunos que pedem para reescrever seus textos e pedem auxílio (Pinhão);

Passo uma produção de texto e cobro o que eu trabalhei e expliquei para o aluno o que eu trabalhei e expliquei para o aluno quando eu vejo que à dúvidas vou chamando na mesa e vou mostrando e montando o texto feito com o aluno (Inverno).

Figura 12 – Produção textual



(Acervo pessoal Evelise, 2023)

O trabalho de reestruturação textual compõe uma prática essencial do professor de Literatura e Produção Textual, pois apresentar a reestruturação do texto possibilita ao aluno ver o seu texto e perceber que ele pode ser reproduzido e melhorado. Enfatizamos junto aos professores a importância de realizar a prática de escrita e de reescrita, ao fazê-lo, o professor e o aluno constroem também uma relação subjetiva entre si e contribuem juntos para a compreensão do texto, melhorando a interpretação textual e a fluência da leitura.

Nós, os professores de literatura, sabemos que esse é o momento em que o texto literário mostra a sua força, levando o leitor a se encontrar (ou se perder) em seu labirinto de palavras. Aliás, como costumamos dizer aos meus alunos, o texto literário é um labirinto de muitas entradas, cuja saída precisa ser construída uma vez e sempre pela leitura dele (COSSON, 2009, p. 65).

Quebramos os protocolos convencionais pelo prazer de ser leitores, o professor de Literatura e Produção Textual precisa saber de suas responsabilidades com o ensino de literatura, porém, temos a opção de nos perdermos na oportunidade de criar novos rumos para as histórias contadas.

E) ATUAÇÃO COMO PROFESSORA

A contação de histórias fica em primeiro lugar na relação entre as professoras e os alunos, pois através dela, as crianças aguardam ansiosas pelas novas descobertas diálogos sobre o tema que foi abordado. As professoras se interessam pelos estudos e pela melhora das suas práticas pedagógicas. Na fala da professora Florescer, ela se dedicou ao momento de estar com os alunos em forma de contar histórias:

Contando histórias sobre aquele gênero, explicando e dialogando, aceitando ideias de toda a turma, cada um com sua experiência (Florescer);

Percebemos a potencialidade da leitura aos estudantes e como podem ser realizadas em sala de aula trazendo elementos aos alunos para que possam construir memórias e novas histórias. Como quando lemos em voz alta, eles estão presentes em sua vida interior, eles elaboram. (PETIT, 2019, p. 26).

6.1 O SIGNIFICADO DA AROMADA, FLOR CAMPEIRA: ENCONTRO DOS CAMINHOS PERCORRIDOS

Seguindo os passos da “aromada” flor campeira, experimentamos a formação de professores de Literatura e Produção Textual pela prática escolar, inseridos no contexto de leitura, diálogo e escrita. Este capítulo teve por objetivo apresentar a análise dos dados que coletamos durante a pesquisa e junto ao grupo pesquisado. Para além de dados coletados, também incluímos os sujeitos e as suas práticas pedagógicas, na busca de interpretarmos o sentido da leitura, do ensino da literatura e a formação de leitores. Destacamos os sete encontros realizados em 2019, sete possibilidades de interação, acolhimento e trocas de experiências entre os formadores e os professores. Muitas histórias e memórias se passaram naqueles momentos de troca, além de repensarmos sobre o tempo estipulado para o trabalho com a Literatura e Produção Textual sendo uma vez por semana durante uma hora e quarenta minutos.

As ações de acompanhamento pedagógico na formação continuada dos professores de Literatura e Produção Textual se apresentam como dados para a

continuidade do trabalho que ocorreu dentro das escolas. Pretendemos, a partir das questões selecionadas, direcionarmos os treze professores de Literatura e Produção Textual, para que possam utilizar suas próprias estratégias de desenvolvimento, de forma independente, sem estar conectado diretamente aos coordenadores de formação continuada da Secretaria de Educação do Município de Lages/SC.

A) CONCEPÇÃO DE LEITURA:

A literatura, por vezes, não é compreendida, principalmente quando está imposta nos ambientes escolares. Petit, relata a experiência de observar outros leitores e em uma de suas entrevistas os momentos são revelados pelas crianças e pelos professores leitores:

A importância da leitura raramente é explicitada, como se fosse óbvia. Todavia...Henriette Zoughebi, que por muito tempo dirigiu o Salão do Livro Infantojuvenil de Montreuil, contou-me certo dia uma cena a que assistira: “Um menininho observava a sua professora mergulhada em um livro; intrigado, ele se aproximou dela e fez a seguinte pergunta: “Tia, por que você está lendo, se já sabe ler?”[...] Muitas crianças têm o sentimento de ter de enfrentar determinados aprendizados sem compreender o sentido, o porquê, como se se tratasse de uma lógica ou mesmo de caprichos próprios da escola, aos quais é preciso submeter-se sem tentar compreender. Mas se existe um aprendizado cuja necessidade funcional e utilidade social poderiam parecer patentes, isso sem falar de todo o resto, não seria o da leitura e o da escrita? (PETIT, 2019, p. 37)

A este respeito, a professora *Amanhecer* relata que:

[...]que o componente curricular de Literatura e Produção Textual nos anos iniciais são de suma importância para o desenvolvimento dos alunos, pois agregar e articular juntamente em parceria com os professores é fundamental para que ambos ampliem seus conhecimentos (Amanhecer).

Compreendermos que somos importantes, não nos torna essencial, precisamos nos manifestar, através do desempenho pelos dos alunos que estão sendo vistos no antes e após as aulas de Literatura e Produção Textual. A principal urgência da educação básica é a alfabetização na idade certa, a implementação da Base Nacional Comum Curricular e ainda a partir dos resultados da prova escolar dos Índices de Desenvolvimento da Educação Básica, podemos nos inserir e avaliar como foram os indicativos e em qual momento a leitura foi importante para o

desempenho dos alunos na avaliação nacional. No momento, ainda não podemos comparar os resultados dos alunos, somente da formação continuada dos professores de Literatura e Produção Textual e como eles pensam que querem atuar no componente curricular. Entretanto, a percepção após a formação docente no ano de 2019, pelos dados do questionário que foi aplicado no mês de outubro, pelos relatórios das produções e devolutivas realizadas em cada escola com o professor de Literatura e Produção Textual, através da visitação nas escolas foi possível constatar a evolução das práticas pedagógicas e de leitura dos treze professores.

B) TEMPO E ESPAÇO

O tempo de trabalho em relação aos outros componentes curriculares dos anos iniciais fica em desvantagem pelo fato de haver apenas duas aulas semanais. Todas as professoras relataram que em suas escolas há falta de espaços para leitura (falar desta triste realidade que assola cada vez mais escolas brasileiras) e ainda quando a professora de LPT chega na aula, precisa de, pelo menos, dez minutos para acalmar os estudantes e iniciar o seu trabalho. Algumas vezes, a aula também é interrompida pela hora do lanche e ainda pelo tempo de recreio. Os relatos das professoras evidenciam este tempo reduzido:

Fala das professoras sobre o tempo e o espaço,

Mais aulas, pois o tempo é curto (Margarida);

Poder interagir mais com todos os estudantes, escutar as suas ideias em relação às suas criatividadees (Lavanda);

Não há tempo para a confecção de materiais, falta espaço para a contação de histórias (Chimarrão).

O compartilhamento da opinião das professoras, apresentamos a realidade de não podermos trabalhar e aprofundar a leitura, pois não temos tempos em duas aulas semanais para atuarmos e o tempo é curto, não há possibilidade de trabalho,

As palavras que eu tiver dito, lido ou cantado vão disponibilizar uma experiência poética do espaço. As ruas ou os bairros ganharão relevo, farão você sonhar, sair à deriva, associar, pensar (PETIT, 2019, p. 19).

Todos os momentos importam, e por um segundo, o que experimentamos, pode gerar frutos e termos novos leitores em formação. A partir do relato dos professores, percebemos a complexidade de trabalhar a literatura em ambiente escolar, por falta de tempo, falta de horários mais específicos e ampliados, falta de espaço para a leitura. Não se trata somente de ler e finalizar, porém, como relatado, ler, compartilhar, refletir, expor as ideias, falar sobre o texto, quantos momentos caberiam em só um texto. Entretanto, ficamos presos ao tempo de aula semanal de somente duas aulas. Tais dados denotam este silenciamento da literatura na escola, da importância de formar leitores no espaço escolar, assim, urge que este lugar seja ampliado, tanto na grade curricular quanto na disponibilidade da carga horária.

C) RELAÇÃO PROFESSORES E ALUNOS

A afetividade, o acolhimento do professor com os seus alunos foram elementos que surgiram nas respostas dos professores, palavras de amor, a cada encontro de educação permanente, as histórias dos alunos, da rotina escolar sempre era a primeira pauta em algum momento do encontro. A evolução e compreensão do grupo fortaleceu a disciplina, sendo possível chegarmos até aqui. Passar experiências e promover exercícios de pensamento.

O falar-pedagógico expõe algo, deixa aparecer sugere um mundo, de maneira que ele mantenha sempre algo de enigma, algo que intriga, que pode fascinar. Talvez poderíamos dizer que ele não fornece argumentos, mas “quadros”, e que seja talvez a fábula (isto é, a história que é sempre a combinação paradoxal de uma narração e de uma imagem, a história que é sempre ambígua e que não contém em si moral, que por isso sempre recebe um acréscimo ao fim para resolver a ambiguidade, a história que, assim, solicita, ao mesmo tempo que confirma, a capacidade do leitor ou do ouvinte de ler, de compreender, de ver, de pensar em si próprio que possa ser considerada como paradigmática para falar-pedagógico (a fábula, portanto, não é o meio, aqui, como nas formas de falar filosófico e político). O falar-pedagógico (des)cobre mundos, faz que tudo comece a falar, pois a tudo é dado o poder de nos dizer algo [...] (LARROSA, 2021, p. 36).

Cientes de uma relação que não foi somente profissional, o falar pedagógico envolveu mais do que aulas expositivas e formação de professores de Literatura e Produção Textual. Esta tese envolveu sentimentos e ampliou os momentos afetivos entre o grupo de professores. Nós nos escutamos, dialogamos e experimentamos o que cada um vivenciou naquele ano. Nos interessamos na prática de cada professor

para compor os elementos necessários para uma futura formação de professores em Literatura e Produção Textual. O acolhimento do professor com os seus alunos foi um fator importante para a sequência do componente curricular e para a darmos a ênfase ao poder que a leitura e a experiência de ler tem na formação dos estudantes.

D) PLANEJAMENTO E REESTRUTURAÇÃO DO TEXTO

A partir da apresentação dos gêneros textuais, o planejamento das aulas de acordo com os professores, seguiu uma sequência de escolha do gênero, contação de histórias e depois a produção textual. Um elemento chave seria o que questionamos, a reestruturação do texto após a produção do alunos escritor. Como o grupo atuava com relação à reestruturação textual?

Quando peço para o meu aluno escrever um texto, e neste texto, ele não tenha atingido a proposta, por não estar familiarizado com os mesmos. (Outono);

Através de imagens, outros textos literários, músicas, contos, fábulas, etc...(Lavanda);

Fazendo a leitura compartilhada, depois os alunos produzem sendo na narrativa ou escrita e assim realizamos a reestruturação textual (Tradição).

Percebemos que os três professores se manifestaram de forma positiva ao falar de reestruturação de texto. O instrumento de reescritura, para o aluno, possibilitou a compreensão de como se produz textos e ideias. A linguagem aqui se manifestou através das letras, ou para os pequenos, por desenhos, e os professores de literatura e produção textual experimentaram a relação social da linguagem. A relação subjetiva do envolvimento entre aluno e professor no processo de escrita, expressaram valores e acompanhamento da evolução dos professores no sentido de ressignificar o trabalho pedagógico e de produção textual. Concordando com Bakhtin nos envolvemos na comunicação e produzimos elementos que contribuem para o enunciado.

E) ATUAÇÃO COMO PROFESSOR

Dentro das formações, entre prosas e experiências, relatamos a imagem do desejo de realidade. Atuar como professores em um campo tão complexo, por vezes nos faz ficar sem sentido e não saber por onde começar e terminar. Para Jorge Larrosa (2019) entre ler, escrever e dialogar, apresenta uma reflexão que nos coube aqui pensarmos junto a ele:

Podemos dizer que a pedagogia é esse conjunto de discursos mais ou menos especializados que serve para nomear o que há, o que acontece ou o que nos acontece em uma série de ambientes vitais ou existenciais determinado, os que têm a ver com a educação. E prestem atenção em que digo “vitais” e não simplesmente “profissionais”. O que acontece é que esses discursos (talvez precisamente porque são profissionais e não vitais ou existenciais) raramente surpreendem, ou comovem, ou golpeiam com o que antes se chamava “a legitimidade, a força, a presença a intensidade ou do brilho do real”. Algo que de fato acontece, às vezes, com a literatura, as artes, o cinema ou a filosofia. Ou ao menos com certa literatura, com certas artes, com certo cinema e com certa filosofia. Como se o escritor, o artista, o cineasta ou o filósofo é que fossem sim, às vezes, capazes dessa relação com o real na qual o real está cheio de realidade (LARROSA, 2019, p. 109).

Ser formadora, possibilitou identificar alguns dos problemas que enfrentamos como professores em atuação escolar, as conversas também se encontram com as nossas angústias diárias.

A professora Outono relatou a sua disposição por ter duas escolas para atuar, pude perceber uma afinidade maior dos alunos pela matéria e também um crescimento no aprendizado dos mesmos, sou apaixonada pelo meu trabalho e por meus alunos (Outono).

A professora Geada não respondeu a pergunta no papel.

Entretanto, nos bastidores da formação, ela relatou não ter se identificado com o componente curricular LPT e que gostaria de se transferir para uma escola do estado. Um desabafo importante, porém preocupante, já que esta professora não estava satisfeita com o seu emprego e muito menos com a formação leitora. Esta mesma professora *Geada*, nomeada em homenagem aos campos gelados da serra, representa muitos colegas de profissão, e mesmo insatisfeita, por falta de outras opções, permaneceu por dois anos atuando com os alunos do pré-escolar ao quinto ano.

6.2 O RETORNO DO MOVIMENTO DA LITERATURA EM SEU LUGAR

A consciência da realidade escolar nos leva a pensar em como podemos transformar nossos passos e concepções de leitura a partir de nós mesmos, para depois ampliarmos para os alunos das escolas. A chave está na necessidade de se criar um método para se trabalhar a literatura e escrita na escola.

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. (COSSON, 2014, p. 17)

Exercitar a leitura na intenção de ampliar os nossos horizontes e acreditarmos que pelas aulas de literatura podemos melhorar os Índices de Desenvolvimento Básicos, onde os alunos e professores serão capazes de interpretar suas ideias e tornarem-se críticos, cidadãos conscientes e independentes.

A experiência literária pode, além de nos permitir saber sobre a vida, ser ampliada aos alunos e professores. A ficção em seu papel, possui a função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras, cores e sabores. (COSSON 2014, p. 18)

O estudo baseado nas habilidades do estudante mudou a visão dos professores que, até aquele momento da educação, trabalhavam de forma tradicional, centrados na explicação do professor. Percebemos que após as formações de 2019, através das atividades apresentadas fomos percebendo a evolução das professoras. Principalmente na contação de histórias e na ampliação da Produção Textual.

Nos anos que antecederam esta pesquisa, recebíamos muitas reclamações das diretoras das escolas, durante o acompanhamento dentro das salas de aula percebemos a literatura somente como uma forma de substituição do professor regente e as aulas sendo utilizadas para pintar personagens das histórias que não eram contextualizadas com as atividades. Segue um exemplo do antes:

Formadora: A história da lara foi trabalhada em sua aula, como foi a sua experiência?

Lavanda: Lemos a história e fizemos um desenho.

Formadora: Alguma Produção Textual?

Lavanda: Não, somente o desenho.

No momento em que questionamos a professora Lavanda sobre a continuidade de sua história, como ela poderia aproveitar o momento para explorar mais a leitura, sentimos que ela ficou constrangida. De fato, as atividades além da leitura e do desenho, não aconteciam por falta de saber como conduzir as próximas etapas do aproveitamento da aula do componente curricular Literatura e Produção Textual.

Um fio condutor, em particular, percorre os textos que a compõem: desde a mais tenra idade, e durante a vida inteira, a literatura, oral e escrita, e as práticas artísticas têm uma relação íntima com a possibilidade de encontrar o seu lugar. (PETIT, 2019, p. 12)

As conversas com o grupo de Literatura tiveram um gatilho especial para os encontros de formação continuada de 2019, o grupo que estava atuando queria aprender a explorar novas atividades, com objetivos diferentes e alcançar novos passos na metodologia aplicada nas salas de aula.

Parabéns pelo excelente trabalho e dedicação, ao longo do tempo que trabalhamos juntos, esteve sempre disponível para ajudar (Camomila);

Aprendi a desenvolver novas atividades e a seguir uma sequência, como se fosse um tema, mas é uma história, no momento já tenho material e muitas atividades para apresentar (Florescer).

Por essas palavras, percebemos que os objetivos propostos foram alcançados no sentido de transformação do ato de leitura, escrita e conversa que envolveram os professores de Literatura e Produção Textual, para além de novas oportunidades de trabalhar com a leitura em outros momentos das carreiras das professoras.

No nosso Convescote Literário, o sétimo encontro programado, foi como uma festa da leitura, desde março o trabalho que parecia tão subjetivo de ser cumprido, tomou forma e todas estavam empolgadas com as suas poesias e trabalhos realizados. Nesse dia tivemos a visita da secretária de Educação do Município de

Lages que fez questão de dar um abraço em cada uma e agradecer o trabalho executado durante o ano de 2019.

Construímos um ano diferente, com novas possibilidades (Erva-Mate).

Para além de contar histórias, consolidamos um modelo de atuação para o componente de Literatura e Produção Textual. Baseados em composição de linguagem, acolhimento das demandas, mudanças de rotas. Os encontros de formação continuada foram tomando forma e se fazendo diferente durante o percurso. Diante dos desafios da construção de modelos que possam ter efeitos, fomos nos organizando e nos amparando em teorias para termos potência e forças para enfrentar. Rancière (2019) foi um dos autores que nos acompanhou neste processo.

[...] pode-se ensinar o que se ignora, desde que se emancipe o aluno; isto é, que se force o aluno a usar sua própria inteligência. Mestre é aquele que encerra uma inteligência em círculo arbitrário do qual não poderá sair se não se tornar útil a si mesma. Para emancipar um ignorante, é preciso e suficiente que sejamos, nós mesmos, emancipados; isso é, conscientes do verdadeiro poder do espírito humano (RANCIÈRE, 2019, p. 34).

Ao colocar os professores de Literatura e Produção Textual como responsáveis pelo processo de emancipação dos alunos, foi preciso ampliar seus repertórios literários e expor situações para que os mesmos pudessem reproduzir nas suas práticas de sala. A transparência do uso da linguagem literária para os alunos se faz necessária na medida em que utilizamos a leitura como fonte de conhecimento de acordo com seus próprios valores e representações.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM CANTO PARA OS ENCANTOS DAS LAJENS: NOVAS ESTRATÉGIAS PARA CONTINUARMOS

Ao juntar os retalhos
perto das tralhas da minha avó
Selma, vem sorrindo
Me pega no colo
Junta mais uns trapinhos
e vamos, minha filha, pega essa agulha
e resolve este remendo
O tempo está se indo
O cheiro da poesia se adentra
Não podemos fazer mais nada
Somente costurar e costurar
Tempo, cheiro, palavra
Palavra,
mais nada...
(Evelise, 2023).

Lajens foi o primeiro nome da nossa cidade, a localidade de Nossa Senhora dos Prazeres das Lajens serviu de acampamento dos passantes entre São Paulo e o Rio Grande do Sul, aos poucos foi tomando forma e se tornando independente economicamente. O encontro que estabelecemos aqui entre palavras, livros e uma cidade que se propõe a formar leitores, nos permite dizer que estamos buscando, estudando, querendo ser melhores nos aspectos que envolvem a cultura de uma sociedade e ainda a ampliação das concepções de leitura que nos envolvem até aqui.

A Palavra, apenas palavra, dona de tudo o que imaginamos, controladora e eficiente, contou com passagens históricas, humanas e reais e se fez assim, de pedaços em pedaços, costurando, remendando, se faz e se desfaz, na certeza de nunca parar de buscar novos jeitos, novas reformas e continuar costurando e fazendo o tecido ser novo, ser rerepresentado, nos desafiamos, lemos mais do que coube em nós, parece uma sede sem fim.

Aos poucos, com orientações, vamos acalmando a euforia e colocando alguns pontos em seus lugares. Os campos de cima da serra, foram além do território da AMURES (SC), foram para a autora e pesquisadora a descoberta das infinitas possibilidades de explorar o que é a leitura. Formar leitores é formar-se também, aos poucos, o exemplo da leitura vai cativando outros corações.

A pesquisadora, em seu lugar, se reconhece em todas as versões de mãe, esposa, filha, irmã e a que me desafia diariamente: ser professora! A leitura

preenche as lacunas e constrói laços sólidos de compreensão, acolhimento e amar o que se faz. O sentido das mudanças se torna significativo quando se há empatia e diálogo.

Nos inserimos nas formações de Literatura e Produção Textual para encontrar o nosso caminho. Desde a escolha das leituras, focamos nos pontos que poderiam ser compartilhados em direção ao ensino de leitura na escola pública. Formados por treze professores e mais três formadores, percebemos ao longo do caminho processos grandes e pequenos ao mesmo tempo, entre projetos, leitura, eventos literários, buscamos soluções para o direcionamento e a ampliação do conceito de leitura entre os professores, por meio de experiências de leitura, para as suas atuações em sala de aula.

Esta pesquisa abriu caminhos para criarmos novos espaços entre a leitura, prosa e viola, enfrentamos os desafios, por isso, tivemos ganhos para a educação escolar, porém compreendemos que existem muitos processos soltos pela trajetória, primeiramente sobre o tempo que se disponibiliza ao componente curricular tanto para a formação de professores de Literatura e Produção Textual da rede pública municipal de Lages/SC, quanto para o tempo junto aos estudantes.

Além de experimentarmos as conversas e trocas de experiências entre os professores e os formadores, a partir do conceito do que é ser professor hoje, baseado nos pressupostos de Jorge Larrosa (2019), nos apropriamos definitivamente do conceito de ler, escrever e conversar para produção de conhecimento e ampliação da concepção de leitura dos participantes:

O par informação/opinião é muito em geral e permeia também, por exemplo, nossa ideia de aprendizagem, inclusive do que os pedagogos e psicopedagogos chamam de “aprendizagem significativa”. Desde pequenos até a universidade, ao longo de toda a nossa travessia pelos aparatos educacionais, estamos submetidos a um dispositivo que funciona da seguinte maneira: primeiro é preciso informar-se e, depois há de opinar, há que dar uma opinião obviamente própria, crítica e pessoal sobre o que quer que seja. A opinião seria como a dimensão “significativa” da assim chamada “aprendizagem significativa”. A informação seria o objetivo, a opinião seria o subjetivo, ela seria nossa reação subjetiva ao objetivo. Além disso, como reação subjetiva, é uma reação que se tornou para nós automática, quase reflexa: informados sobre qualquer coisa, nós opinamos. (LARROSA, 2019, p. 21).

Nos debruçamos na necessidade de adaptação dos professores de Literatura e Produção Textual quando, em 2017, iniciamos os estudos da Base Nacional

Comum Curricular (BNCC), para a sua implementação nos anos seguintes, que seriam a partir de 2018. O novo formato dos planos de aula e ainda o trabalho a partir dos gêneros textuais, seguindo os eixos de aprendizagem: leitura, oralidade e escrita, divididos em idades e etapas de desenvolvimento dos alunos, foram desafiadores.

A proposta de explorar o campo literário através desta pesquisa, envolveu a teoria em seus conceitos de linguagem e cultura, na intenção de integrar os elementos das narrativas para ampliarmos o entendimento crítico de como aproveitarmos a literatura como ferramenta emancipatória dos alunos em sua formação integral, que inclui pensar nas informações que recebem diariamente tanto na escola quanto nas suas casas e pelas mídias sociais. A literatura na escola tem o seu espaço, porém como trabalhamos em sala de aula é que nos questionamos. Vale contar histórias e pintar ou podemos incluir além de ler, mas também escrever e, principalmente, dialogar sobre os fatos que nos são apresentados. As novas perspectivas deste estudo, nos fizeram refletir e detectar outros aspectos das formações continuadas de professores de Literatura e Produção Textual.

A afirmação da identidade da linguagem a ser utilizada e o mais importante, a contradição entre formar leitores e escritores e ser um leitor e escritor, qual a própria concepção de leitura do nosso professor. Nos ancoramos na diversidade do diálogo, na exploração das experiências, mas também na troca de elementos que nos faz sermos melhores, como indivíduos e como modelos para a mudança social que tanto almejamos.

Nas categorias de análises, divididas em cinco, focamos nos diálogos dos professores através do questionário aplicado no sexto encontro de formação de Literatura e Produção Textual. A ampliação do conceito de literatura foi a primeira etapa, para nos apropriarmos da teoria literária e da linguagem para serem apresentados aos professores da formação continuada, a discussão com os treze professores focou no objetivo da leitura no espaço escolar e como integrar o aluno à cultura e às práticas culturais saindo da linha de fazer-se resumos de obras literárias.

No ensino fundamental, predominam as interpretações de texto trazidas pelo livro didático, usualmente feitas a partir de textos incompletos, e as atividades extraclases, constituídas de resumos dos textos, fichas de leitura e debates em sala de aula, cujo objetivo maior é recontar a história lida ou dizer o poema com suas próprias palavras. (COSSON 2014, p. 22)

O fazer diferente a cada encontro, sejam com professores ou alunos, a análise de qual identidade formamos e baseados em quais conceitos, na multiplicação de modelos didáticos, porém não baseados somente em conteúdos, mas conjuntamente nas vivências e no argumento original dos professores, para além de transformar a concepção do leitor, emancipar o indivíduo em seu espaço e tempo escolar. Acreditamos na tal maneira de olhar os fatos e afirmamos a especificidade das experiências de Jorge Larrosa (2019) e de Jacques Rancière (2019). Não tratamos somente de educação continuada de professores de Literatura e Produção Textual, mas de todos os aspectos pedagógicos que dão sentido ao ler, escrever e conversar, além de significar o que dá sentido à leitura e ao ato de escrever.

O tempo dedicado à leitura dentro do espaço escolar não nos permitiu criar momentos longos de experiências, pois além do espaço também ser delimitado, temos somente duas aulas semanais que integram a grade curricular do ensino fundamental dos anos iniciais. A conclusão que chegamos sobre o lugar em que trabalhamos é que precisamos de atenção voltada aos estudos e produção de Literatura e Produção Textual. Os momentos de aula não somam a experiência de ler uma obra literária completa e compreendê-la de forma integral. Além disso, a relação entre os professores e alunos fica prejudicada ao não haver tempo de atenção com a leitura e com a escrita e reestruturação dos textos. A formação dos professores de forma conteudista está fadado ao fracasso, há uma necessidade urgente de que a prática literária nas escolas tome espaço e que seja centro de aprofundamento de estudos, para promover a emancipação dos alunos envolvidos.

A ordem dos acontecimentos pluraliza as sequências dos encontros de formação continuada dos professores de Literatura e Produção Textual, as formações no momento não são mais específicas e com o mesmo grupo. Porém, quando nos encontramos nas salas de aula da vida, vemos pessoas emancipadas e carregadas de opiniões, lutando pela manutenção das formações continuadas, pela implementação de maior tempo com os estudantes e ainda com perspectivas de que possamos ser melhores na formação leitora dos estudantes, oportunizando um

encontro efetivo e duradouro com a leitura literária, por meio de experiências ricas e que ampliem suas subjetividade.

Educamos para mudanças sociais, de forma a libertar os pensamentos e pensarmos como nós próprios, com o propósito de converter situações impostas desde a base escolar. Como educamos e quais são os educandos.

O elemento constitutivo da evolução da comunicação entre os formadores e professores de Literatura e Produção Textual, tratou da ampliação do lugar dos gêneros textuais e na transformação da prática de utilização da linguagem. Buscamos agora aprender mais, nos consolidarmos como disciplina e termos o componente curricular emancipado dentro do sistema educacional de Lages/SC.

REFERÊNCIAS

BARBIER, RENÉ. **A Pesquisa-Ação**. Brasília: Plano, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. MAZZEO, Riccardo. **O elogio da Literatura**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é base**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_sit_e.pdf. Acesso em: 17 out. 2021.

BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. **Os primeiros passos na constituição de leitores autônomos: a formação do professor**. In: TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria T. (org.). *Leitor formado, leitor em formação: leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed. - São Paulo: Contexto, 2014.

EVERETT, Daniel L. **Linguagem: a história da maior invenção da humanidade**. Tradução de Maurício Resende. São Paulo: Contexto, 2019.

FAILLA, Zoara. (org.). **Retratos da leitura no Brasil**. 5 ed. 2021. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos_da_leitura_5_o_livro_IPL.pdf. Acesso em: 17 out. 2021.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de uma paradigma indiciários**. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

GRAY, Peter. **Uma breve história da educação e do nascimento da escola**. Tradução de Pedro Ribeiro Nogueira. 2021. Disponível em:

<https://educacaointegral.org.br/reportagens/uma-breve-historia-da-educacao-da-escola/>. Acesso em: 28 jul 2021.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade: *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

INEP. **Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em leitura, matemática e ciências no Brasil**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-verela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-nobrasil/21206>. Acesso em: 21 fev. 2021.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: cidades.ibge.gov.br. Acesso em 21 fev. 2021.

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2012.

LAGES. Prefeitura do Município de Lages. Secretaria da Educação. **Diretrizes Curriculares do Sistema Municipal de Educação de Lages/SC – DCSMEL: ensino fundamental**. Herval D'Oeste: Polimpessos Serviços Gráficos, 2021.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **A leitura Rarefeita/Leitura e livro no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: ontem, hoje e amanhã**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o que**: sobre o ofício do professor. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen Christine; CUBAS, Caroline Jaques. (orgs.). **Elogio do professor**. Tradução de Fernando Coelho, Karen Christine Rechia e Caroline Jaques Cubas. Belo Horizonte: Autêntica: 2021.

LIMA, Sergio Henrique. : <https://encurtador.com.br/cGWX3> Apresentação online do livro **As três perguntas do rei**, de Sandra Aymone <https://youtu.be/W6aVehFSHJg?t=163>

MICHALTCHUK, Ivana Elena. **O Processo de Formação de Professores: a experiência do Sistema de Educação Pública do Município de Lages/SC – UNIPLAC**. 2009. Disponível em:

<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/posteres/GT08-5274--Res.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. (org.) **Leitura e escrita: como aprender com êxito por meio da pedagogia por projetos**. São Paulo: Contexto, 2009.

PETIT, Michèle. **Leitura do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: Ed. 34, 2013.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PETIT, Michele. **Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje**. Tradução de Julia Vidile. São Paulo: Ed. 34, 2019.

PORTAL LAGEANO. Disponível em: [História de Lages - Portal Lageano](#). Acesso em 10 de set 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2009

QUARTETO CORAÇÃO DE POTRO. **Rainha**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/quarteto-coracao-de-potro/rainha/>. Acesso em: 04 mer. 2022.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante - cinco lições sobre a emancipação intelectual**; tradução de Lílian do Valle - 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

RAMOS, Jefferson Evandro Machado. **Gutenberg e a invenção da prensa móvel – Sua Pesquisa**. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/quemfoi/gutenberg.htm>. Acesso em: 12 jul. 2021.

REPÓRTER RIOGRANDENSE. **Sapecada da Canção Nativa**. 2017. Disponível em: <https://www.reporterriograndense.com.br/2017/06/sapecada-da-cancao-nativa.html#:~:text=A%20Sapecada%20da%20Can%C3%A7%C3%A3o%20Nativa%20C3%A9%20um%20festival,foi%20o%20primeiro%20festival%20nativista%20de%20Santa%20Catarina>. Acesso em: 04 mar. 2022.

ROSENDO, Marcos. **O texto, o leitor e o contexto: a leitura numa perspectiva interacionista**. S.d. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/portugues/o-texto-leitor-contexto-leitura-nu-ma-perspectiva-interacionista.htm>. Acesso em: 28 jul. 2021.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ENTRE LEITURAS, PROSA, VIOLA E PRÁTICAS DIGITAIS: LER, ESCREVER E CONVERSAR NA

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LITERATURA E PRODUÇÃO TEXTUAL DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE LAGES/SC

Pesquisador: FARACO DE OLIVEIRA
EVELISE PINTO ROSA

Área Temática:

Versão 5
:

CAAE: 00.5342
60606022.8.00

Instituição Proponente: FUNDO
UNIVERSIDADE DE PASSO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.696.693

Apresentação do Projeto:

Projeto de Tese de Doutorado em Letras da UPF que busca analisar a melhor versão para trabalhar com os professores de Literatura e Produção Textual, entre os modelos presencial ou online. Trata-se de um projeto de educação continuada que será desenvolvido com a participação de 18 professores de Leitura e Produção Textual da Educação Fundamental de Escolas Municipais de Lages-SC. Durante o acompanhamento pedagógico das aulas e das atividades de formação continuada, serão coletados registros que incluem questionários, atividades feitas durante os encontros presenciais que envolverão o planejamento das aulas, a organização da disciplina de Literatura e Produção Textual, as proposições de como trabalhar em sala de aula e a aplicação de um questionário a ser respondidos pelos professores ao final de cada etapa, destacando a visão de cada professor sobre o processo e sobre sua própria atuação. A análise dos dados coletados será qualitativa conforme critérios retirados da literatura de referência utilizada pela autora.

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LETRAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro professor, você está sendo convidado a participar da pesquisa, intitulada: ENTRE LEITURAS, PROSA, VIOLA E PRÁTICAS DIGITAIS: LER, ESCREVER E CONVERSAR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LITERATURA E PRODUÇÃO TEXTUAL DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE LAGES/SC, sendo a pesquisadora responsável Evelise Pinto Rosa Faraco de Oliveira, doutoranda do curso de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo/UPF, orientada pelo prof Dr. Miguel Rettenmaier. Esta pesquisa pretende analisar como se deu a transição das aulas de formação continuada dos professores de Literatura e Produção Textual entre o ambiente presencial para o virtual. Ao participar da pesquisa, você terá o benefício de analisar a sua trajetória em sala de aula e juntos proporcionarmos novos modelos e planos de atuação escolar, além de acompanhamento para tirar todas as dúvidas até o momento desta pesquisa. Você terá a garantia de receber esclarecimentos sobre qualquer dúvida relacionada à pesquisa e poderá ter acesso aos seus dados. Sua participação nesta pesquisa não é obrigatória e você pode desistir a qualquer momento. Vale ressaltar que você não terá qualquer despesa para participar da presente pesquisa e não receberá pagamento pela sua participação no estudo. Caso ocorra eventual dano comprovadamente decorrente da sua participação na pesquisa, você tem o direito de buscar indenização. Os dados relacionados à sua identificação não serão divulgados. Os resultados estarão disponíveis com garantia de sigilo dos dados no trabalho final de escrita do Doutorado em Letras. "Os possíveis riscos decorrentes da participação desta pesquisa podem envolver desconforto, constrangimento, sentir-se coagido, desrespeitado quanto à dignidade da pessoa humana, seus valores culturais, sociais, psíquicos, morais, éticos, intelectuais, religiosos, hábitos, crenças e costumes. Caso ocorra qualquer reação adversa eventual que possa lhe causar algum dano, você será encaminhado para o atendimento especializado."

Caso você tenha dúvidas sobre o comportamento dos pesquisadores ou sobre as mudanças ocorridas na pesquisa que não constam no TCLE, e caso se considera prejudicado (a) na sua dignidade e autonomia, você pode entrar em contato com o pesquisador a Evelise Pinto Rosa Faraco de Oliveira, cel. (49) 99944-5234 ou através do e-mail: 129384@upf.br, ou também pode consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da UPF, pelo telefone (54) 3316-8157, no horário das 08h às 12h e das 13h30min às 17h30min, de segunda a sexta-feira.

O Comitê está localizado no Campus I da Universidade de Passo Fundo, na BR 285, Bairro São José, Passo Fundo/RS. O Comitê de Ética em Pesquisa exerce papel consultivo e, em especial,

educativo, para assegurar a formação continuada dos pesquisadores e promover a discussão dos aspectos éticos das pesquisas em seres humanos na comunidade. Dessa forma, se você concorda em participar da pesquisa como consta nas explicações e orientações acima, coloque seu nome no local indicado abaixo.

Desde já, agradecemos a sua colaboração e solicitamos a sua assinatura de autorização neste termo, que será também assinado pelo pesquisador responsável em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com a pesquisadora Evelise Pinto Rosa Faraco de Oliveira.

Passo Fundo, 22 de setembro de 2022.

Participante desta pesquisa

Nome da pesquisadora: Evelise Pinto Rosa Faraco de Oliveira

CPF: 029.782.219-50

e-mail: 129384@upf.br

Rua Vidal Ramos Júnior, 195

Lages/SC

Cel: (49) 99944-5234 2

ANEXO C – PLANEJAMENTO SMEL



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE LAGES

Estado de Santa Catarina
Secretaria Municipal da Educação



EMEB: _____
Turma: _____ Turno: () matutino () vespertino
Professor(a): _____
Período do Plano de Aula: ____/____/____ a ____/____/____

PLANO DE AULA QUINZENAL

Leitura compartilhada: feita pelo professor na primeira aula do período, diversificando os gêneros textuais de acordo com a disciplina.

✓ **Unidade Temática/ Prática de Linguagem**

As Unidades Temáticas/ Prática de Linguagem definem um arranjo dos objetos de conhecimento ao longo do Ensino Fundamental adequado às especificidades dos diferentes componentes curriculares. Cada unidade temática/ prática de linguagem contempla uma gama maior ou menor de objetos de conhecimento. Aqui deverá estar descrita a unidade temática/ prática de linguagem, conforme consta na **Base Nacional Comum Curricular** da sua área de conhecimento.

✓ **Unidade Temática/ Prática de Linguagem**

As Unidades Temáticas/ Prática de Linguagem definem um arranjo dos objetos de conhecimento ao longo do Ensino Fundamental adequado às especificidades dos diferentes componentes curriculares. Cada unidade temática/ prática de linguagem contempla uma gama maior ou menor de objetos de conhecimento. Aqui deverá estar descrita a unidade temática/ prática de linguagem, conforme consta na **Base Nacional Comum Curricular** da sua área de conhecimento.

✓ **Objetos de Conhecimento:**

Cada objeto de conhecimento relaciona-se a um número variável de habilidades. Os objetos de conhecimento, aqui entendidos como conteúdos, conceitos e processos que, por sua vez, são organizados em unidades temáticas/ prática de linguagem, também deverão estar descritos conforme a **Base Nacional Comum Curricular**.

✓ **Habilidade(s):**

As habilidades expressam as aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos alunos nos diferentes contextos escolares. Aqui, deverão estar descritas as habilidades que se pretende desenvolver com esse plano de aula, em consonância com a **Base Nacional Comum Curricular**.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE LAGES

Estado de Santa Catarina
Secretaria Municipal da Educação



✓ **Finalidade:**

Nesse campo, o professor deverá descrever a sua intenção ou o seu objetivo. Afinal, o que se pretende realizar por meio dessa aula?
A finalidade apresenta um recorte da (s) habilidades (s) a ser (em) desenvolvidas na aula.

✓ **Ação Propositiva:**

Professor, nesse campo, descreva qual(is) o(os) procedimento(s) metodológico(s) que você pretende utilizar, a fim de contemplar a unidade temática/prática de linguagem o objeto de conhecimento e as habilidades de sua aula, para que a finalidade planejada possa ser alcançada.

✓ **Instrumentos Avaliativos:**

É de suma importância a descrição dos métodos avaliativos que serão utilizados em sua aula. Ressalta-se a necessidade de descrever também os instrumentos para realização da recuperação paralela.

✓ **Referências:**

O uso ético da informação é algo extremamente importante. Por esse motivo, deve-se citar e referenciar sempre todas as fontes utilizadas, distinguindo, assim, a informação que se criou e a informação que não é de sua autoria.

✓ **Acompanhamento da equipe gestora:**

Aqui, a equipe gestora deverá fazer os seus registros quanto ao acompanhamento pedagógico do professor.

✓ **Observações:**

Esse campo é para os registros pertinentes ao andamento de sua aula.

ANEXO D - LIVRO AS TRÊS PERGUNTAS DO REI

As Três Perguntas do Rei, conto popular adaptado por Sandra Aymone Adaptação Esta obra foi impressa na Grafilar Gráfica e Editora do Lar Anália Franco de São Manuel, em Sandra Aymone papel cartão (capa) e papel couché (miolo). Esta é a 2ª edição, 1ª reimpressão, datada de 2017, Coordenação editorial com tiragem de 8.000 exemplares. Juliana Furlanetti Sobre a Fundação Educar DPaschoal Ilustrações e Projeto Gráfico A Fundação Educar DPaschoal foi criada em 1989 e é o investimento social privado da Pandora BJ Foco Editorial Companhia DPaschoal. Acreditamos na educação para a cidadania como estratégia de Revisão transformação social gerando valor compartilhado nas comunidades. Katia Rossini Sarita Carvalho Para que a cidadania plena seja exercida é preciso garantir que as pessoas se reconheçam Realização como protagonistas de suas vidas e de suas Fundação Educar DPaschoal comunidades e desenvolvam a capacidade de interpretar o mundo através da leitura. Por www.educardpaschoal.org.br isso, elegemos dois programas que oferecemos F: (19) 3728-8085 à sociedade: o Educar para Ler e o Educar para o Protagonismo. Para saber mais sobre os projetos desenvolvidos, acesse nosso site. Baixe o APP Leia Comigo! para ler e ouvir histórias gratuitamente. (Disponível apenas para sistemas operacionais Android 4.4) *As Três Perguntas do Rei* conto popular adaptado por Sandra Aymone 2 Numa floresta distante, alguma coisa não ia bem... Todos os animais começavam a perceber que o Rei Leão já não era mais o mesmo. Vivia pensativo e abatido, com ar distante, como se alguma grande dúvida estivesse atrapalhando sua vida e até tirando seu sono real... Esta mudança também foi percebida pelo Macaco. Ele era o bobo da corte, quer dizer, seu trabalho era divertir o Rei e os outros bichos, contando piadas e inventando situações engraçadas. Até pouco tempo atrás, seu maior fã era justamente o Leão, que soltava enormes gargalhadas com as suas macaquices. Mas agora... não havia graça capaz de acabar com aquele ar de preocupação do Rei Leão... 3 Naquele dia, o Macaco tinha entrado com a corda toda na sala do trono. Já chegou perguntando: — O que é um pontinho branco correndo no meio da mata? 4 Como ninguém sabia, ele respondeu: — Uma formiga vestida de noiva, atrasada pro casamento! Toda a corte caiu na risada. Só o Rei continuou sério, como se não ouvisse nada. O Macaco não resistiu mais. Chegou bem perto do Leão e perguntou: — Meu senhor, vejo que há muitas semanas não consigo mais alegrá-lo. Vossa Majestade está doente? Tem algum problema difícil de resolver? Eu posso ajudar? 5 Como se estivesse acordando naquele momento, o Rei encarou o macaco, depois seus súditos e, finalmente, falou: — Por favor, desculpem meu comportamento estranho. É que há tempos venho me fazendo três perguntas que não consigo responder... — E que perguntas são essas, Majestade? — perguntou o Conde Raposo. E o Leão disse: 6 — São estas: qual é o lugar mais importante do mundo? Qual é a tarefa mais importante do mundo? Quem é a criatura mais importante do mundo? Todos se entreolharam em silêncio. Que perguntas difíceis! Ninguém sabia as respostas. O Macaco pediu a palavra: — Tenho certeza de que no Reino deve haver alguém que conheça a resposta para essas perguntas! E, se a alegria do nosso Rei depende disso, não vamos descansar até descobrir!... Tenho uma ideia: podemos lançar um concurso! Aquele que souber responder ganhará um prêmio! 7 Todos aprovaram a ideia, e ficou

decidido que o vencedor do concurso ganharia um baú cheio de moedas de ouro. 8 De olho naquele tesouro, milhares de bichos apareceram com as mais variadas respostas, porém nenhuma satisfez o Rei Leão, que a cada dia ficava mais distante e pensativo. Um dia, o Rei ficou doente e nenhum remédio o ajudava a melhorar. O Macaco não sabia mais o que fazer e comentou com seu amigo Coelho: — Todos já tentaram responder às perguntas! Não sei mais a quem recorrer... E, do jeito que vai, nosso querido Rei vai acabar morrendo! Naquele momento, passava por ali uma cobrinha que, ouvindo o que o Macaco tinha dito, pediu licença e falou: — Pois eu conheço alguém que pode responder a qualquer pergunta! É o doutor Coruja, o maior sábio da floresta! 9 — Se ele é tão sábio, com certeza já deve ter tentado, Cobrinha! — duvidou o Macaco — Afinal, quem não quer ganhar um baú cheio de ouro? — Acho que ele não tentou, não. — respondeu a Cobrinha. — Ele vive no oco de uma árvore, lá no fim da mata, cercado de livros. Quando não está lendo, adora ensinar tudo o que sabe aos seus amigos. E sempre diz que não se interessa por dinheiro e riquezas, porque gosta da sua vida do jeito que é! Logo que soube disso, o Macaco foi contar ao Rei, que imediatamente enviou dois gorilas à casa do doutor Coruja, com ordem de trazê-lo de qualquer maneira. 10 Duas horas depois, os gorilas voltaram com a coruja. A corte estava reunida, aguardando sua chegada. O sábio parecia nem se importar com o que estava acontecendo e lia sem parar um grande livro de capa marrom. 11 12 Depois de ouvir as perguntas, doutor Coruja largou o livro, coçou a cabeça, deu alguns passos para um lado, depois para o outro, limpou os óculos, tossiu... Enquanto isso, o Rei Leão e todos bichos aguardavam, ansiosos, num silêncio tão completo que o voo de um mosquito parecia o barulho de um helicóptero! Finalmente, o doutor falou: — O lugar mais importante do mundo é aquele onde você está. O lugar onde você vive sua vida é o mais importante do mundo. É ali que você deve ser útil, prestativo e amigo, porque este é o seu lugar. Todos ficaram espantados ao ouvir uma resposta ao mesmo tempo tão simples e tão sábia! E ele continuou: — A tarefa mais importante do mundo não é aquela que você acha divertido fazer, mas a que precisa ser feita naquele momento. Às vezes, a gente só quer ficar deitado no meio das flores, olhando para o céu, mas, se ninguém cuidar do jardim, ele vai ficar cheio de ervas daninhas. E, se isso acontecer, num instante esse jardim deixará de existir... 13 Todos acharam que, mais uma vez, o sábio tinha toda a razão. E, então, ele respondeu à última pergunta: — E, finalmente, a criatura mais importante do mundo é aquela que precisa de você naquele momento, porque a vontade de ajudar desperta em você o mais belo sentimento que existe: a solidariedade. Os bichos acharam aquelas palavras tão belas e importantes que não resistiram: começaram a bater palmas e mais palmas, sem parar. 14 O doutor Coruja agradeceu e, como se não tivesse feito nada de mais, pediu licença para voltar para casa e acabar de ler seu livro... Naquele momento, o Rei Leão começou a recuperar a saúde. Para alegria de todos, deu um grande sorriso, porque, finalmente, tinha descoberto um sentido para a sua vida. Para mostrar seu agradecimento, decidiu presentear o doutor Coruja com algo que realmente teria valor para o sábio: um grande baú, cheio de livros de todos os tipos: romances, enciclopédias, poesias, aventuras e muito mais! 15 Dali para frente, ele passou a ser um governante ainda mais justo e preocupado com o bem-estar de todos os seus súditos. E fazia questão de ensinar às crianças do reino: — Tenha sempre certeza de que você está no lugar certo, dando conta de suas tarefas e ao

lado de pessoas que irão ajudá-lo a ser uma pessoa cada vez mais bacana! Aquele dia foi lembrado para sempre no reino como uma data especial. ISBN: 978-85-7694-269-6

APÊNDICE A – REGISTRO FOTOGRÁFICOS DOS ENCONTROS



APÊNDICE B – REGISTROS DOS QUESTIONÁRIOS REFLEXIVOS

	PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE LAGES Secretaria Municipal da Educação – SC Núcleo de Excelência em Educação Permanente - NEEP	
QUESTIONÁRIO REFLEXIVO* LITERATURA E PRODUÇÃO TEXTUAL		
Professor(a): <u>Marta Terezinha Borges A Cardata.</u> CPF: <u>026610449-83</u> Telefone: <u>991324100</u>		
1. Como você avalia a “Literatura e Produção Textual” como componente curricular do pré-escolar ao 5º ano?		
<p><i>A avaliação deve ser processual e contínua, através das atividades elaboradas.</i> <i>Como: Produção de diversos textos e interpretação e Histórias em quadrinhos e outras.</i></p>		
2. O que poderia ser melhorado em relação ao andamento das aulas?		
<p><i>O nosso tempo que é curto: em duas horas?</i></p>		
3. Como você trabalha a produção textual nas classes de alfabetização?		
<p><i>Através de diversos textos:</i> <i>Contação de histórias folclóricas, receitas, notulas... e leitura compartilhada.</i></p>		
4. De que maneira você articula os gêneros textuais no planejamento de suas aulas?		
<p><i>Gêneros: narrativa, informativa dissertativa etc.</i></p>		
<small>Professoras: Vanessa Branco/ Evelise Faraco/ Luciany Felício – Coordenação: Literatura e Produção Textual Secretaria da Educação: Av. Papa João XXIII, n.º 1115 – B. Petrópolis – CEP 88.505-200 – Lages/SC. ☎ (49) 3289-6523 – e-mail: portugues@educacaolages.sc.gov.br</small>		

5. Em quais situações você promove a reestruturação do texto?

Quando o aluno não alcança o objetivo da produção. Mas confesso que nem sempre consigo trabalhar com reestruturação de texto, por conta do pouco tempo de aula.

6. Como você avalia a sua atuação nesse ano de 2019?

Sabendo que é meu segundo ano de profissão, sinto-me contente pela melhora que tive em relação aos primeiros anos. No entanto, tenho muito que aperfeiçoar. Vamos lá!

*A entrega desse questionário respondido acresce 2h no cômputo da certificação.

QUESTIONÁRIO REFLEXIVO*

LITERATURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Professor(a):

CPF: 829026409-78

Telefone:

Rosita Das Graças Pereira
(49) 98407 1845

1. Como você avalia a "Literatura e Produção Textual" como componente curricular do pré-escolar ao 5º ano?

Eu acho super importante, por que q'que mais os alunos tem dificuldades e em interpretar e produzir textos, e eles começando cada vez mais cedo. Com isso eles tem oportunidade de compreender, tirar suas dúvidas deste gênero. E vão sair ganhando em conhecimentos em relação a outras escolas que não tem possuem esse componente curricular do pré ao 5º ano.

2. O que poderia ser melhorado em relação ao andamento das aulas?

Com primeiro lugar, deveria ter mais aulas, porque o tempo é muito curto para desenvolvermos os nossos trabalhos. Um livro para específico para o professor e ~~para~~ alunos.

3. Como você trabalha a produção textual nas classes de alfabetização?

Através das histórias contadas, os alunos vão falando e o professor vai produzindo da forma que o aluno conta e depois eles fazem um desenho com produção, canções, rimas.

4. De que maneira você articula os gêneros textuais no planejamento de suas aulas?

Exemplo: Eu começo falando sobre o gênero, digamos poema, explico do exemplo deixo eles falarem o que ~~as~~ eles entendem. Sobre, e o alunos vão falando, depois eu explico o gênero e vou fazendo perguntas sobre o assunto até sanar todas as dúvidas dos alunos.

QUESTIONÁRIO REFLEXIVO*
 LITERATURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

 Professor(a): Lucilene Fatima Oliveira

 CPF: 829027479-34 Telefone: (49) 998038855

1. Como você avalia a "Literatura e Produção Textual" como componente curricular do pré-escolar ao 5º ano?

É de suma importância para o desenvolvimento dos alunos, pois agregar e articular juntamente em parceria com os professores é fundamental para que ambos amplie seus conhecimentos.

2. O que poderia ser melhorado em relação ao andamento das aulas?

Acrescentar que mais atividades concretas, de mesmo produzir materiais nas formações e teoria e a prática

3. Como você trabalha a produção textual nas classes de alfabetização?

Procuro trabalhar com fantoches, livros ilustrativos que chamem a atenção dos alunos. Sequência de História com cartões no quadro, sendo uma História pequena.

4. De que maneira você articula os gêneros textuais no planejamento de suas aulas?

Quando entro em um determinado assunto que favorece um texto, procuro aquele tal texto e aplico na aula seguinte. Mas sabemos que a todo mundo trabalhamos o gênero textual

QUESTIONÁRIO REFLEXIVO*
 LITERATURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

 Professor(a): Kellen Cristina Zquinberger D. Ramos

 CPF: 623 757 179-53

 Telefone: 999 190957

1. Como você avalia a "Literatura e Produção Textual" como componente curricular do pré-escolar ao 5º ano?

É muito importante tanto para os estudantes, quanto para a professora regente, a literatura e a produção servem como suporte para ambos.

2. O que poderia ser melhorado em relação ao andamento das aulas?

Com certeza mais uma aula, e teríamos uma apostila com algumas atividades para que pudéssemos compartilhar atividades e ganharíamos tempo já que não apenas duas aulas. Temos tantos conteúdos que devem ser explorados, mas o tempo é curto.

3. Como você trabalha a produção textual nas classes de alfabetização?

Conto histórias, elas contam oralmente, desenham, dialogamos sobre o tema, interpretamos e reescrevemos.

Eles amam a contação de história. É só sólem que quando coloca o avental de Era uma vez, que vai contar e trabalhar uma nova história.

A leitura e o contato com os livros também realizo com eles.

4. De que maneira você articula os gêneros textuais no planejamento de suas aulas?

Com o 5º ano faço uma pesquisa dos gêneros com os estudantes no início do ano letivo e eles já se familiarizam com os gêneros.

Com as demais turmas vou trabalhar os gêneros através de "histórias" textos, individualmente. E eles devem ao final de cada estudo produzir um texto sobre o gênero estudado.

Os livros também precisam pesquisar o gênero que o autor escreveu.

QUESTIONÁRIO REFLEXIVO*
 LITERATURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

 Professor(a): Maírel Silveira Oliveira
 CPF: 02894791933 Telefone: 999161210

1. Como você avalia a "Literatura e Produção Textual" como componente curricular do pré-escolar ao 5º ano?

É fundamental, pois a produção e a Literatura nas escolas proporciona, maior conhecimento na área um momento onde as turmas tem oportunidade de se expressar e colocar em prática a escrita e a imaginação.

2. O que poderia ser melhorado em relação ao andamento das aulas?

O que poderia ser melhorado é o tempo das aulas em algumas ~~casas~~ turmas o tempo fica limitado por causa do lanche do recreio que ali eles voltam no raciocínio e na concentração é mais difícil.

3. Como você trabalha a produção textual nas classes de alfabetização?

Uso muito a ludicidade, conto histórias, músicas e depois faço ~~o~~ a escrita espontânea, na atividade proposta, uso palavras que se relacionam com as imagens.

4. De que maneira você articula os gêneros textuais no planejamento de suas aulas?

Geralmente eu uso os gêneros como base, coloco no planejamento antigas trabalho duas a três semanas com o mesmo gênero para fixar, todos os meus planejamentos são em base gêneros textuais.

5. Em quais situações você promove a reestruturação do texto?

Na correção do texto com os maiores eu faço correções no caderno pedindo semanalmente para olhar os cadernos com os menores eu vejo as atividades feitas se faz uma hipótese de escrita eu converso com o aluno e pergunto o que ele quis escrever.

6. Como você avalia a sua atuação nesse ano de 2019?

Acredito que foi satisfatória, muitos dos objetivos traçados para este ano foram atingidos, mas gostaria de fazer muitas coisas, mas o tempo não foi suficiente, gostaria de trabalhar com teatro e não consegui por exemplo.

*A entrega desse questionário respondido acresce 2h no cômputo da certificação.

5. Em quais situações você promove a reestruturação do texto?

Fazendo a leitura compartilhada (p) depois
o aluno produzem sendo na narrativa ou
escrita e assim realizamos a reestruturação
textual

6. Como você avalia a sua atuação nesse ano de 2019?

Por trabalhar em duas escolas e ter
realidades diferentes e também idades
diferentes deu o meu melhor dentro das
minhas possibilidades

*A entrega desse questionário respondido acresce 2h no cômputo da certificação.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE LAGES
 Secretaria Municipal da Educação - SC
 Núcleo de Excelência em Educação Permanente - NEEP



QUESTIONÁRIO REFLEXIVO*
LITERATURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Professor(a): Andréa C. Ramos.

CPF: 024.490.369 - 70

Telefone: (49) 999981401.

1. Como você avalia a "Literatura e Produção Textual" como componente curricular do pré-escolar ao 5º ano?

Fundamental para o desenvolvimento das crianças, pois eles começam a apreciar os livros e se encantam com a leitura juntamente com a produção.

2. O que poderia ser melhorado em relação ao andamento das aulas?

Na minha opinião o número de aulas poderia ser ampliada para três aulas ao invés de duas, pois as crianças aprendem muito com essas aulas.

3. Como você trabalha a produção textual nas classes de alfabetização?

Eu trabalho juntamente com a contação de histórias, pois através dela as crianças usam da sua imaginação para reproduzir as suas próprias histórias.

4. De que maneira você articula os gêneros textuais no planejamento de suas aulas?

De maneira geral eu trabalho com histórias não muito conhecidas com os pequenos, então os (gêneros) gêneros são bem explorados, principalmente os gêneros narrativos onde as crianças mais participam.

QUESTIONÁRIO REFLEXIVO*

LITERATURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Professor(a): Elizete de Souza RibeiroCPF: 923667169-15 Telefone: 984055797

1. Como você avalia a “Literatura e Produção Textual” como componente curricular do pré-escolar ao 5º ano?

Uma área bem importante em que é focado a importância de criar novas histórias e acontecimentos no dia a dia.

Co ver a curiosidade, o interesse das crianças em participar das atividades e criar novas histórias é muito gratificante.

2. O que poderia ser melhorado em relação ao andamento das aulas?

Mais tempo, para poder interagir mais com todos os estudantes, escutar suas ideias em relação as suas criatividade.

3. Como você trabalha a produção textual nas classes de alfabetização?

Inicialmente fazendo um diagnóstico com cada turma, ao construir de três a cinco palavras com a ^{letra} inicial do seu nome, após dependendo a turma construir frases ou um texto com as palavras, imagens, objetos, músicas infantis, etc.

4. De que maneira você articula os gêneros textuais no planejamento de suas aulas?

Contendo histórias sobre aquele gênero, explicando e dialogando, aceitando ideias de toda a turma, cada um com sua experiência.

QUESTIONÁRIO REFLEXIVO*
 LITERATURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Professor(a): ROSELENE MUNIZ RODRIGUES

CPF: 923.818.989-72

Telefone: 998308551

1. Como você avalia a "Literatura e Produção Textual" como componente curricular do pré-escolar ao 5º ano?

É de suma importância para ajudar na compreensão de todas as disciplinas. É também na compreensão de vida.

2. O que poderia ser melhorado em relação ao andamento das aulas?

Aumentar o número de aulas. E ter mais encontros com o objetivo de compartilharmos as atividades de literatura.

3. Como você trabalha a produção textual nas classes de alfabetização?

Contação de histórias. Escolho histórias em que eu possa usar o nome do personagem com a letra inicial dos personagens.

4. De que maneira você articula os gêneros textuais no planejamento de suas aulas?

Com atividades que requer o tipo de gênero. Passo o gênero: conteúdo e explicação. Após atividades.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE LAGES
Secretaria Municipal da Educação - SC
Núcleo de Excelência em Educação Permanente - NEEP



QUESTIONÁRIO REFLEXIVO*
LITERATURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Professor(a): Elisete F. de Jesus

CPF: 02073457951 Telefone: 1491388510155

1. Como você avalia a "Literatura e Produção Textual" como componente curricular do pré-escolar ao 5º ano?

Literatura e produção textual tem uma grande importância pois desperta no aluno o interesse pela leitura estimula a imaginação das crianças.

2. O que poderia ser melhorado em relação ao andamento das aulas?

Para o melhor andamento pode ser melhorado o tempo aumentando a quantidade de aula.

3. Como você trabalha a produção textual nas classes de alfabetização?

Através da contação de história e interpretação, e assim adentrando nos gêneros textuais.

4. De que maneira você articula os gêneros textuais no planejamento de suas aulas?

Contando histórias que não são tão conhecidas adentrando os gêneros sendo, poesias, fábulas e dentro dos gêneros sempre aguçando a imaginação dos pequenos.

5. Em quais situações você promove a reestruturação do texto?

Como eu trabalho só com pré I e pré II a escrita das
pequenos na maioria das vezes são fabulosos, então
eu sempre passo para que eles relatem o que escreve-
ram para eu poder reescrever as histórias escritas
por eles.

6. Como você avalia a sua atuação nesse ano de 2019?

Procurei realizar as atividades propostas em sala, da
melhor forma possível, apesar de alguns contratempos
me senti muito realizada, pois amo meu trabalho.

*A entrega desse questionário respondido acresce 2h no cômputo da certificação.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE LAGES
 Secretaria Municipal da Educação – SC
 Núcleo de Excelência em Educação Permanente - NEEP



5. Em quais situações você promove a reestruturação do texto?

Através de imagens, outros textos literários, músicas, contos, fábulas, etc.

6. Como você avalia a sua atuação nesse ano de 2019?

Novo aprendizado e criativa.

*A entrega desse questionário respondido acresce 2h no cômputo da certificação.

5. Em quais situações você promove a reestruturação do texto?

Quando observo que tem muitos erros de gramática, ortografia e do gênero textual, muitas vezes os estudantes não conseguem escrever o que pedimos, e preciso nestes casos pedir que reestruturassem. Tenho alguns alunos que pedem para reescrever seus textos e pedem auxílio.

6. Como você avalia a sua atuação nesse ano de 2019?

Bom, queria ter trabalhado mais, mas o tempo é muito curto. As vezes algumas aulas precisaram de mais uma hora para que fosse excelente. Um pouco triste porque alguns alunos não sabem o valor da leitura e da escrita e que não valorizam o momento. Amo trabalhar esta disciplina, e termino o ano realizado.

*A entrega desse questionário respondido acresce 2h no cômputo da certificação.

QUESTIONÁRIO REFLEXIVO*
 LITERATURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

 Professor(a): Conceição ap^o de Jesus da Silva

 CPF: 665 949 109 06

 Telefone: (49) 99965 4270

1. Como você avalia a "Literatura e Produção Textual" como componente curricular do pré-escolar ao 5º ano?

Fundamental, pois com a literatura a criança desenvolve diferentes habilidades, desenvolve a criatividade física, através da música, teatro etc. A leitura, através de atividades com os livros da literatura, escrita através da produção...

2. O que poderia ser melhorado em relação ao andamento das aulas?

A quantidade de aulas de 2 para 3, e confecção de materiais práticos e didáticos, como fantoches, saídas a campo, (teatro, cinema etc). Um espaço para a contação.

3. Como você trabalha a produção textual nas classes de alfabetização?

Sempre com uma história como base para iniciar, apresentando o livro: capa, ilustrações, autor, ilustrador, explorando o saber comum que o aluno trouxe, em seguida lendo a história.

4. De que maneira você articula os gêneros textuais no planejamento de suas aulas?

não consigo trabalhar sem os gêneros, é partindo deles que planejo as aulas. busco sempre um livro onde apareça o gênero que pretendo fazer a sequência didática.

5. Em quais situações você promove a reestruturação do texto?

Passo uma produção de texto, e cobro o que
 ele trabalhei e expliquei para o aluno quando
 eu vejo que à dúvidas ou chamando (ênf) na
 mesa e vou mostrá-lo e montando o
 texto junto com o aluno.

6. Como você avalia a sua atuação nesse ano de 2019?

Em relação ao ano de 2018, estou evoluindo
 cada vez mais, espero dar continuidade em
 2020.

*A entrega desse questionário respondido acresce 2h no cômputo da certificação.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE LAGES
Secretaria Municipal da Educação - SC
Núcleo de Excelência em Educação Permanente - NEEP



5. Em quais situações você promove a reestruturação do texto?

Através do escrito.

6. Como você avalia a sua atuação nesse ano de 2019?

Por ser melhor.

*A entrega desse questionário respondido acresce 2h no cômputo da certificação.

QUESTIONÁRIO REFLEXIVO*

LITERATURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Professor(a): Priscila M. Mazzuchetti
 CPF: 089.130.519-07 Telefone: 98838-6645

1. Como você avalia a "Literatura e Produção Textual" como componente curricular do pré-escolar ao 5º ano?

Particularmente, gosto bastante em trabalhar a produção textual desta forma, tendo aulas específicas para este momento de produção. Penso ser importantíssimo que nossos alunos tenham desde pequenos o contato com os gêneros textuais e também com a literatura infantil.

2. O que poderia ser melhorado em relação ao andamento das aulas?

Mais aulas. Trabalhar a produção textual com alunos menores, que ainda estão começando a ter contato com o mundo da leitura e escrita, com apenas 2 aulas semanais é insuficiente.

3. Como você trabalha a produção textual nas classes de alfabetização?

Priorizo a escrita espontânea. Faço leitura compartilhada e também tomo o papel de escriba sempre que necessário.

4. De que maneira você articula os gêneros textuais no planejamento de suas aulas?

Depende muito. Mas, gosto de aproveitar situações reais para ~~de~~ mostrar aos alunos a função social de cada gênero. Por exemplo: trabalhar o convite de festas e eventos da escola; com o JEP, estou trabalhando com panfletos e cartazes.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE LAGES
 Secretaria Municipal da Educação - SC
 Núcleo de Excelência em Educação Permanente - NEEP



5. Em quais situações você promove a reestruturação do texto?

*Citantes da escrita
 e a leitura oral e trabalho
 em duplas etc.*

6. Como você avalia a sua atuação nesse ano de 2019?

*Eu pra mim; foi maravilhosa.
 as farmadadas estão de
 paratões: titemas farmacia
 tem produtiva e tracas de
 idlias tem gratificante.
 Obrigadas!*

*A entrega desse questionário respondido acresce 2h no cômputo da certificação.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE LAGES
Secretaria Municipal da Educação - SC
Núcleo de Excelência em Educação Permanente - NEEP



QUESTIONÁRIO REFLEXIVO*
LITERATURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Professor(a): Chela Marques da Silva Skippa
CPF: 334.857.378-18 Telefone: (49)99977-5518

1. Como você avalia a "Literatura e Produção Textual" como componente curricular do pré-escolar ao 5º ano?

Importante, pois é um auxílio para as aulas de português, e também um incentivo à leitura.

2. O que poderia ser melhorado em relação ao andamento das aulas?

Mais aulas, pois o tempo é curto.

3. Como você trabalha a produção textual nas classes de alfabetização?

1º ano - palavras dentro da história.
2º ano - frases usando palavras da história.
3º ano - textos - recortes das histórias.
Interpretar sempre.

4. De que maneira você articula os gêneros textuais no planejamento de suas aulas?

Então trabalho um gênero dentro da história. Ex:
Cachinhos dourados - receita
Universário do rei alfabeto-comite.
Elise no país das maravilhas - bilhete.
Os músicos de Bremen - contos, etc...



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE LAGES
 Secretaria Municipal da Educação - SC
 Núcleo de Excelência em Educação Permanente - NEEP



5. Em quais situações você promove a reestruturação do texto?

Quando o texto é mais curto como convite, bilhete etc...

6. Como você avalia a sua atuação nesse ano de 2019?

Acredito que a minha atuação foi de acordo com a realidade. Sabemos que hoje para comprar tudo demanda de dinheiro,

*A entrega desse questionário responde 2h no cômputo da certificação.

5. Em quais situações você promove a reestruturação do texto?

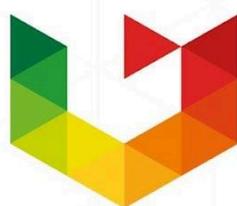
Quando determino o conteúdo que ministrei por exemplo: se o livro (Canta) que apresentei foi escrita por eles, seleciono umas três para compartilhar com a turma chamando aos pontos principais do gênero, isto se for do 3º ao 5º, determino o que quero e reestruturamos, no coletivo, chamando um a um enquanto escrevem.

6. Como você avalia a sua atuação nesse ano de 2019?

Foi razoável, poderia ter sido melhor se na escola tivesse um espaço onde pudesse utilizar para a contação.

5. 1º e 2º chamo um a um enquanto os outros estão produzindo, em praticamente todas as aulas, seja frases, palavras ou textos maiores.

*A entrega desse questionário respondido acresce 2h no cômputo da certificação.



UPF
UNIVERSIDADE
DE PASSO FUNDO

UPF Campus I - BR 285, São José
Passo Fundo - RS - CEP: 99052-900
(54) 3316 7000 - www.upf.br